



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL: PASSO A PASSO A TRAVESSIA SE FAZ

Animação bíblica da pastoral – Abp — Irmão Nery, fsc, p. 3

A lectio divina — Dom Orani João Tempesta, p. 10

A caminhada no deserto: Introdução à leitura de Êxodo 15,22-18,27 — Equipe do Centro Bíblico Verbo, p. 13

Não acumular... memória que deve permanecer viva! Uma leitura de Êxodo 16,1-3.12-21 — Maria Antônia Marques, p. 21

Deus está em guerras? Uma leitura de Êxodo 17,8-16 — Shigeyuki Nakanose, svd, p. 29

Mulher, homem e família – Uma leitura de Êxodo 18,1-12 — Maria Antônia Marques, Shigeyuki Nakanose, svd, p. 36

Roteiros homiléticos — Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj, p. 45

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Passo a passo, a travessia se faz! Esse é o lema do mês da Bíblia de 2011, que enfocará o trecho do livro do Êxodo 15,2-18,27, a caminhada do povo de Deus através do deserto. Passo a passo, continuamos a nossa travessia, como povo de Deus que busca a superação das injustiças e sofrimentos, rumo à terra prometida: o Reino, já presente, mas em travessia aberta para maiores realizações, até a sua realização plena, quando Deus será tudo em todos. Em meio às dificuldades, crises, conflitos, alegrias e vitórias do “deserto”, reforçamos a esperança no amor de Deus que se manifesta na história.

Retomar a caminhada do Êxodo e retomar sempre a Escritura é forma segura de renovar a esperança, fortalecer-se na caminhada e encontrar luzes para superar os obstáculos cotidianos. A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja da América Latina tem dado passos significativos no sentido de tornar a Bíblia acessível ao povo, mais conhecida e aprofundada e presente na pastoral. Muitos têm sido os esforços e os resultados alcançados nessa travessia. Ultimamente, a Conferência de Aparecida deu novo impulso a essa caminhada, destacando a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral (DAp 248). O Sínodo dos Bispos de 2008, sobre a palavra de Deus na vida da Igreja, recomendou que se incrementasse a pastoral bíblica, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como “animação bíblica da pastoral inteira”. “Não se trata simplesmente de acrescentar qualquer encontro na paróquia ou na diocese, mas de verificar que, nas atividades habituais das comunidades cristãs, nas paróquias, nas associações e nos movimentos, se tenha realmente a peito o encontro

pessoal com Cristo, que se comunica a nós na sua palavra” (Verbum Domini, n. 73). Não se trata, portanto, simplesmente de reforçar uma pastoral bíblica específica, separada das outras, mas de animar a pastoral toda com a Palavra de Deus. Também não se pode restringir a maior atenção à Bíblia ao chamado “mês da Bíblia”. A exortação pós-sinodal motiva também a intensificação da animação bíblica como meio de preparar melhor os fiéis diante de “alguns problemas pastorais referidos durante a assembleia sinodal, ligados, por exemplo, à proliferação de seitas, que difundem uma leitura deformada e instrumentalizada da Sagrada Escritura”.

Em atenção à Conferência de Aparecida, ao Sínodo dos Bispos e aos sinais dos tempos, precisamos dar novos passos nessa travessia. A Igreja no Brasil, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, promoverá de 8 a 12 de outubro, em Goiânia, o 1º Congresso de Animação Bíblica da Pastoral, uma oportunidade de buscar luzes para aumentar a centralidade da Bíblia na pastoral como um todo.

Além dessas macroiniciativas dos organismos eclesiais, existem iniciativas pessoais e comunitárias que podemos promover para desenvolver a animação bíblica de maneira permanente. Um dos melhores exemplos nesse sentido é a leitura orante da palavra de Deus.

Aprofundando o conhecimento da Bíblia e de seu contexto e proporcionando essa riqueza ao povo, evitaremos o risco de fazer também nós leituras deformadas e instrumentalizadas da Palavra de Deus.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin,
Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia,
Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65015-370 - SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracas@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

– ABP

Irmão Nery, fsc*

“O Sínodo (de 2008) convidou a um esforço pastoral particular para que a palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja, recomendando que ‘se incremente a pastoral bíblica, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como animação bíblica da pastoral inteira’” (Bento XVI – Verbum Domini, n. 73).

1. O ACESSO DOS CATÓLICOS À BÍBLIA

Um dos documentos fundamentais do Concílio Vaticano II (1962-1965) é a constituição dogmática *Dei Verbum* (*A palavra de Deus* ou *A revelação divina*), promulgada na oitava sessão conciliar, no dia 18 de novembro de 1965. Apesar de ser um dos mais breves documentos do concílio, é, sem dúvida, um dos mais ricos em doutrina e orientações pastorais, sinalizando uma verdadeira conversão da Igreja Católica no que diz respeito à palavra de Deus e, mais precisamente, à Bíblia. Mas que mudança é essa se o próprio concílio afirma categoricamente a primazia da palavra de Deus na vida da Igreja? Diz o documento: “A Igreja sempre teve e tem as Divinas Escrituras, juntamente com a Tradição, como suprema regra de fé, porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito, de uma vez para sempre, comunicam a palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos profetas e apóstolos a voz do Espírito Santo” (DV 21).

E a DV, como o diz a citação acima, não se refere apenas à palavra de Deus escrita nas Sagradas Escrituras, isto é, na Bíblia, mas a toda a revelação divina. E isso está expresso no título oficial do documento: *Constituição dogmática sobre a divina revelação*. Ora, o objetivo maior dessa constituição é exatamente sintetizar o que a Igreja Católica ensina sobre a divina revelação e a sua transmissão, insistindo no modo específico católico de tratá-la, isto é, levando sempre em consideração a estreita união e complementaridade entre Sagrada Escritura, Tradição e Magistério eclesial. Nesse caso, a constituição expressa, certamente, significativo esforço de unidade e de síntese quanto à apresentação dos fundamentos de nossa fé cristã.

Na verdade, as orientações práticas de tudo o que consta na DV expressam uma novidade que é das mais preñes de consequências para a vida da Igreja: os leigos e a Bíblia. Diferentemente do que acontecia ao longo de séculos, quando os fiéis leigos não tinham acesso à Bíblia, eis o que a DV diz, mais precisamente no parágrafo 22: “É preciso que o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos

* Religioso do Instituto dos Irmãos de La Salle, graduado em Filosofia e Teologia pela Universidade Lateranense (Roma), especialista em Catequese, escritor (57 livros), membro do Greco/CNBB e presidente da Sociedade de Catequistas Latino-Americanos (Scala). O presente artigo foi escrito em função do 1º Congresso Brasileiro de Animação Bíblica da Pastoral (Goiânia, 8-11 de outubro de 2011).

fiéis”. E acrescenta, no item 25: “Exorta igualmente o santo concílio todos os fiéis cristãos [...], com veemência e de modo peculiar, a que, pela frequente leitura das divinas Escrituras, aprendam ‘a eminente ciência de Jesus Cristo’ (Fl 3,8), porquanto ‘ignorar as Escrituras é ignorar Cristo’ (S. Jerônimo, *Comm. in Is.*, Prol.: PL 24,17). Acessem, portanto, de boa mente, o próprio texto sagrado” (DV 25). E recomenda ainda, no mesmo parágrafo 25: “Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração a fim de que se estabeleça o colóquio entre Deus e o homem, pois ‘a Ele falamos quando rezamos e a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos” (S. Ambrósio, *De Officiis ministrorum*, 1,20,88: PL 16,50).

2. PASTORAL BÍBLICA

A partir desse impulso do Concílio Vaticano II, multiplicaram-se em todos os países iniciativas para facilitar aos fiéis o acesso às Sagradas Escrituras. E então, aos poucos, foi se organizando nas dioceses e paróquias o que passou a ser denominado de pastoral bíblica. Ela congrega e dinamiza, com base no plano orgânico de pastoral, as iniciativas de acesso do maior número possível de fiéis à palavra de Deus e também cuida da formação bíblica deles.

A própria constituição dogmática, no parágrafo 22, dá sugestões práticas para a efetivação dessa formação, que pode ocorrer “quer pela Sagrada Liturgia, repleta da palavra de Deus, quer pela piedosa leitura, quer por cursos apropriados e por outros meios que, com a aprovação e o empenho dos pastores da Igreja, hoje em dia louvavelmente se difundem por toda parte” (DV 25).

Outra sugestão se refere à tradução da Bíblia: “Como a palavra de Deus deve estar à disposição de todas as épocas, cuida a Igreja, com materna solicitude, que se façam, para as várias línguas, versões adequadas e corretas, principalmente dos textos originais dos livros

sagrados (...) inclusive em colaboração com os irmãos separados” (DV 25).

Para tanto, é fundamental, reconhece o concílio, que os pastores e demais líderes católicos tenham boa formação bíblica:

Eis por que é necessário que todos os clérigos, sobretudo os sacerdotes de Cristo e os outros que, como os diáconos ou os catequistas, legitimamente se consagram ao ministério da Palavra, se apeguem às Escrituras, por meio de assídua leitura sacra e diligente estudo, para que não venha a ser vão pregador da palavra de Deus, externamente, quem não escuta interiormente, quando especialmente na Sagrada Liturgia tem que comunicar aos fiéis a ele confiados as vastíssimas riquezas da palavra divina (DV 25; cf. DV 23-24).

A DV dá importantes recomendações aos exegetas e aos teólogos. Assim, incentiva os exegetas a desempenhar a missão que lhes cabe, sempre, porém, sob a orientação dos pastores. Recomenda que a Sagrada Escritura seja a alma da teologia, que “se apoia, como em perene fundamento, na palavra escrita de Deus, juntamente com a Sagrada Tradição, e nessa mesma palavra se fortalece firmíssimamente e sempre se remoça, perscrutando, à luz da fé, toda a verdade encerrada no mistério de Cristo” (DV 24). Em consonância com o que viemos afirmando, vale aqui a citação do número 24 da DV: “Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da Palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homília litúrgica”.

O papa Bento XVI, na *Verbum Domini*, n. 75 – a exortação apostólica suscitada pelo Sínodo de 2008, datada de 30 de setembro de 2010 –, reforça as mesmas recomendações do concílio e acrescenta outras. Nessa exortação apostólica, diz o papa: “Desejo indicar algumas linhas fundamentais para uma redescoberta, na vida da Igreja, da palavra divina, fonte de

constante renovação, com a esperança de que a mesma se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial” (VD 1).

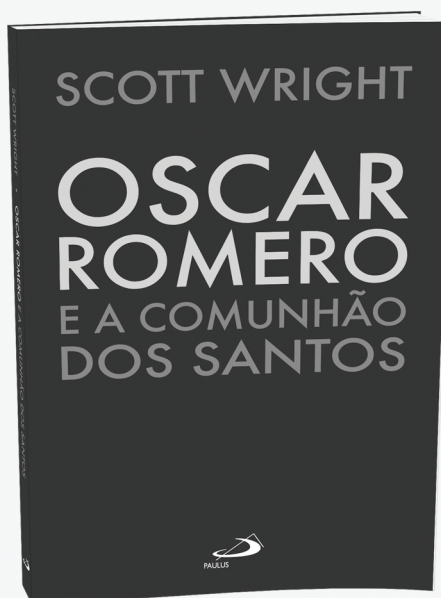
Ele pede, por exemplo, especial atenção ao apostolado bíblico e aos centros de formação para leigos e missionários, nos quais se aprende a compreender, viver e anunciar a palavra de Deus, mas também aos institutos especializados em estudos bíblicos, a fim de dotarem os exegetas de sólida compreensão teológica e de adequada sensibilidade para os ambientes da sua missão.

3. A PASTORAL BÍBLICA NO BRASIL

Na história da Igreja no Brasil depois do Concílio Vaticano II, um dos campos que indubitavelmente mais receberam impulso e tiveram mais significativos avanços foi a pastoral bíblica. E isso apesar de a maioria dos membros da hierarquia e, mais ainda, a maioria dos fiéis desconhecerem a *Dei Verbum*. Devemos a alguns biblistas e pastoralistas e a alguns grupos iluminados e zelosos a aplicação de várias das recomendações da DV. É impossível citar todos aqui. Entretanto, mesmo correndo o risco de incorrer em esquecimentos importantes, vale recordar alguns nomes e instituições entre tantos outros: padre Frederico Dattler, svc, frei Carlos Mester, ocd, frei Francisco de Assis, ofm, o Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), o Serviço de Animação Bíblica – SAB (cujo início se deu na Arquidiocese de Belo Horizonte, passando, em seguida, para o Regional Leste 2 e, finalmente, para as Paulinas), o Centro Bíblico Verbo... Exerceram grande influência também a quantidade e variedade de folhetos e livretos de fácil acesso, que se multiplicaram por todos os cantos do país, entre os quais se destacaram o semanário *Bíblia-Gente* e os numerosos cadernos do Cebi. Duas iniciativas metodológicas tiveram e continuam com grande aceitação, gerando excelentes frutos: a leitura orante da Palavra na ótica dos pobres e os círculos bíblicos. E, é claro, a própria CNBB, que estimulou essa

Oscar Romero e a comunhão dos santos

Scott Wright



Esta maravilhosa e detalhada biografia revela a humanidade do bispo salvadorenho Oscar Romero, homem de fé e coragem extraordinárias.

O autor nos oferece um panorama provocador do desafio que o Evangelho propõe aos nossos tempos.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 232
Cód.: 9788534916769

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



pastoral e promoveu alguns encontros nacionais, ricos em reflexão e, sobretudo, em trocas de experiências sobre a caminhada da pastoral bíblica no Brasil.

Sob o impulso do Sínodo de 2008, a 48ª Assembleia Geral dos Bispos, em maio de 2010, em uma de suas mensagens, reconhece toda essa caminhada da pastoral bíblica em nosso país, como podemos constatar no parágrafo a seguir:

Louvemos a Deus por tudo o que se fez e se faz em nosso Brasil por meio do trabalho evangelizador com a Bíblia, desde o “movimento bíblico”, já antes do Concílio Vaticano II, e com ele e a partir dele, com a rica “pastoral bíblica”. A nossa Igreja no Brasil tornou-se mais atenta em acolher a Revelação do Senhor, mais animada em encontrar-se com a Palavra viva, que é Jesus Cristo, e mais profética e misericordiosa em servir a todos, especialmente aos mais fracos. Deus suscita em nosso povo uma grande fome e sede da Palavra, uma grande procura e desejo de conhecer, viver e anunciar a mensagem da Sagrada Escritura. Esse encantamento pela Palavra é um apelo para que, em nossas dioceses, paróquias e comunidades, se ofereça e se facilite o acesso à Bíblia, ao estudo bíblico e à vivência da mensagem revelada.

4. ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

Aos poucos, pessoas e grupos de nossa Igreja, atentos aos sinais dos tempos, perceberam a necessidade de um salto qualitativo e significativo na pastoral bíblica, indo além das recomendações da DV 22, que já são de grande valia, isto é, permitir aos “fiéis terem amplo acesso à Sagrada Escritura e se familiarizarem, de modo seguro e útil, com a Sagrada Escritura e se embeberem do seu espírito” (DV 25). A novidade apareceu com clareza na 5ª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe em Aparecida, em maio de 2007, e consta em seu documento final, no número 248:

Faz-se, pois, necessário propor aos fiéis a palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de “autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade” (EAm 12). Esta proposta será mediação de encontro com o Senhor se for apresentada a palavra revelada, contida na Escritura, como fonte de evangelização. Os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos. Por isso, a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra. Isso exige, por parte dos bispos, presbíteros, diáconos e ministros leigos da Palavra, uma aproximação à Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com um coração “faminto de ouvir a palavra do Senhor” (Am 8,11).

O assunto foi tratado em outubro do ano seguinte, no Sínodo de 2008 sobre “A palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, e, depois, sábia e laconicamente sintetizado pelo papa Bento XVI no número 73 da exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*: é preciso chegar à *animação bíblica da pastoral inteira*.

Uma das consequências dessa proposta do papa, com certeza, será ajudar a desfazer a tradição de atrelar a Bíblia a determinada área de pastoral, a grupos, a movimentos, como acontece, em parte, no Brasil, que, por exemplo, tem reduzido a palavra de Deus ao universo da liturgia, da catequese e ao mês da Bíblia. Ainda houve e há a redução do amplo e abrangente sentido de animação bíblica a determinado mês do ano. A frase do papa, re-

petimos, é clara: *animação bíblica da pastoral inteira*. A Bíblia, portanto, está acima e, mais ainda, perpassa todas as pastorais, movimentos, grupos, institutos e demais iniciativas da Igreja; aliás, perpassa a vida toda da própria Igreja (cf. VD 76).

Bento XVI ensina que a Palavra precisa estar em tudo o que a Igreja faz. Ele fundamenta sua reflexão e dá sugestões, principalmente no que se refere aos seguintes campos: animação vocacional (VD 77), vida e missão dos ministros ordenados (VD 78-81), formação dos candidatos às ordens sacras (VD 82), dos membros da vida consagrada (VD 83) e dos leigos (VD 84), no matrimônio e nas famílias (VD 85), na leitura orante da Sagrada Escritura (VD 86-87), na oração mariana (VD 88) e na missão que se realiza na Terra Santa (VD 89). É importante destacar aqui esta recomendação de Bento XVI:

Não se trata simplesmente de acrescentar qualquer encontro na paróquia ou na diocese, mas de verificar que, nas atividades habituais das comunidades cristãs, nas paróquias, nas associações e nos movimentos, se tenha realmente a peito o encontro pessoal com Cristo que se comunica a nós na sua palavra. Dado que “a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo” (S. Jerônimo, Commentariorum in Isaiam libri, Prol.: PL 24, 17B), então podemos esperar que a animação bíblica de toda a pastoral ordinária e extraordinária levará a um maior conhecimento da pessoa de Cristo, Revelador do Pai e plenitude da Revelação divina.

O papa motiva ainda a animação bíblica da pastoral como importante meio de preparar bem os fiéis para se fortalecerem na fé e no amor às Escrituras Sagradas, diante da pluralidade de ofertas de numerosos grupos religiosos que fazem uma leitura instrumentalizada e deturpada dos textos bíblicos:

Por isso exorto os pastores e os fiéis a terem em conta a importância dessa animação:

será o modo melhor também de enfrentar alguns problemas pastorais referidos durante a assembleia sinodal, ligados, por exemplo, à proliferação de seitas, que difundem uma leitura deformada e instrumentalizada da Sagrada Escritura. Quando não se formam os fiéis num conhecimento da Bíblia conforme a fé da Igreja no sulco da sua Tradição viva, deixa-se efetivamente um vazio pastoral, onde realidades como as seitas podem encontrar fácil terreno para lançar raízes. Por isso, é necessário prover também a uma preparação adequada dos sacerdotes e dos leigos, para poderem instruir o povo de Deus na genuína abordagem das Escrituras.

Além disso, como foi sublinhado durante os trabalhos sinodais, é bom que, na atividade pastoral, se favoreça também a difusão de pequenas comunidades, “formadas por famílias ou radicadas nas paróquias ou, ainda, ligadas aos diversos movimentos eclesiais e novas comunidades” (Propositio 21), nas quais se promova a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja (VD 73).

Nesse contexto, é de extrema importância que se multipliquem iniciativas de qualidade para garantir a todos os fiéis uma formação bíblica intensa, profunda, sistemática e corajosa. Uma formação que não só estimule um contínuo e fascinante contato-comunhão com a palavra de Deus encarnada, Jesus Cristo, mas também dinamize as pessoas para forte e vibrante ação evangelizadora, pelo testemunho de vida, pelo anúncio da boa-nova e por uma ação profética de transformação das pessoas e da sociedade segundo os valores do reino de Deus.

Um dos meios formativos de grande incidência na vida das pessoas e de toda a Igreja, que deve ser promovido e incentivado, é a leitura orante da palavra de Deus. Vivenciada com todo empenho em nível pessoal, mas sobretudo comunitário, e dentro de um clima orante, celebrativo, fraterno e comprometedor,

essa leitura vai nos educando paulatinamente na fé, na esperança e no amor, formando-nos assim como discípulos missionários apaixonados por Jesus Cristo, sedentos e famintos de intimidade com ele – que se doa plenamente no alimento da Palavra, da eucaristia e da vida comunitária eclesial – e desejosos de ação libertadora profética, com ele, para a construção do reino de Deus. A leitura orante nos enriquece privilegiadamente para a missão de anunciar, com conhecimento de causa, a palavra de Deus a todos os povos com a força da sabedoria que nos vem do alto e por meio de uma caridade criativa que nos leva ao encontro dos pequenos, dos sofredores, dos injustiçados e dos excluídos. Com a Bíblia na mão, a palavra de Deus no coração e os pés na missão, pessoas e comunidades, transformadas pela palavra do Senhor, semeiam abundantemente e cultivam cuidadosamente sementes dessa palavra, que fazem produzir na Igreja e na sociedade frutos de amor, solidariedade, misericórdia, justiça e paz.

Uma das ações da animação bíblica da pastoral consiste, portanto, em incentivar, motivar, assessorar e subsidiar as Igrejas particulares, para que suas pastorais, movimentos, organismos, associações, novas comunidades, círculos bíblicos, grupos de família e outras expressões comunitárias adotem a leitura orante em seus diversos métodos e expressões, entre os quais está, privilegiadamente, a *lectio divina*. Essa prática, indiscutivelmente, servirá de alicerce para que tudo na Igreja tenha como ponto de partida a palavra de Deus, dela se alimente e, à sua luz, realize a missão e avalie constantemente a caminhada que está sendo feita.

5. CONCLUSÃO

Estamos sendo convidados, portanto, por diversas instâncias e ensinamentos de nossa Igreja a dar dois passos importantes em relação às Escrituras Sagradas entre nós, católicos, tanto a partir do Concílio Vaticano

II, de 1962 a 1965, particularmente da *Dei Verbum*, como do *Documento de Aparecida* de 2007, do Sínodo sobre a Palavra de Deus, de 2008, e da exortação apostólica *Verbum Domini*, de 2010:

- * primeiro, assumir efetivamente a palavra de Deus como a alma de toda a ação evangelizadora da Igreja;
- * segundo, introduzir e dinamizar na Igreja a verdadeira “animação bíblica da pastoral”.

Como consequência dessa atitude, a palavra de Deus está privilegiadamente presente na Sagrada Escritura, mas expressa também na Tradição e no Magistério da Igreja, vai suscitar, alimentar, formar e acompanhar a vocação e a missão de cada discípulo missionário de Jesus Cristo e orientar todas as ações da Igreja, de modo especial as organizadas em forma de pastoral, movimento, grupo, instituição. Assim, além de ser “alma da teologia” (DV 24), a palavra de Deus se torna a “alma da ação evangelizadora da Igreja” (DP 372; DAp 248).

Desse modo, a animação bíblica da pastoral, juntamente com os esforços da pastoral bíblica, que favorece o acesso à Sagrada Escritura, seu conhecimento e assimilação, passa a aprofundar, reforçar e dinamizar, mediante a palavra de Deus, o encontro pessoal e comunitário com o Senhor, a conversão pessoal e a conversão pastoral, solicitadas por Aparecida. Assim, tudo na Igreja vai partir e se alimentar da Sagrada Escritura, que também passará a ser fundamental no processo avaliativo do que a Igreja é, planeja e faz em sua permanente busca de fazer a vontade do Pai, como pede insistentemente Jesus.

Neste momento da nossa história, em meio a tantos percalços, falhas e dificuldades e numa situação de crescente pluralismo religioso, com tantos fiéis questionando seriamente o fato de serem católicos de nome, Deus nos dá a graça de suscitar em nosso povo grande fome e sede da Palavra, grande procura e desejo de conhe-

cer, viver e anunciar a mensagem da Sagrada Escritura. Esse *kairós* de encantamento pela Palavra é, com certeza, um apelo para que, em nossas dioceses, paróquias e comunidades, se continue não apenas a oferecer e facilitar o acesso à Bíblia, ao estudo bíblico e à vivência da mensagem revelada, mas a fazer a palavra de Deus incidir de modo realmente transformador na vida e missão das pessoas, da Igreja e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Verbum Domini: a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2010. (Documentos Pontifícios.)

CELAM. *Documento de Aparecida: textos conclusivos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília: CNBB, 2008.

_____. *Documento de Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1980.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum: sobre a revelação divina*. Petrópolis: Vozes, 1966.

NARANJO SALAZAR, Gabriel. *De la pastoral bíblica a la animación de la pastoral*. Bogotá: Celam: San Pablo, 2010.

RETAMALES, Santiago Silva. *La animación bíblica de la pastoral del pueblo de Dios: su identidad y misión*. Santiago: Comisión Nacional de Animación Bíblica de la Pastoral: Conferencia Episcopal de Chile, 2009.

LITURGIA DIÁRIA FACILITA O CONTATO COM A PALAVRA DE DEUS E UMA MELHOR PARTICIPAÇÃO E COMPREENSÃO DA LITURGIA.

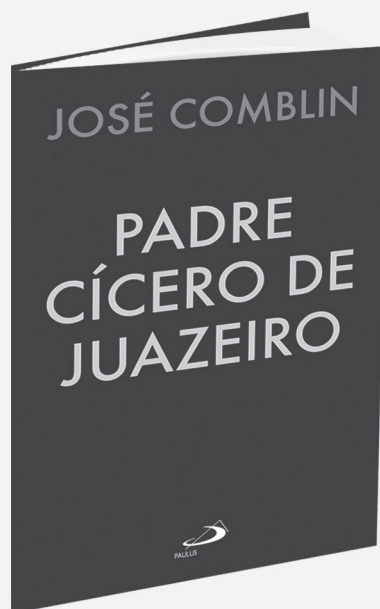
Traz a liturgia do mês (leituras e orações de cada dia), partes fixas da missa, prefácios em consonância com as festas litúrgicas do mês, orações eucarísticas para a missa diária, artigos e esclarecimentos sobre a liturgia.



Para adquirir LITURGIA DIÁRIA, basta escrever para a Cx. Postal 2534, CEP 01060-970, São Paulo – SP, ou telefonar para (11)3789-4000
E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Criação PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.

Padre Cícero de Juazeiro José Comblin



Esta breve biografia quer ser uma homenagem singela de padre Comblin a padre Cícero, de quem era grande devoto.

Padre Cícero de Juazeiro amou sinceramente e foi incansável defensor dos pobres, que o procuravam para solucionar todo tipo de problemas e questões.

Emocione-se com o exemplo de vida de um homem que estava sempre disposto a oferecer o carinho de uma palavra ou de um gesto amigo aos mais necessitados.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 48
Cód.: 9788534928083

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



A LECTIO DIVINA

Dom Orani João Tempesta*

Lectio divina é expressão latina já presente e consagrada no vocabulário católico que pode ser traduzida como “leitura divina”, “leitura espiritual” ou, ainda – como ocorre hoje em nosso país e em vários escritos atuais –, como “leitura orante da Bíblia”. Trata-se de um alimento necessário para a nossa vida espiritual. Com base nesse exercício, conscientes do plano de Deus e de sua vontade, podemos produzir os frutos espirituais necessários para a salvação. A *lectio divina* é deixar-se envolver pelo plano de salvação de Deus. Seus princípios foram expressos por volta do ano 220 e praticados por monges católicos, especialmente com as regras monásticas dos santos Pacômio, Agostinho, Basílio e Bento. O tempo diário dedicado à *lectio divina* sempre foi grande e no melhor momento do dia. A espiritualidade monástica sempre foi bíblica e litúrgica. A sistematização do método nós encontramos nos escritos de Guigo, o Cartuxo, por volta do século XII.

A *lectio divina* tradicionalmente é uma oração individual, porém pode-se fazê-la em grupo. O importante é rezar com a palavra de Deus, lembrando o que dizem os bispos no Concílio Vaticano II, lembrando a mais antiga tradição católica segundo a qual conhecer a Sagrada Escritura é conhecer o próprio Cristo. Monges diziam ser a *lectio divina* a escada espiritual dos monges, mas também de todo cristão. O papa Bento XVI fez a

seguinte observação num discurso de 2005: “Eu gostaria, de modo especial, de recordar e recomendar a antiga tradição da *lectio divina*, a leitura assídua da Sagrada Escritura, acompanhada da oração que traz um diálogo íntimo em que, na leitura, se escuta Deus que fala e, rezando, responde-lhe com confiança a abertura do coração”.

O Concílio Vaticano II, em sua constituição dogmática *Dei Verbum*, n. 25, ratificou e promoveu, com todo o peso de sua autoridade, a restauração da *lectio divina*, retomando essa antiquíssima tradição da Igreja Católica. O concílio exorta igualmente, com ardor e insistência, a todos os fiéis cristãos, sobretudo os religiosos, que, pela frequente leitura das divinas Escrituras, alcancem este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo (Fl 3,8), porquanto “ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo” (são Jerônimo, *Comm. in Is.*, prol.).

O método mais antigo, que inspirou outros mais recentes, consiste em que, seja pessoalmente, seja em comunidade, seja no círculo bíblico, a reflexão com a palavra de Deus, depois da invocação do Espírito Santo, siga os passos tradicionais: 1) *lectio* (leitura); 2) *meditatio* (meditação); 3) *oratio* (oração); 4) *contemplatio* (contemplação). Existem outros métodos que, inspirados neste, procuram aju-

* Arcebispo do Rio de Janeiro.

dar o cristão a acolher em sua vida a palavra de Deus e pô-la em prática no seu dia a dia. Chegou o momento de passarmos a propor em nossos grupos de reflexão, círculos bíblicos e outros grupos a palavra de Deus como fonte de reflexão e inspiração para iluminar a nossa realidade concreta.

O método tradicional é simples. São quatro degraus:

A leitura procura a doçura da vida bem-aventurada; a meditação a encontra; a oração a pede; e a contemplação a experimenta. A leitura, de certo modo, leva à boca o alimento sólido, a meditação o mastiga e tritura, a oração consegue o sabor, a contemplação é a própria doçura que regala e refaz. A leitura está na casca, a meditação na substância, a oração na petição do desejo, a contemplação no gozo da doçura obtida (Guigo, o Cartuxo, *Scala claustralium*).

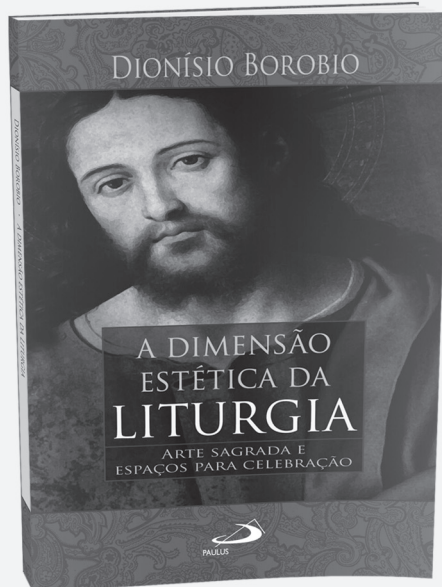
Portanto, quanto à leitura, leia, com calma e atenção, um pequeno trecho da Sagrada Escritura (aconselha-se que, nas primeiras vezes, se utilizem os textos dos evangelhos). Leia o texto quantas vezes e em quantas versões forem necessárias. Procure identificar as coisas importantes do trecho: o ambiente, os personagens, os diálogos, as imagens usadas, as ações. É importante identificar tudo com calma e atenção, como se estivesse vendo a cena. A leitura é o estudo assíduo das Escrituras, feito com aplicação de espírito.

Com a *meditatio*, começa, então, diligente meditação. Ela não se detém no exterior, não para na superfície, mas apoia o pé mais profundamente, penetra no interior, perscruta cada aspecto. É preciso considerar o que essa palavra está iluminando em minha vida e na realidade em que vivo hoje. Quais são as circunstâncias em que ela me questiona e me incentiva? Depois de ter refletido sobre esses pontos e outros semelhantes no que toca à própria vida, a meditação começa a pensar no prêmio: como seria glorioso e deleitável ver a

A dimensão estética da liturgia

Arte sagrada e espaços para celebração

Dionísio Borobio



A obra tem como objetivo estudar a importância da arte e da beleza na celebração da liturgia e na transmissão dos ensinamentos de Deus. Para isso, ela aborda separadamente cada espaço (espaço sagrado da Eucaristia, do Batismo, da Confirmação, da Reconciliação Penitencial, da Unção dos Enfermos, do Matrimônio e do Sacramento da Ordem) e destaca as especificidades e detalhes de cada um.

Formato: 13 cm x 20 cm

Páginas: 128

Cód.: 9788534932011

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



face desejada do Senhor, mais bela do que a de todos os homens (Sl 45,3), não mais tendo a aparência com que o revestiu sua mão, mas envergando a estola da imortalidade e coroado com o diadema que seu Pai lhe deu no dia da ressurreição e da glória, o dia que o Senhor fez (Sl 118,24).

Toda boa meditação desemboca naturalmente na oração. A *oratio* é o momento de responder a Deus após havê-lo escutado. Essa oração é momento muito pessoal, que diz respeito apenas à pessoa e Deus. Não se preocupe em preparar palavras, fale o que vai no coração depois da meditação: se for louvor, louve; se for pedido de perdão, peça perdão; se for necessidade de maior clareza, peça a luz divina; se for cansaço e aridez, peça os dons da fé e esperança. Enfim, os momentos anteriores, se feitos com atenção e vontade, determinarão essa oração, da qual nasce o compromisso de estar com Deus e fazer a sua vontade. Vendo, pois, a pessoa que não pode por si mesma atingir a desejada doçura de conhecimento e da experiência, e que, quanto mais se aproxima do fundo do coração (Sl 64,7), tanto mais distante é Deus (cf. Sl 64,8), ela humildemente se refugia na oração. E diz: “Senhor, que não és contemplado senão pelos corações puros, eu procuro, pela leitura e pela meditação, qual é e como pode ser adquirida a verdadeira doçura do coração, a fim de por ela conhecer-te, ao menos um pouco”.

Quanto ao último passo, a *contemplatio*: dessa etapa a pessoa não é dona. É momento que pertence a Deus e sua presença misteriosa; misteriosa, sim, mas sempre presença. É momento no qual se permanece em silêncio diante de Deus. Se ele o conduzirá à contemplação, louvado seja Deus! Se ele lhe dará apenas a tranquilidade de uns momentos de paz e silêncio, louvado seja Deus! Se para você será um momento de esforço para ficar na presença de Deus, louvado seja Deus! Mas em todas as circunstâncias será uma maneira de ver Deus presente na história e em nossa vida!

“Ele recria a alma fatigada, nutre a quem tem fome, sacia sua aridez, lhe faz esquecer tudo o que não é terrestre, vivifica-a, mortificando-a por um admirável esquecimento de si mesma, e, embriagando-a, sóbria a torna” (Guigo, o Cartuxo).

Há uma preocupação grande com a vida prática, com a conversão, de modo que muitas vezes se costuma acrescentar a *actio*, ou seja, a ação junto com a contemplação. Os temores de uma vida “alienada” podem ser sempre apresentados em todas as circunstâncias, mas, quando se aprofunda realmente na palavra de Deus e se crê ser ela como uma espada de dois gumes que penetra no mais profundo de nosso ser e também ilumina nossa vida e nosso caminho, teremos certeza de que ela ilumina a nossa estrada e nos conduz com a graça de Deus por uma vida nova.

Portanto, diante do patrimônio da nossa Igreja que é esse método da *lectio divina*, desejo que todos nós possamos aprofundar a leitura orante da Bíblia, que, aproximando-nos da palavra de Deus, encontremos os caminhos da vida dos cristãos hoje, neste início de milênio, e que, diante da atual mudança de época, respondamos com uma vida nova, haurida nas Escrituras sagradas, que nos comunicam a Palavra eterna, o Verbo eterno, Jesus Cristo, nosso Senhor!



A CAMINHADA NO DESERTO:

Introdução à leitura de Êxodo 15,22–18,27

Equipe do Centro Bíblico Verbo*

*Javé “guiou o seu povo no deserto,
porque o seu amor é para sempre!” (Sl 136,16)*

Na espiritualidade do povo de Israel, recordar a caminhada no deserto é renovar a certeza do amor de Javé que se manifesta na sua história. Essa lembrança é fonte de esperança, fortalece o povo em sua caminhada cotidiana, fazendo-o reviver a mesma experiência em todos os tempos. Este artigo oferece algumas chaves de leitura para Ex 15,22-18,27: a caminhada no deserto, quem sabe, ajudar-nos-á a refazer a mesma travessia com as nossas comunidades.

É hora de atravessar o deserto, de pôr-se a caminho. A travessia é o espaço entre a saída do Egito e a entrada na Terra Prometida. No caminho descobrimos novas perspectivas. É um tempo propício para refazer a vida. Por isso, a travessia é feita de conflitos e sofrimentos, vitórias e alegrias. Ao longo de sua história, o povo de Israel sempre fez memória da experiência vivida no deserto. Essa lembrança o ajudou a enfrentar as dificuldades do momento presente. Os obstáculos cotidianos podem ser superados mais facilmente quando acreditamos que Deus e outras pessoas caminham conosco!

As narrativas em torno do êxodo são muito conhecidas. Há filmes que retratam a saída do Egito. De alguma forma, já ouvimos falar da escravidão dos israelitas na mão do faraó, do nascimento de Moisés e de sua fuga para Madiã. O encontro de Moisés com Javé na

montanha do Horeb já suscitou muitas reflexões e novas experiências de encontro com Deus. O confronto de Moisés com o faraó e a saída do Egito também são muito populares. A cena de Moisés abrindo a passagem no mar Vermelho com o seu bastão já foi representada de várias formas.

1. CONTEXTO DAS NARRATIVAS DA TRAVESSIA NO DESERTO

Ao sair do Egito, o povo caminha no deserto. As narrativas que descrevem essa jornada podem ser divididas em seis unidades. Vejamos:

1. Água amarga (15,22-27): falta de água para beber.
2. O maná e as codornizes (16,1-36): necessidade de comida.
3. A água da rocha (17,1-7): novamente, a dificuldade da falta de água.
4. Guerra contra Amalec (17,8-16): conflitos com outros povos.
5. Encontro de Jetro com Moisés (18,1-12): o sogro de Moisés, sua esposa e seus dois filhos vão ao encontro de Moisés no deserto.
6. Descentralização do poder (18,13-27): nova organização do povo.

*Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

O livro do Êxodo preserva uma memória antiga, mas grande parte desse livro foi escrita no período do pós-exílio, por volta do ano 400 a.C. Nesse período, a observância da Lei de Deus era central. Como podemos constatar, a insistência na observância da Lei aparece diversas vezes nos textos da caminhada no deserto. Eis alguns exemplos:

– Observar a Lei garante saúde e bem-estar: “Se ouvires atento a voz de Javé teu Deus e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, se deres ouvido a seus mandamentos e guardares todas as suas leis, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios. Pois eu sou Javé, aquele que te restaura” (Ex 15,26). Essa concepção é própria da teologia da retribuição, cujo princípio é que Deus retribui com bênçãos – descendência, riqueza e vida longa – as pessoas que observam a Lei, visão consolidada no tempo de Esdras e Neemias (450-398 a.C.).

– A exigência de guardar o sábado: “Javé disse a Moisés: ‘Até quando recusareis guardar meus mandamentos e minhas leis? Considerai que Javé vos deu o sábado, e que por isso vos dará ao sexto dia pão por dois dias. Cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia’” (Ex 16,28-29).

– Conhecimento das leis: “(...) e lhes faço conhecer os decretos de Deus e as suas leis. Ensina-lhes os estatutos e as leis, faze-lhes conhecer o caminho a seguir e as obras que devem fazer” (cf. Ex 16,18.20). Porém, é importante perceber que, conforme a narrativa, Moisés só recebe a Lei mais à frente, no capítulo 19.

– Concepção de Israel como povo eleito e exclusão dos estrangeiros: tema evidente na guerra contra os amalecitas, que, por não serem do povo eleito, deviam ser exterminados (Ex 17,8-16).

Esses elementos comprovam que grande parte dos textos de Êxodo 15-18 foram compostos no período do pós-exílio, por volta do ano 400 a.C. A expressão pós-exílio indica o

período que começa em 539 a.C., com o fim da soberania da Babilônia e o início da dominação persa. Em 538 a.C., os judeus exilados na Babilônia recebem a permissão do império persa para voltar e reconstruir Jerusalém.

Para melhor controlar o povo e a arrecadação de tributos, os persas favorecem a reconstrução do Templo, o que ocorreu em torno de 515 a.C. Os grupos que haviam ficado na terra não queriam a reconstrução do Templo, pois isso significava o fortalecimento do poder de Jerusalém e a volta do antigo sistema de opressão.

Por volta de 445 a.C., o Templo já está em pleno funcionamento, mas isso não é o suficiente para a reorganização e o controle do povo. Por isso, os persas enviam Neemias, um judeu educado na corte da Pérsia, o qual vem com a missão de reconstruir os muros da cidade de Jerusalém e organizar a economia de Judá. Dentre as suas reformas, destaca-se a tentativa de resgatar a identidade do povo judeu, eliminando os estrangeiros, especialmente as mulheres (Ne 11,23-27), a instituição do tributo para o sustento dos sacerdotes e a insistência na observância do sábado (Ne 13,10-22).

Em seguida, por volta do ano 400 a.C., os persas enviam Esdras, um sacerdote-escriva e doutor da Lei (Esd 7,11-12.21). Sob o patrocínio do império persa, ele promulga a Lei: “E tu, Esdras, segundo a sabedoria de teu Deus, que tens em mãos, estabelecerás escribas e juízes que administram a justiça para todo o povo da Transeufratênia, para todos os que conhecem a Lei de teu Deus. E deverás ensiná-la a quem não a conhece. Todo o que não observar a Lei de teu Deus – que é a Lei do rei – será castigado rigorosamente: com a morte ou o desterro, com multa ou prisão” (Esd 7,25-26). Nesse período, o código de pureza e o da santidade sacerdotal são retomados, ampliados e aplicados a todo o povo (Lv 11-26).

Com a lei da pureza (Lv 11-16), todos os aspectos da vida das pessoas eram postos sob

a jurisdição dos sacerdotes que controlavam o Templo. A maioria do povo era explorada pelo império persa e pelas elites política e religiosa de Judá (Ne 5,1-5). O projeto de Neemias e Esdras favoreceu a posição da Golá – grupo que voltou do exílio e se considerava o verdadeiro Israel; os demais foram considerados impuros e excluídos do sacerdócio e dos serviços ligados à administração pública. Os habitantes da terra passaram a ser vistos como o maior perigo para a infidelidade de Israel. Ser fiel a Javé e seus mandamentos era manter a separação entre a Golá – a semente santa – e as mulheres dos povos de Judá (Esd 9-10).

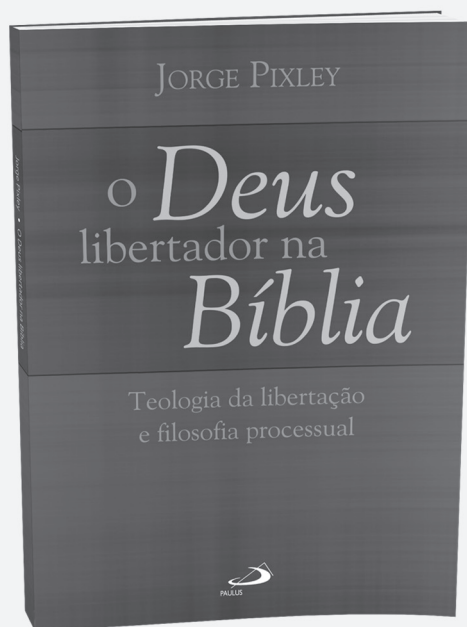
Nesse período, uma pessoa é considerada justa quando consegue cumprir todas as exigências da Lei. Caso contrário, é considerada impura e excluída da participação do Templo e da vida comunitária. O rito de purificação exige o sacrifício e a entrega de produtos ao Templo. No entanto, alguns grupos vivem em situação de impureza permanente – por exemplo, os estrangeiros e os deficientes (Lv 13,45-46; Dt 23,4-9; Esd 9,1-10.44).

É nesse período, entre os anos 538 e 333 a.C., governado pelos sacerdotes a partir do Templo, que se dá a redação final dos livros que fazem parte da Torá/Lei. Na elaboração final do livro do Êxodo, as tradições do povo foram retomadas e receberam novos acréscimos. A fuga do Egito foi ampliada e transformada em grandiosa libertação das doze tribos de Israel por meio de poderosa intervenção de Javé. O sábado, a teologia do povo eleito e protegido por Deus, a circuncisão – sinal da pertença a esse povo – e o monoteísmo – a concepção de Javé como Deus único e poderoso – foram atribuídos à ação de Javé no deserto. No entanto, essas instituições só se consolidaram com o regime teocrático, ou seja, governado por sacerdotes e escribas de Judá a serviço do império persa, por volta do ano 400 a.C.

O Deus libertador na Bíblia

Teologia da libertação e filosofia processual

Jorge Pixley



O livro explica em oito capítulos como a filosofia processual pode colaborar na compreensão das obras de Deus presentes na Sagrada Escritura.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 16 cm x 23 cm

Páginas: 144

Cód.: 9788534921688

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



2. COMO ENTENDER O LIVRO DO ÊXODO?

O livro do Êxodo faz parte de um conjunto mais amplo, conhecido na tradição judaica como Torá, termo que, em geral, é traduzido por Lei e, na tradição cristã, Pentateuco, palavra grega que significa cinco estojos ou rolos. O centro teológico dessa coletânea é o livro do Levítico, que apresenta Israel como um povo santo e fiel à Lei.

Os cinco primeiros livros da Bíblia, de acordo com as traduções gregas e latinas, são nomeados com base em seu conteúdo; na tradição judaica, são nomeados por suas palavras iniciais. Por isso, o livro do Gênesis – origem – é chamado de *bereshit* (no início); o livro do Êxodo – saída – é *shemot* (nomes); o livro do Levítico – leis – é *wayyiqra* (ele chamou); Números – recenseamentos – *bemidbar* (no deserto); e o Deuteronômio – segunda lei – é *debarim* (palavras).

O livro do Êxodo relata o início da história de Israel. Esse livro pode ser dividido de diversas formas. Para favorecer esse estudo, optamos pela divisão em quatro partes: 1,1-15,21; 15,22-18,27; 19,1-24,11; 24,12-40,38.

- a) 1,1-15,21 – narra a opressão do povo de Israel pelo faraó, a promessa de salvação por meio de Moisés, a luta de Javé com o faraó e a salvação de Israel: a passagem no mar.
- b) 15,22-18,27 – a caminhada no deserto e as dificuldades em encontrar água e comida; conflitos com outros grupos e necessidade de descentralizar o poder.
- c) 19,1-24,11 – a manifestação de Javé no monte Sinai, entrega da Lei e celebração da aliança.
- d) 24,12-40,38 – descrições do santuário e de rituais sacerdotais.

A saída do Egito e a passagem pelo deserto são consideradas elementos constitutivos da história do povo de Israel. Esses acontecimen-

tos foram lidos e relidos por diversos grupos e predominaram sobre os outros eventos, como a entrada na terra de Canaã, a instauração da realeza, a consolidação de um Estado, o exílio e a dispersão do povo de Israel. Os acontecimentos do êxodo são considerados pontos referenciais para a reflexão teológica de Israel: “Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que Javé teu Deus te resgatou” (Dt 15,15a).

O êxodo é acontecimento sempre vivo. Deve ser lembrado sempre. É a história de um povo a caminho. Um ensinamento que deve ser celebrado de geração em geração: “Naquele dia, assim falarás a teu filho: ‘Eis o que Javé fez por mim, quando saí do Egito’. E será como sinal na tua mão, um memorial entre os teus olhos, para que a lei de Javé esteja na tua boca, pois Javé te tirou do Egito com mão forte” (Ex 13,8-9). Ao recordar a história, cada judeu deve se sentir como alguém saído do Egito.

Na base do livro do Êxodo está a narrativa de um pequeno grupo que conseguiu se libertar da opressão do Egito ou de uma cidade controlada pelo império egípcio. Essa libertação foi atribuída a uma divindade sensível à violência e à injustiça e que se faz presente junto aos oprimidos. A história da saída do Egito foi contada muitas vezes antes de ser escrita; diversos grupos retomaram esse fato até alcançar a forma escrita que tem hoje em nossas Bíblias.

A visão da história no pós-exílio assim como as instituições oficializadas nesse período e até mesmo a teologia monoteísta do Deus único foram inseridas na narrativa do êxodo. Isso garantia legitimidade, pelo fato de essa nova compreensão da história ser vinculada à experiência da Divindade como presença libertadora que caminha junto aos oprimidos, experiência que, apesar de todas essas releituras, permanece viva no coração do livro do Êxodo. Muitos séculos depois, Jesus, com sua vida e prática, tentará resgatar esse núcleo mais sagrado da fé de Israel.

Os textos que relatam a travessia do deserto (Ex 15-18) foram escritos vários séculos depois do acontecimento. Na elaboração dessas narrativas foram apresentados conflitos e dificuldades posteriores da vida do povo de Israel. Independentemente dos grupos que retomaram essas narrativas e fizeram novas interpretações do tempo do deserto, permanece a memória da presença de Deus que caminha com o seu povo: “Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para Javé; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus’” (Is 40,3).

A saída do Egito e a caminhada do povo no deserto são elementos fundamentais do povo de Israel. São um verdadeiro manancial, de onde sempre brotam novas águas para reanimar a vida do povo em todos os tempos. É com essa perspectiva que queremos ler os textos da caminhada e refletir sobre eles, procurando novas luzes para a nossa travessia.

3. CHAVES DE LEITURA

Ler o texto e interpretá-lo na perspectiva de seu horizonte sociopolítico e cultural exige conhecer o contexto do surgimento do texto. É bom ter sempre presente que as narrativas da caminhada do deserto remontam a um núcleo histórico do século XIII a.C.: a fuga de escravos hebreus do Egito. Mas esse fato foi contado, recontado, ampliado, escrito e reescrito por diversos grupos, e a forma final que temos na Bíblia é do fim do século V ou do início do século IV a.C., por volta do ano 400 a.C.

Eis algumas chaves de leitura para a caminhada que vamos empreender:

1. *As dificuldades do povo e seus clamores por mais vida.* Há duas passagens que relatam a dificuldade com água: Ex 15,22-27 e 17,1-7. Em ambas, o povo murmura contra Moisés. Na segunda narrativa, além da murmuração, o povo discute com Moisés e o acusa: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matar de sede a nós, a nossos filhos e a nossos

Revista Família Cristã

Para aprofundar a fé e
compreender melhor a vida.



Conheça alguns dos nossos columnistas:

- Pe. Zezinho, na coluna *Paz inquieta*
- Frei Luiz Turra, sobre *Formação litúrgica*
- FC Cáritas, Dom Demétrio Valentini
- *Comportamento e psicologia*, com a terapeuta familiar Maria Helena Brito Izzo
- Léo Pessini, na seção *Bioética*
- *Cidadania*, com o promotor público e professor de Direito Vidal Serrano Júnior

E ainda as seções: *Política, Educação, Família, Juventude e fé, Espiritualidade, Santo do mês, Culinária, Plantas medicinais.*



Assinatura anual: R\$ 108,00 – 12 edições
À vista: desconto de R\$ 18,00 = R\$ 90,00
Em 2 vezes: desconto de R\$ 8,00 = R\$ 100,00

Para assinar ligue: 0800 70 100 81.

Se preferir, acesse www.fc.org.br ou na
Rede Paulinas de Livrarias de todo o Brasil.

animais?” (Ex 17,3b). Essa murmuração representa as muitas queixas do povo por mais vida ao longo de sua história, especialmente no pós-exílio, quando o texto recebeu a sua forma final. Nesse período, o povo era governado por sacerdotes mediante o Templo e a Lei. Os códigos da pureza e da santidade (Lv 11-5 e 17-26) determinavam quem era puro e quem era impuro. A pessoa impura não participava do Templo e da vida comunitária. Só voltava a participar mediante o sacrifício de purificação. Esse sistema provocou endividamento, aumento da pobreza, exclusão e discriminação. As queixas no meio do povo aumentaram, muitos pensaram que Deus estava distante de sua vida: “Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro e Deus não ouve a sua súplica” (Jó 24,12). Nesse contexto, Ex 17,1-7 é escrito para responder à dúvida do povo: “Está Javé no meio de nós ou não?” Deus se faz presente em nossas murmurações, especialmente quando gritamos em defesa da vida ameaçada.

2. *É proibido o acúmulo.* A tradição do maná e das codornizes (Ex 16,1-3.12-21) transmite a lição de que é proibido acumular. Ao longo de sua história, o povo era obrigado a pagar tributos sobre toda a produção da terra ao rei ou aos sacerdotes. Muitas pessoas se endividavam e eram forçadas a vender suas terras e a si mesmas como escravas (1Sm 8,11-18; Ne 5,1-5). Nos momentos de sofrimento, ao lembrar as suas origens, o povo faz memória dos tempos do deserto. Na fuga, tentando escapar do exército egípcio, o povo enfrentou muitas dificuldades, sobrevivendo com o que encontrava no deserto. Em relação ao maná, em hebraico *man hú*, “o que é isso?”, há duas possíveis explicações: 1) alguns afirmam que o maná é produzido pela secreção de insetos que se alimentam

de tamargueiras. Trata-se de substância composta de açúcar que se solidifica no ar seco e frio, tornando-se semelhante a pequenas folhas, mas derrete e desaparece sob o calor do sol. 2) Para outros, esse alimento é a resina de uma árvore existente na região central do Sinai, semelhante a uma semente de coentro. Colhido, ele era moído no pilão, depois se cozinhava e se fazia bolo. É possível encontrá-lo nos meses de maio a junho. No que se refere às codornizes, em setembro, ao voltarem de sua migração na Europa, elas são impelidas pelo vento oeste e abatidas em grande quantidade sobre a costa do deserto. Depois de muitos séculos, o povo revê a sua caminhada e relê esses fatos como providência de Deus. A experiência da gratuidade de Deus deve ser sempre reavivada no coração das pessoas, de ontem e de hoje, para a travessia do deserto.

3. *A tradição da guerra santa* (Ex 17,8-16). A guerra santa é tradição existente no Antigo Oriente e entre muitos povos de hoje. De acordo com a mentalidade da época, os povos que adoravam outras divindades deviam ser aniquilados. Um dos relatos de guerra santa registrados pela Bíblia é a guerra contra os amalecitas, descritos como nômades que viviam no deserto do Sinai. Essa história foi reescrita no tempo do exílio da Babilônia (586-538 a.C.) e do pós-exílio (538-333 a.C.), na perspectiva de Javé como o único Deus e de Israel como o povo eleito e santo. O fato de não pertencer ao povo eleito e não adorar a Javé justifica a destruição. Deus quer a guerra? A redação final do texto bíblico sobre a tradição de guerra santa esconde interesses sociais, econômicos, políticos e religiosos dos governantes sacerdotais. Nessa ótica, queremos reforçar a crença de que Deus quer vida em plenitude para todos os povos, nações e línguas. Diferentes etnias, crenças, sexos e classes sociais não são

motivo para exclusões. Acima de tudo, o que importa é o compromisso com a justiça e a solidariedade.

4. *Relações cotidianas no Antigo Israel.*

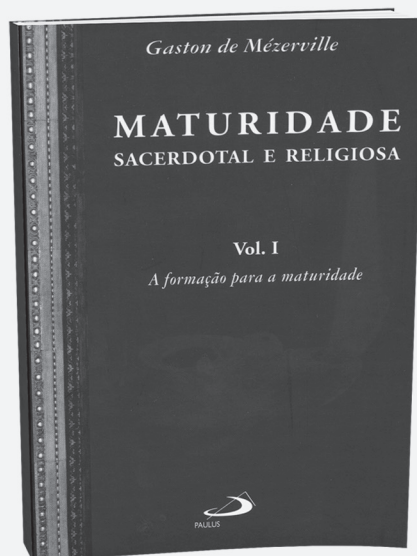
O relato de Ex 18,1-12 – o encontro de Moisés e seu sogro, sua mulher e filhos – é espelho por meio do qual refletiremos sobre as relações cotidianas. Na sociedade do Antigo Israel, a unidade básica era a família ampliada, constituída de duas ou mais famílias com várias gerações. Uma casa chegava a ter entre 50 e 80 pessoas. Todos os membros participavam ativamente dos diferentes trabalhos. O papel da mulher era ativo no espaço doméstico, porém limitado no espaço público. Na monarquia, o poder e a religião são centralizados em torno de homens, e o papel da mulher é secundário. No tempo do pós-exílio, as mulheres são excluídas do cenário sociopolítico e religioso, pois a sociedade é governada por sacerdotes, que exercem seu poder por meio do Templo e da Lei. Em Ex 18,1-12, a celebração cultural se realiza somente entre os homens: Moisés, seu sogro e os anciãos. A mulher e as crianças não aparecem no espaço público: são apenas mencionadas. Um olho na sociedade do Antigo Israel e outro em nossa sociedade. Que possamos colaborar para a construção de relacionamentos fundamentados no amor, na liberdade e no respeito às diferenças sociais, culturais, étnicas e de gênero. As diferenças biológicas não justificam a dominação de um sobre o outro nem a desigualdade.

5. *Protestos contra a centralização do poder.*

Ex 18,13-27 contém uma proposta de descentralização do poder. Todo poder centralizador destrói o sistema igualitário. É uma volta simbólica ao Egito. Na monarquia (1030-586 a.C.), o poder estava nas mãos do rei e de sua corte, e as decisões eram tomadas em favor dos interesses dos grandes, explorando e oprimindo o povo. Algumas vozes se ergueram contra essa or-

Maturidade sacerdotal e religiosa (Vol. I)

A formação para a maturidade
Gaston de Mézerville



Pretenderam-se conjugar, na elaboração deste livro, visões e conceitos de caráter psicológico e magisterial que se consideram tradicionalmente contrapostos, visando a uma reflexão unificada sobre os elementos essenciais que definem tanto a maturidade humana e cristã como a da vida sacerdotal ou consagrada.

A intenção deste livro consiste, portanto, em apresentar um enfoque bem fundamentado, unificado e congruente, tanto no que se refere à psicologia quanto ao Magistério.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 334

Cód.: 9788534914505

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.

ganização social: “Escutem isto, governantes de Israel, vocês têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto; constroem Jerusalém com sangue” (Mq 3,9-10). A centralização do poder se tornou ainda mais forte no período da dominação persa (538-333 a.C.), em que os sacerdotes e escribas formaram uma classe que vivia à custa da exploração e opressão do povo. Utilizavam o nome de Deus todo-poderoso e vingativo, o Templo, o tributo religioso e as leis para controlar o povo. A narrativa em torno do conselho do sogro de Moisés para o seu genro também representa uma voz contrária à centralização do poder. Sempre que há opressão, há grupos de resistência e de busca de melhores condições de vida. Esses mesmos gritos continuam ecoando em nossa sociedade e em nossas comunidades.

Ler e entender as narrativas da caminhada no deserto é refazer o mesmo percurso. Sonhamos com uma sociedade na qual os direitos humanos sejam respeitados e não haja acúmulo nas mãos de uma minoria, enquanto a maior parcela das pessoas vive relegada à margem. Uma sociedade sem exclusões e discriminações. É preciso manter vivas as lições da história e retomar sempre o projeto do reino de Deus. A caminhada está aberta para todas e todos. Que possamos realizar cotidianamente a travessia.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- DOZEMAN, Thomas B. *Exodus*. Grand Rapids Michigan: Eerdmans, 2009.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2008.
- ZENGER, Erich (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

CENTRO BÍBLICO VERBO

UM CENTRO DE ESTUDOS QUE HÁ MAIS DE VINTE ANOS ESTÁ A SERVIÇO DO POVO DE DEUS,
DESENVOLVENDO UMA LEITURA EXEGÉTICA, COMUNITÁRIA, ECUMÊNICA E POPULAR DA BÍBLIA.
O CENTRO BÍBLICO VERBO OFERECE CURSOS REGULARES DE FORMAÇÃO BÍBLICA, EM DIFERENTES MODALIDADES.

CURSOS INTENSIVOS

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

MESTRADO

Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
Hebraico e Grego (semanal)
Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Mais informações:

Tel.: (11) 5181.7450
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br ou cbiblicoverbo@uol.com.br
Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

NÃO ACUMULAR... MEMÓRIA QUE DEVE PERMANECER VIVA!

Uma leitura de Êxodo 16,1-3.12-21

Maria Antônia Marques*

Em nossa vida temos várias vivências de que a partilha é um momento sagrado. Vamos recordar um fato do cotidiano, que pode também ser a sua experiência: *Certa vez, houve uma festa na qual estavam previstos 200 convidados para o almoço. Porém, chegaram mais de 300 pessoas. O resultado é que a comida não foi suficiente. O grupo que estava à frente da festa improvisou do jeito que pôde, mas a situação foi constrangedora, houve frustração, mal-estar, muita gente saiu insatisfeita e os comentários maldosos se prolongaram por um bom tempo.*

Bem diferente é a realidade dos almoços ou lanches comunitários de que já participamos em momentos de encontros, cursos, retiros ou outros espaços de formação. Cada pessoa traz algum alimento e o põe em comum. A alegria é geral, pois a refeição é organizada por todos. Sempre há variedade e fartura, mas nada se perde, pois há outras pessoas com quem se pode partilhar.

A partilha é espaço de humanização no qual fazemos a experiência de amar e ser amados. Na partilha, Deus se faz presente. A concentração de bens nas mãos de pequena minoria impede que muitas pessoas tenham condições dignas de vida. Isso pode ser experimentado tanto nas relações cotidianas como na organização social de impérios e monarquias. A releitura da história nos ensina que o acúmulo é contrário ao projeto da partilha e da solidariedade.

Este artigo oferece alguns elementos para entendermos o domínio do Egito e o surgimento de grupos que se opõem ao sistema centralizado, dando origem a outro povo, que mais tarde se chamará Israel. Porque a história é cíclica, em Israel também haverá a concentração de excedentes na mão dos grupos dirigentes, assim como o grito de alguns grupos que procurarão manter o sistema da partilha e da solidariedade. Essa memória tem de passar sempre de novo pelo nosso coração e nos ajudar a manter vivo o milagre da partilha, que faz a vida nova acontecer ao nosso redor.

Com esse desejo, entremos na história do Egito, recordando essa lição, que pode se desdobrar em muitas outras... Depende da sensibilidade de cada leitora ou leitor.

1. O DOMÍNIO EGÍPCIO

Em torno de 1580 a.C., o Egito retoma seu domínio e esplendor, conquistando novas terras. Com o faraó Tutmósis III (1490-1436 a.C.), o Egito chega ao auge de seu poder. No norte, seu domínio se estende desde o Eufrates até a foz do Orontes e, no sul, até a quarta catarata do Nilo, na Núbia. O Egito domina

*Assessora do Centro Bíblico Verbo, ministra cursos de Bíblia em diversas comunidades; professora de Bíblia nas seguintes faculdades: Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, e na Faculdade Católica de São José dos Campos.
E-mail: ma-antonia@uol.com.br

Canaã, uma província que abrange o oeste da Palestina, quase toda a Fenícia e o sul da Síria. Uma região com grande população ao longo da costa na planície de Esdrelon e o vale do Jordão.

Com o domínio de Canaã, o Egito detém o controle da rota comercial e das cidades-Estado existentes na região. Os reis cananeus mantêm sua autonomia, mas não sua independência política, por meio do pagamento de tributos ao faraó. Quem mais sofre com essa situação é a população camponesa, com o aumento abusivo dos tributos. Muitos camponeses ficam endividados e são obrigados a exercer trabalhos forçados ou entregar-se a si mesmos como escravos.

A organização social do Estado egípcio é formada por uma elite dominante, menos de 5% da população, e por estratos inferiores, cerca de 90%. O primeiro grupo é composto do rei, de nobres, grandes artesãos, comerciantes, escribas (que têm funções administrativas e políticas), militares e funcionários do templo (sacerdotes e escribas). O culto visa manter o poder do rei e da ordem existente como vontade da divindade. No segundo grupo, encontramos camponeses, pastores e escravos – em geral, prisioneiros de guerras – e algumas categorias de artesãos. Os camponeses têm de entregar todo o excedente aos grupos dominantes.

Na Bíblia, há duas passagens que ilustram o funcionamento do sistema tributário do Egito. A primeira é Gn 47,13-26. Nesse sistema, a terra está nas mãos do faraó e dos sacerdotes. Em troca das sementes e do direito de trabalhar na terra, os camponeses entregam um quinto da colheita ao faraó (Gn 47,24). É importante considerar que os próprios camponeses entregam o trigo que depois eles são obrigados a comprar. Outra passagem importante é 1Sm 8,11-18: os direitos do rei. Vejamos quais são:

Ele convocará os vossos filhos e os encarregará dos seus carros de guerra e de sua cavalaria e os fará correr à frente do seu

carro; e os nomeará chefes de mil e chefes de cinquenta, e os fará lavrar a terra dele e ceifar a sua seara, fabricar as suas armas de guerra e as peças de seus carros.

Ele tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará os vossos campos, as vossas vinhas, os vossos melhores olivais, e os dará aos seus servos. Das vossas sementes e das vossas vinhas ele cobrará o dízimo, que destinará aos seus eunucos e aos seus servos. Os melhores dentre vossos servos e vossas servas, e de vossos adolescentes, bem como vossos jumentos, ele os tomará para o seu serviço. Exigirá o dízimo dos vossos rebanhos, e vós mesmos vos tornareis seus servos. Então, naquele dia, clamareis contra o rei que vós mesmos tiverdes escolhido, mas Javé não vos responderá, naquele dia.

Os direitos do rei representam a prática do império egípcio, dos reis cananeus e, mais tarde, dos reinos de Israel e Judá. A palavra *tomar* aparece seis vezes e expressa a exploração do rei sobre o povo. Quem sustenta a burocracia e o luxo da corte é o povo. O rei tem o direito de tomar filhos e filhas, terras, tributos e escravizar o povo. O rei é o senhor de tudo. Denunciando esse sistema, temos o grito profético de Miqueias: “Ouvi, pois, isto, chefes da casa de Jacó e dirigentes da casa de Israel, vós que execrais a justiça, que torceis o que é direito, vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com injustiça! Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes decidem por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro” (Mq 3,9-11a).

Todo poder centralizador destrói o sistema igualitário e significa uma volta simbólica ao Egito. O início do livro do Êxodo descreve as duras condições de vida impostas aos hebreus que estavam no Egito (Ex 1,8-14). A dureza da vida foi suscitando o desejo de liberdade. As dificuldades internas e as constantes guerras enfraqueceram o império, favorecendo a fuga de escravos em diversos grupos. A saída do Egito e o tempo de deserto se tornaram elementos referenciais na espiritualidade do

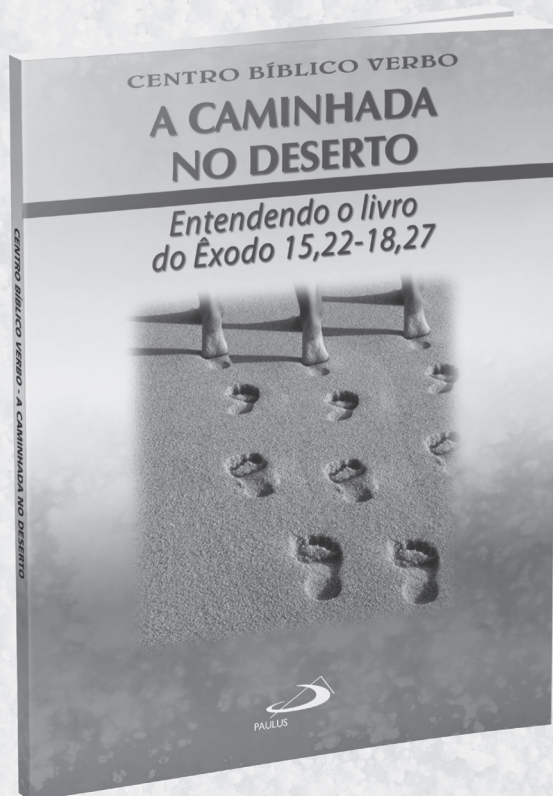
Aprofunde seus conhecimentos no livro do Êxodo!

O livro do Êxodo (especialmente o trecho de Êxodo 15,22 a 18, 27) é o livro proposto pela CNBB para o mês da Bíblia em 2011. Nele encontramos a história do povo de Israel e sua caminhada em direção à Terra Prometida. O livro *A caminhada no deserto* oferece elementos para entender o contexto em que os textos foram escritos. Refletir sobre a caminhada no deserto é buscar novas luzes para refazermos a nossa travessia hoje e reavivarmos a presença de Deus na partilha, na gratuidade e no respeito à diversidade.



Do Povo para o Povo

112 páginas



A caminhada no deserto
Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27
Centro Bíblico Verbo



Cupom para renovação - Vida Pastoral

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Pia Sociedade de São Paulo – PAULUS Editora – às paróquias e instituições cadastradas no Anuário Católico do Brasil. Nas cidades onde há livrarias PAULUS, retirar a revista na própria livraria.

Pedidos avulsos (particulares) ou coletivos (mais de 1 exemplar a uma só instituição) necessitam de renovação anual. Sem ela a assinatura será suspensa. Sendo de seu interesse continuar recebendo Vida Pastoral em 2011, descreva a quantidade desejada: _____, preencha o cupom e envie-o acompanhado de contribuição para as despesas de postais para o Departamento Financeiro / Vida Pastoral – à Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091 – São Paulo – SP.

FORMAS DE PAGAMENTO

- ☐ Encaminho pelo correio o cheque nominal número _____ do banco _____, nominal à Pia Sociedade de São Paulo, no valor de R\$ _____.
- ☐ Encaminho pelo correio anexo a esta Carta Resposta o comprovante de depósito* no valor de R\$ _____, nominal à Pia Sociedade de São Paulo, conforme dados abaixo:
- ☐ Banco do Brasil - Ag. 0646-7 / c/c 5555-7
 - ☐ Bradesco - Ag. 3450-9 / c/c 1139-8

* Sem o comprovante de depósito não há como identificar o pagamento.

Não enviamos boleto bancário.

CÓDIGO DO ASSINANTE: _____
TELEFONE: _____ CELULAR: _____
NOME: _____
ENDEREÇO: _____
BAIRRO: _____ CAIXA POSTAL: _____
CEP: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____
CNPJ ou CPF: _____ INSC. EST. ou RG: _____
E-MAIL: _____ FAX: _____
NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL: _____

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL: _____

povo que sofre com a centralização do poder nas mãos dos grupos dirigentes nos diversos períodos da história de Israel, para que não fossem reproduzidas, no presente, as condições de exploração e opressão vividas no Egito.

É preciso manter vivas as lições da história para evitar a opressão e a exploração. Entre as lembranças do deserto, encontramos a narrativa do maná, que transmite a experiência de que ali Javé alimentou e sustentou o seu povo. A redação final desse texto, mesmo tendo sido apropriada pelo grupo de sacerdotes e escribas de Judá, por volta do ano 400 a.C., relembra que o deserto é lugar de experimentar a gratuidade de Deus, que dá o pão de cada dia e proíbe o acúmulo, cujo praticante ajunta para si apenas podridão e vermes.

2. CADA UM COLHIA O QUANTO PODIA COMER

O capítulo 16 do livro do Êxodo começa informando o itinerário da caminhada. Eles partiram de Elim, um oásis onde há abundância de águas e árvores: doze fontes e setenta palmeiras (Ex 15,27; Nm 33,9). Os números são simbólicos: doze indica as tribos, e setenta, os clãs. O sentido é que há água e comida para todos. O primeiro ponto de parada depois do mar Vermelho é o deserto de Sin, local de privação. Nesse local, os israelitas murmuram contra Moisés sobre a falta de comida (Ex 16,2-3).

Ser livre é processo difícil. O grupo da murmuração continua fazendo suas exigências, indo na contramão do processo de libertação. Será que, no Egito, as pessoas, principalmente os escravos, tinham acesso às panelas de carne? Será que a alimentação era abundante? Em tão pouco tempo, o povo apagou da memória o sofrimento provocado pela escravidão. O Egito aparece como lugar de abundância e de vida. O sofrimento do momento presente distorce a memória do passado. Em geral, o Egito é lembrado como lugar de dura opressão, mas agora, no deserto, a única lembrança é da carne e do pão. Parece

que o povo sente saudade da escravidão e tem medo da liberdade.

Ex 16,13-21 faz parte de antiga tradição que descreve como o milagre do pão dos céus ocorreu:

À tarde subiram codornizes e cobriram o acampamento; e pela manhã havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento. Quando se evaporou a camada de orvalho que caíra, apareceu na superfície do deserto uma coisa miúda, granulosa, fina como a geada sobre a terra. Tendo visto isto, os israelitas disseram entre si: “Que é isso?” Pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: “Isso é o pão que Javé vos deu para vosso alimento. Eis que Javé vos ordena: ‘Cada um colha dele quanto baste para comer, um gomor por pessoa. Cada um tomará segundo o número de pessoas que se acham na sua tenda’”.

E os israelitas assim fizeram; e apanharam, uns mais, outros menos. Quando mediram um gomor, nem aquele que tinha juntado mais tinha maior quantidade, nem aquele que tinha colhido menos encontrou menos: cada um tinha recolhido o quanto podia comer.

Moisés disse-lhes: “Ninguém guarde para a manhã seguinte”. Mas eles não deram ouvidos a Moisés, e alguns guardaram para o dia seguinte; porém, deu vermes e cheirava mal. E Moisés indignou-se contra eles. Colhiam-no, pois, manhã após manhã, cada um o quanto podia comer, e, quando o sol fazia sentir o seu ardor, se derretia.

A lição mais importante é que o Deus do êxodo continua com o seu povo e ouve as suas murmurações. O relacionamento entre Deus e Israel na história do maná parece ser positivo: “Eu ouvi as murmurações dos israelitas; disse-lhes: Ao crepúsculo comereis carne, e pela manhã vos fartareis de pão; e sabereis que eu sou Javé vosso Deus” (Ex 16,12).

O maná e as codornizes aliviam a situação do povo no deserto. “O que é isso?”, em hebraico

man hú. O maná é produzido pela secreção de insetos que se alimentam de tamargueiras. Trata-se de substância composta de açúcar, que se solidifica no ar seco e frio, tornando-se semelhante a pequenas folhas, mas derrete e desaparece sob o calor do sol (cf. Nm 11,7-9). É possível encontrá-lo somente na região central do Sinai, nos meses de maio a junho.

Em setembro, quando as codornizes voltam de sua migração na Europa, impelidas pelo vento oeste, são abatidas em grande quantidade sobre a costa do deserto. É possível que esse capítulo reúna memórias de diferentes grupos que deixaram o Egito separadamente (cf. Ex 7,8; 11,1), seguindo por diferentes caminhos (Ex 13,17). Em sua fuga, o povo foi se ajuntando como era possível, alimentando-se com o que encontrava no deserto. Depois de muitos anos, o povo revê a sua trajetória e relê esses fatos como providência especial de Deus.

A ordem para que cada pessoa colhesse somente o necessário se refere ao maná. O v. 21a indica que a instrução está diretamente relacionada ao maná, não às codornizes. É lei contra o acúmulo. A abundância da comida poderá criar a ilusão de autossuficiência: “Não vás dizer no teu coração: ‘Foi a minha força e o poder das minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas’” (Dt 8,17).

O resultado para quem acumulou foi ver o alimento estragado e com vermes. Não acumular é uma das exigências para a nova ordem social. No Novo Testamento, encontramos a mesma orientação: “Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal” (Mt 6,34).

Êxodo 16,14 e Nm 11,9 enfatizam o caráter sobrenatural do alimento: o pão que vem do céu e não da terra. O salmo relê a tradição do deserto como dom miraculoso de Deus: “Com efeito, ele feriu o rochedo, as águas correm e as torrentes transbordam: acaso também pode dar o pão ou fornecer carne ao seu povo? Contudo, ordenou às nuvens do alto e

abriu as portas do céu; para os alimentar, fez chover o maná, deu para eles o trigo do céu; cada um comeu do pão dos fortes; mandou-lhes provisões em fartura” (Sl 78,20.23-25; cf. Sl 105,40; Ne 9,15). No livro da Sabedoria, o maná é considerado “um alimento dos anjos” (Sb 16,20). Na tradição cristã, o maná será contraposto ao próprio Jesus, o pão vivo descido do céu (Jo 6,49-51).

O acontecimento do maná, lido e reescrito por diversos grupos, recorda, de uma forma ou de outra, a presença de Javé alimentando e sustentando o seu povo. É um olhar para o passado que ajuda a reforçar a fé no Deus da vida, o qual continua se manifestando no momento presente. Este é um verdadeiro milagre: encontrar nas narrativas de milagres forças para prosseguir na caminhada. Como entender as narrativas de milagres descritas na Bíblia?

3. O MILAGRE NA BÍBLIA

A palavra “milagre” vem do latim *miraculum*, cujo radical é *miror*, e possui diversos sentidos: pode ser traduzida por prodígio, maravilha, fato estupendo ou extraordinário. É acontecimento que provoca surpresa e admiração. Na língua hebraica, a compreensão de milagre abrange diversos significados, por exemplo: os grandes feitos de Deus (cf. Dt 3,24), as maravilhas (Ex 15,11; Sl 71,17), os prodígios ou, ainda, sinais (cf. Ex 7,3; Dt 4,34). Em grego, encontramos a palavra *dynamis*, que indica poder dinâmico.

No livro do Deuteronômio, lemos: “E em Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés – a quem Javé conhecia face a face –, seja por todos os sinais e prodígios que Javé o mandou realizar na terra do Egito, contra o faraó, contra todos os servidores e toda a sua terra, seja pela mão forte e por todos os feitos grandiosos e terríveis que Moisés realizou aos olhos de todo o Israel” (Dt 34,10-12). No mundo judaico do quarto século, surge a espera de um profeta no final dos tempos: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar

outro?” (cf. Mt 11,3). Jesus foi entendido por alguns grupos como o profeta prometido no Antigo Testamento, por meio do qual se realizariam muitas curas e milagres.

A todo momento acontecem fatos extraordinários: a flor que desabrocha, o sol que desponta, anunciando novo dia, o gesto de abrir os olhos e perceber que estamos vivos, o nascimento de um novo ser. O milagre revela a força da vida que supera o que é humanamente possível. É encantamento que envolve o ser humano e o plenifica de admiração. Para as pessoas do tempo da Bíblia – tanto do Antigo quanto do Novo Testamento –, existia a certeza de que poderes invisíveis atuavam no mundo visível.

No Antigo Testamento, há alguns relatos de milagres. O livro do Êxodo descreve a intervenção divina na saída do Egito e na travessia do deserto, por exemplo: as dez pragas do Egito, a passagem do mar, o maná, as codornizes e a água da rocha. A função das narrativas de milagres no Êxodo é, em certos casos, reforçar o projeto de Deus e, em outros, legitimar a missão de Moisés. O livro dos Atos dos Apóstolos retoma esses sinais e prodígios de Moisés para confirmar a ação de Deus salvador ao longo da história do seu povo (cf. At 7,36-38).

Porém, ao ler o Antigo Testamento procurando enxergar o cotidiano das pessoas sofridas, encontramos relatos de milagres que garantem a sobrevivência, especialmente o milagre da partilha, como no caso da viúva de Sarepta, que oferece o pouco que tem ao outro. A partilha acontece no cotidiano, por isso “a vasilha de farinha não se esvaziará e a jarra de azeite não acabará” (1Rs 17,14). Em outra narrativa, temos a descrição da cidade com águas ruins e esterilidade que são curadas com o sal colocado num prato novo e, em seguida, lançado à fonte das águas (2Rs 2,19-22). Em outra ainda, o ato de jogar um pouco de farinha na panela elimina o efeito do veneno (2Rs 4,41). Esses gestos deviam ser comuns no mundo dos camponeses. São ações de cura que passam pelo uso do sal, do prato

novo e da farinha. Elementos do cotidiano nos quais o sagrado se manifesta.

No tempo de Jesus, o grupo dos essênios e o dos fariseus não acreditavam nos milagres. Era prática mais aceita entre os pobres e os pequenos. No mundo greco-romano do primeiro século, havia grande divisão em relação à crença em milagres. De um lado, alguns grupos atribuíam muita importância aos prodígios e a todos os tipos de milagres. De outro, havia muita desconfiança e objeções. O mundo helênico vivia intensa busca de salvação. Por exemplo, Asclépio, também conhecido como Esculápio, era divindade ligada à cura e cultuado como o senhor e salvador de todo o universo. O título de salvador é atribuído a Deus (cf. Sl 24,5; 95,1; Is 43,11; 45,15) e a Jesus no Novo Testamento (Mt 1,21; Lc 19,10; Jo 4,42). A serpente era o símbolo do Deus Asclépio e, hoje, da medicina.

Analisando os relatos de milagres de Jesus, podem-se levantar algumas características:

- a. Para que o milagre aconteça, é necessária a integração de duas partes: primeiro, a fé, ou seja, a pessoa que acredita nessa realidade; segundo, a pessoa a quem se atribui a força para realizar um milagre. No Evangelho de Marcos, lemos: “E não podia realizar ali nenhum milagre, a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos. E admirou-se da incredulidade deles” (6,5-6a). A falta de fé dos habitantes da Galileia limitou o poder de Jesus. Ao contrário do que Jesus disse à mulher: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz, fica curada desse teu mal” (Mc 5,34).
- b. No tempo de Jesus e das primeiras comunidades, acreditava-se em estreita relação entre o mal, a doença e o pecado. As desgraças eram consideradas castigos de Deus por causa dos próprios pecados ou dos pecados dos pais. No Evangelho de João, os discípulos perguntam a Jesus: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais,

para que nascesse cego?” A resposta é firme: “Nem ele nem seus pais pecaram” (cf. Jo 9,2-3). Espelhado na prática de Jesus, o evangelho propõe desvincular o limite físico, ou seja, a doença, do pecado. Diante da insistência dos escribas que sustentam a teologia da retribuição, Jesus questiona: “Que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’” (Mc 2,9).

c. O Evangelho de Marcos 4,35-41 narra o episódio da tempestade no mar, a qual põe em risco a vida da embarcação. Jesus “conjurou severamente o vento e disse ao mar: ‘Silêncio! Quietos!’ Logo o vento serenou, e houve grande bonança”. Conjurar, em grego *epitimaō*, é palavra própria do exorcismo. A palavra de Jesus vence o poder demoníaco do vento e do mar. Da mesma forma, no episódio da sogra de Pedro, Jesus vence o poder da febre, entendida como poder demoníaco, com a sua palavra (Lc 4,39). Apresentar Jesus realizando curas é anúncio da antecipação da chegada do reino de Deus (Mt 11,2-6; Lc 7,18-23). Algumas curas milagrosas atribuídas a Jesus realizam a esperança anunciada por Isaías (Is 26,19; 29,18-19; 35,5-6; 61,1).

d. A narrativa da multiplicação dos pães segundo o Evangelho de Marcos (6,30-44) apresenta uma multidão faminta e Jesus, que, ao olhar a realidade, “ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Como alimentar tantas pessoas? Os discípulos logo apontam a solução: que eles comprem seus alimentos. A resposta de Jesus é convite para superar essa mentalidade: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37). Para que o milagre aconteça, é preciso superar a mentalidade individualista e pôr os bens em comum (Ex 18,21; Dt 1,15). Ao

organizar a partilha em grupos de cem e de cinquenta, o Evangelho de Marcos relembra a organização tribal (Mc 6,40). Onde há partilha e solidariedade, ninguém passa fome. E esse alimento não é só para o povo de Israel, mas para todos os povos (cf. Mc 7,24-30; 8,1-10).

E hoje, num mundo marcado pela ciência e tecnologia, é possível acreditar em milagres? Em nossa realidade, há muitos santuários com suas salas de milagres. Há pessoas que vão a um santuário ou a um pregador em busca de milagres e nada acontece. Mas também existem as que vão e o milagre se realiza. Os milagres são manifestações concretas do Deus da vida. Como o salmista, podemos novamente cantar que Deus “realizou maravilhas porque seu amor é para sempre!” (Sl 136,4). Ele continua se manifestando na vida de homens e mulheres, “porque seu amor é para sempre!”.

Nas várias tragédias ocorridas no mundo e no Brasil, presenciamos o milagre da partilha. Pessoas e grupos se mobilizam para amenizar o sofrimento de quem perdeu tudo. Esse é o milagre da solidariedade. Porém nem sempre vemos essa organização e mobilização ao redor das questões sociais, como a situação de violência presente em nossas cidades ou em nossa comunidade; o mesmo se pode dizer das condições de extrema pobreza na qual vivem milhões de pessoas ou de outras situações de injustiça ao nosso redor. Milagres acontecem, sim, e nos fazem acreditar na força da vida. É preciso pormos mais forças em ação para que o milagre da solidariedade social possa acontecer cotidianamente em nós e ao nosso redor.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2007.
- DOZEMAN, Thomas B. *Exodus*. Grand Rapids Michigan: Eerdmans, 2009.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2008.
- ZENGER, Erich (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

DEUS ESTÁ EM GUERRAS?

Uma leitura de Êxodo 17,8-16

Shigeyuki Nakanose, svd*

No dia 25 de novembro de 1944, os pilotos japoneses *kamikazes* arremessaram seus aviões contra os porta-aviões Essex e Independence da força americana. O ataque suicida, “torpedo humano *kamikaze*”, representou uma das principais armas da força aérea da Marinha japonesa nos últimos estágios da Segunda Guerra Mundial. O resultado desses ataques foi “a morte de 2.525 pilotos em ataques *kamikazes*, provocando a morte de 4.900 soldados aliados e mais de 4 mil feridos. A Força Aérea americana alega que 34 barcos afundaram e 368 ficaram danificados”.¹

Existem versões diferentes para a história da criação do tipo *kamikaze*. Um dos elementos está enraizado, por certo, na origem do termo (*kami* significa “deus”, e *kaze*, “vento”). Trata-se de palavra japonesa comum por ter se tornado o nome de um tufão, sobre o qual se diz ter salvado o Japão, em 1281, de ser invadido por uma frota liderada por Kublai Khan, conquistador do império mongol. O vento de Deus, que salvou o Japão, marcou sua história, cultura e, especialmente, o xintoísmo, a religião nativa do país.

O xintoísmo se caracterizava pelo culto aos ancestrais e à natureza, associando as divindades com as montanhas, os rios, as árvores, o vento (*kaze*) etc., e transformou, ao longo da história, o imperador num deus (*kami*). No auge do nacionalismo da Segunda Guerra, os dirigentes do exército japonês fortaleceram

essa religião nativa como a religião oficial e sacralizaram o Estado e o imperador. Então, a guerra conduzida pelo imperador (o chefe do Estado) tornou-se uma guerra santa, e Deus atuava por meio de seus combatentes, como os *kamikazes*. Os jovens pilotos encarnaram o “vento” de Deus para derrubar os inimigos. A morte deles era considerada um ato honroso e uma porta para tornar-se divino. Na história da humanidade, com frequência aparece a “presença” de Deus em guerras.

No Primeiro Testamento, há vários textos que descrevem a participação de Deus em guerras. Em Israel, existe a tradição da guerra santa. As guerras de Israel eram consideradas guerras de Iahweh: “A bandeira de Iahweh em mãos! Iahweh está em guerra contra Amalec de geração em geração” (Ex 17,16). Nessa guerra, Iahweh aniquila, por seus soldados, todos os inimigos: “Josué pôs em fuga Amalec e seu povo ao fio da espada” (Ex 17,13). Houve muitas mortes. A crueldade e a barbárie da guerra eram justificadas em nome de Javé! A guerra continua até hoje, e há muitas guerras em nome dos deuses.

Afinal, é vontade de Deus? É Deus quem promove a matança? Para entender, nos tex-

* Shigeyuki Nakanose: religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no Itesp, na Faculdade Católica de São José dos Campos e na Faculdade Dehoniana, em Taubaté.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

tos bíblicos, a participação de Iahweh em guerras, é necessário considerar a redação do texto, a intenção do redator e o seu contexto sociorreligioso.

1. IAHWEH ESTÁ EM GUERRAS

No Antigo Oriente Médio, a guerra era guerra de deuses. As guerras de conquistas aconteciam em nome dos deuses de cada povo. A Bíblia relata várias guerras do povo de Israel sob a guia e a proteção de Iahweh:

Fizeram a guerra contra Madiã, conforme Iahweh ordenara a Moisés, e mataram todos os varões. Mataram ainda os reis de Madiã, Evi, Recém, Sur, Hur e Rebe, cinco reis madianitas; também passaram ao fio da espada Balaão, filho de Bôer. Os israelitas levaram cativas as mulheres dos madianitas com as suas crianças, e tomaram todo o seu gado, todos os seus rebanhos e todos os seus bens. Queimaram as cidades em que habitavam, bem como todos os seus acampamentos (Nm 31,7-10).

Na tomada de Jericó, primeira cidade conquistada em Canaã, Iahweh fez desmoronar a muralha da cidade, e o seu exército aniquilou todos os habitantes da cidade:

O povo lançou o grito de guerra e tocaram as trombetas. Quando o povo ouviu o som da trombeta, lançou um grande grito de guerra e a muralha ruiu por terra, e o povo subiu à cidade, cada qual no lugar à sua frente, e se apossaram da cidade. Então consagraram como anátema tudo o que havia na cidade: homens e mulheres, crianças e velhos, assim como os bois, ovelhas e jumentos, passando-os ao fio da espada (Js 6,20-21).

No início da monarquia, os israelitas enfrentam várias guerras. O relato sobre as guerras de Davi nos traz a memória da participação ativa de Deus na conquista:

Davi venceu Adadezer, filho de Roob, rei de Soba, assim que este pretendeu estender

o seu domínio sobre o rio. Davi tomou-lhe mil e setecentos cavaleiros e vinte mil homens a pé, e jarreteou Davi todas as parelhas, conservando apenas cem. Os arameus de Damasco vieram em socorro de Adadezer, rei de Soba, mas Davi matou vinte e dois mil homens dos arameus. Depois Davi instalou prefeitos no Aram de Damasco, e os arameus se tornaram súditos de Davi e lhe pagaram tributo. Onde quer que Davi fosse, Iahweh lhe dava a vitória (2Sm 8,3-6).

A guerra era uma guerra de conquista: destruição da cidade, massacres, saques, prisioneiros... A população inteira podia ser exterminada ou escravizada. A guerra traz a marca da crueldade da morte. O que pensar disso? Os fundamentalistas dão a sua resposta: Deus castiga e destrói os inimigos de Israel, do povo eleito. *A Bíblia falou, tá falado...* Ao longo da história, a Bíblia foi usada pelos “cristãos” para castigar os inimigos da fé cristã. É vontade de Deus? Parece que não. Por que a Bíblia escreve a barbárie da guerra sob a ordem de Iahweh?

Os estudos recentes nos fornecem algumas informações importantes sobre as guerras de Iahweh:

- 1) A redação dos livros do Pentateuco (Gn, Ex, Lv, Nm e Dt) e a redação final dos livros da “história deuteronomista” (Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs e 2Rs) ocorreram essencialmente no tempo exílico e pós-exílico. Em 587 a.C., os babilônios invadiram e saquearam a cidade de Jerusalém, incendiaram o Templo e ainda deportaram uma parte da população para a Babilônia. No exílio, para garantir a identidade do povo judeu no meio dos estrangeiros, nasce a ideia de povo puro e eleito: “Assim diz o Senhor Iahweh: Eis que tomarei os israelitas dentre as nações, para as quais foram levados, (...) e os purificarei, para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus” (Ez 37,21.23).

- 2) No pós-exílio, especialmente no tempo de Neemias e Esdras (450-350 a.C.), consolidou-se a compreensão de que o povo de Israel era o único povo santo, escolhido por Deus. Essa visão nacionalista excluía os estrangeiros, considerando-os como grupos impuros e condenados por Iahweh: “Purifiquei-os de todo elemento estrangeiro” (Ne 13,30).
- 3) Consolidou-se a ideia de Iahweh como o único Deus: “Iahweh é o único Deus, tanto no alto do céu, como cá embaixo, na terra. Não existe outro!” (Dt 4,39). O templo de Jerusalém, considerado a única morada de Iahweh, tornou-se o centro da vida religiosa e política do povo judeu. É o que chamamos de teocracia. Nesse período, a história de Israel foi reescrita segundo uma visão nacionalista e excludente.
- 4) Nessa história, Israel, descrito como um grupo nascido da caminhada dos patriarcas, do acontecimento do êxodo e da caminhada pelo deserto sob a orientação de Iahweh, é povo distinto dos moradores da terra de Canaã. Israel qualificava os outros povos como “estrangeiros”, “ímpios” e “idólatras”. Os seus deuses e suas adorações eram considerados como afronta e ataque a Iahweh. Por isso, os estrangeiros deveriam ser aniquilados com a crueldade da guerra santa de Iahweh.

Na redação final, os relatos das guerras contra os outros povos podem ter adquirido uma carga maior de violência e brutalidade por causa da experiência de Judá nas guerras e invasões dos assírios (701 a.C.) e dos babilônios (597 e 587 a.C.; cf. 2Rs 25,8-9). Os sentimentos de vingança se encontram nos oráculos contra as nações, redigidos no tempo exílico e pós-exílico: “Caia sobre a Babilônia a violência e as feridas que eu sofri!”, diz o habitante de Sião. ‘Caia sobre os habitantes da Caldeia o meu sangue!’, diz

Jerusalém. Por isso, assim disse Iahweh: ‘Eis que eu pleitearei a tua causa e me encarregarei da tua vingança’” (Jr 51,35-36).

Na mentalidade do grupo que escreve, é Deus que se encarrega de submeter as nações estrangeiras e aniquilar seus moradores. É a ação de Deus, todo-poderoso e vingador, contra os inimigos do povo judeu, convicção que deve ser propagada por toda a terra. Essa visão teológica encontra-se expressa no aniquilamento do povo de Amalec em Ex 17,8-16.

2. GUERRA CONTRA AMALEC

A Bíblia descreve os amalecitas como descendentes de Esaú (cf. Gn 36,12.16). São grupos nômades que vivem no deserto do Sinai. Os conflitos com os amalecitas são registrados em vários textos bíblicos (cf. 1Sm 15; 27,8; 30,1-2). Uma das causas de constantes conflitos com os povos vizinhos é a escassez de pasto e de água, imprescindíveis para a sobrevivência.

A última redação dos textos, que narram a inimizade entre Israel e Amalec, deu-se no tempo exílico e pós-exílico, segundo a ótica de Javé como o Deus único e de Israel como o povo eleito. Povos como os de Amalec, que adoram outros deuses, eram por certo considerados como idólatras e deviam ser exterminados:

Lembra-te do que Amalec te fez no caminho, quando saíste do Egito: ele veio ao teu encontro no caminho, quando estavas cansado e extenuado, e pela tua retaguarda, sem temer a Deus, atacou a todos os desfalecidos que iam atrás. Quando Iahweh teu Deus te der sossego de todos os inimigos que te cercam, na terra que Iahweh teu Deus te dará para que a possuas como herança, deverás apagar a memória de Amalec de sob o céu. Não te esqueças! (Dt 25,17-19).

Como Dt 25,17-19, o relato da guerra santa em Ex 17,8-16 vale para a época pós-exílica. O objetivo do relato é provar

que Deus está com Israel, o povo eleito, aniquilando seus inimigos idólatras. Rafidim é o local onde os israelitas questionaram a Moisés se Deus estava ou não com eles (Ex 17,1-7). Nesse relato, Josué é introduzido sem nenhuma preparação, como se o leitor já o conhecesse:

Ora, veio Amalec e combateu contra Israel em Rafidim. Então Moisés disse a Josué: “Escolhe homens e amanhã sai para combater Amalec; eu ficarei no cimo da colina com a vara de Deus na mão”. Josué fez o que Moisés lhe dissera, para combater Amalec, e Moisés, Aarão e Hur subiram ao topo da colina. E, enquanto Moisés ficava com as mãos levantadas, Israel prevalecia; quando, porém, abaixava as mãos, prevalecia Amalec. Ora, as mãos de Moisés estavam pesadas; tomando então uma pedra, puseram-na debaixo dele e ele se sentou; Aarão e Hur sustentavam-lhe as mãos, um de um lado e o outro do outro. Assim as suas mãos ficaram firmes até o pôr do sol (Ex 17,8-12).

De acordo com esse texto, Josué é o encarregado militar: é ele que faz a seleção dos guerreiros e comanda a batalha (Ex 17,9-10.14). Enquanto Moisés permanece na posição de adoração, auxiliado por Aarão e Hur, o inimigo é derrotado. Na conquista da terra, Josué lidera os israelitas pelo rio Jordão (Js 1-5) e também na guerra contra as cidades-Estados de Canaã (Js 6-12). A sua aparição repentina e ocasional no Pentateuco é por causa de sua associação com a conquista. A presença de Josué na guerra santa reforça a visão de salvação presente nessa narrativa, relacionando o êxodo à conquista da terra.

Eis como Josué é apresentado no Pentateuco: ele acompanha Moisés para receber a revelação da Lei sobre a montanha de Deus (Ex 24,13). Ele desce da montanha com Moisés depois da construção do bezerro de ouro, o que evidencia estar ele livre do pecado da idolatria (Ex 32,17-33,11). E mais: em Núme-

ros, Josué é retratado como líder carismático. Ele é o auxiliar de Moisés quando os setenta anciãos recebem uma porção do espírito de Moisés, e o próprio Josué também recebe o espírito (Nm 11,28; 27,18.22). Ele é o líder da conquista e o sucessor de Moisés (Dt 1,38; 3,21.28; 31,23). Dessa forma, Josué exerce a função de ligar o acontecimento do êxodo às guerras de conquista de Israel.

Mas, na narrativa de Ex 17,8-16, o papel principal não está com Josué, e sim com Moisés e a sua vara de Deus. Moisés assume novo papel: a missão de conduzir os israelitas na guerra santa. Ele ainda possui a habilidade de escrever: “Então Javé disse a Moisés: ‘Escreve isso para memorial num livro e declara a Josué que hei de extinguir a memória de Amalec de debaixo do céu’” (Ex 17,14).

Dois elementos novos surgem nesse texto: a vara de Iahweh e o livro de memórias. A perspectiva de vitória não depende das proezas militares, mas da adoração a Deus, que dirige o povo em sua caminhada. O poder para empreender a guerra não depende de Moisés, nem de Josué, nem dos guerreiros israelitas, mas do poder mágico da vara de Iahweh. A vitória está garantida quando Aarão e Hur ajudam Moisés, providenciando uma forma de seus braços ficarem em posição de adoração. Transparece, aqui, a importância do culto a Iahweh, o único Deus, no tempo do pós-êxilio.

Israel aniquilou o povo de Amalec: “Josué pôs em fuga Amalec e seu povo ao fio da espada” (Ex 17,13). A crueldade da guerra é santificada pelo caráter religioso da guerra santa de Iahweh contra os povos estrangeiros, que combatem em nome de seus deuses. A adoração a outros deuses é considerada rebeldia contra Javé, e os idólatras devem ser exterminados. É a lei do anátema, cuja função é a purificação cultural e religiosa no tempo pós-êxílico. Essa lei deve ser escrita no “livro de memórias”: o Pentateuco. Segundo o redator, Moisés deveria ser o autor do Pentateuco por ordem de Iahweh. No essencial, essa teologia

pertence ao estágio recente da formação do Pentateuco, ou seja, à redação pós-exílica.

A narrativa conclui com Moisés construindo um altar para Iahweh e atribuindo-lhe um nome: “‘Iahweh-Nissi’, porque ele disse: ‘A bandeira de Iahweh em mãos! Javé está em guerra contra Amalec de geração em geração’” (Ex 17,15b-16). O objetivo não é a construção do altar, mas o nome. Os relatos etiológicos – cuja função é relacionar o nome de um local a um acontecimento – ocupam papel de destaque na história da caminhada no deserto. A narrativa já apresentou a origem do nome do maná, de Massa e de Meriba e agora da guerra contra os amalecitas (cf. Ex 16,15; 17,1-7; 17,15-16).

A expressão: “A bandeira de Iahweh em mãos!” indica que ele é guerreiro e salvador na guerra contra os amalecitas. Eles são acusados de não temer ao único Deus e por isso é necessário a sua destruição como povo, para não prejudicar Israel. A vitória sobre Amalec comprova a presença de Iahweh no meio dos israelitas. Um Deus que está em guerra, lutando junto com o seu povo eleito (Ex 14,14).

Lendo e analisando o estilo, o vocabulário e o pensamento de Ex 17,8-16, percebe-se que se trata de um texto redigido por volta do ano 400 a.C., durante o período em que a comunidade judaica era organizada pelos teocratas em torno do templo de Jerusalém. Foi nessa época que se deu a última redação do Pentateuco sob a teologia de Iahweh oficial, o deus único, e do povo eleito Israel. Quem não adere a essa teologia oficial será condenado como infiel, impuro e malvado, castigado e aniquilado. Na tentativa de entender a redação do livro do Êxodo e sua teologia, vamos conhecer um pouco da realidade do Templo com a leitura de alguns textos.

3. A TEOCRACIA E SEU RELATO DO ÊXODO

Em 539 a.C., Ciro, o rei da Pérsia, derrotou a Babilônia, tornando-se o único rei de todo o

Oriente Próximo. O império persa conseguiu subjugar mais de 80 povos. Uma das estratégias políticas dos persas era dar liberdade religiosa aos povos dominados. Na Judeia, a Pérsia ajudou até a restaurar o templo de Jerusalém, desde que essa instituição servisse aos seus interesses políticos e econômicos. Os persas não interferiam nos ritos religiosos, mas fiscalizavam o funcionamento do Templo, onde os judeus ofereciam sacrifícios e pagavam seus dízimos.

Por volta do ano 460 a.C., surge uma revolta no Egito. Alguns anos mais tarde, o governador da satrapia de Transeufrates, província da qual Judá faz parte, também se rebela contra o poder central do império persa. Nesse contexto de grande instabilidade, entre 445 e 432 a.C., o império persa, de olho no corredor sírio-palestino, envia Neemias e Esdras para reorganizar e fortalecer Judá. A cidade de Jerusalém e o Templo se tornam o centro do poder político e econômico. Consolidou-se a sociedade teocrata em Judá.

O sistema do Templo e a teologia do puro e impuro são reforçados. A pessoa impura fica impedida de participar da vida comunitária e do culto no Templo, a morada exclusiva de Iahweh, o Deus único. A única forma de voltar a participar da sociedade e do Templo era fazer o sacrifício de purificação, que inclui a entrega de ofertas para os sacerdotes do Templo (cf. Lv 11-14). Assim, o Templo e a Lei se tornam os principais mecanismos de arrecadação de tributos para a manutenção da teocracia de Jerusalém, que repassa uma parte da arrecadação ao império persa.

No processo de consolidação da teocracia, sua instituição e sua teologia, ocorreu a última redação do livro do Êxodo. A releitura pós-exílica do Êxodo foi a principal responsável por dar a esse livro os contornos de uma imagem de Deus poderoso e de seu grandioso templo. A seguir, alguns textos da releitura.

1) A contribuição para o santuário:

Iahweh falou a Moisés, dizendo: “Dize aos israelitas que me tragam uma contribuição. Tomareis a contribuição de todo homem cujo coração o mover a isso. Eis a contribuição que recebereis deles: ouro, prata e bronze; púrpura violeta e escarlata, carmesim, linho fino e pelos de cabra; peles de carneiro tingidas de vermelho, couro fino, e madeira de acácia; azeite para a lâmpada, aromas para o óleo de unção e para o incenso aromático; pedra de cornalina, e pedras de engaste, para o éfode e para o peitoral. Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Ex 25,1-8).

Os caps. 25-27 oferecem uma imagem esplêndida do santuário do tempo pós-exílico, com uma organização desenvolvida segundo o modelo dos templos babilônicos. Por exemplo, o espaço do átrio, que congrega o povo ao redor do santuário, é equivalente ao templo de Jerusalém (cf. Ez 40). Na teocracia, os dízimos, as ofertas, os primogênitos e as primícias, transformados em tributo obrigatório, são entregues ao Templo, a única morada de Deus.

2) O peitoral do sumo sacerdote:

Farás para Aarão, teu irmão, vestimentas sagradas para esplendor e ornamento. Dirás a todas as pessoas hábeis, a quem enchi de espírito de sabedoria, que façam vestimentas para Aarão, para consagrá-lo ao exercício do meu sacerdócio. Eis as vestimentas que farão: um peitoral, um éfode, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinto (Ex 28,2-4).

O cap. 28 descreve as vestimentas sagradas do sumo sacerdote na época pós-exílica. Na teologia da teocracia, Deus deveria reinar diretamente sobre a comunidade judaica. “Na prática, o reino de Deus se realizaria ao conferir ao sacerdócio um papel político e ao configurar a comunidade judaica como uma cidade-templo”.² O sumo sacerdote não

era apenas o chefe do culto, mas também o encarregado de administrar a comunidade judaica nas decisões políticas e sociais. A sua autoridade no lugar do rei Iahweh era argumentada e sustentada pelas vestimentas, que têm função de produzir o espaço sagrado, separando-o do profano. O peitoral, por exemplo, contém as sortes sagradas: o *Urim* e o *Tummim* (cf. Lv 8,7-8).

3) O temor de Deus:

Moisés viu que o povo estava desenfreado, porque Aarão os havia abandonado à vergonha no meio dos seus inimigos. Moisés ficou de pé no meio do acampamento e exclamou: “Quem for de Iahweh venha até mim!” Todos os filhos de Levi reuniram-se em torno dele. Ele lhes disse: “Assim fala Iahweh, o Deus de Israel: Cingi, cada um de vós, a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo acampamento, de porta em porta, e matai, cada qual, a seu irmão, a seu amigo, a seu parente”. Os filhos de Levi fizeram segundo a palavra de Moisés, e naquele dia morreram do povo uns três mil homens. Moisés então disse: “Hoje recebestes a investidura para Iahweh, cada qual contra o seu filho e o seu irmão, para que ele vos conceda hoje a bênção” (Ex 32,25-29).

O texto apresenta o zelo dos levitas teocratas que executam a sentença de Iahweh contra os idólatras. No período pós-exílico, o monoteísmo de Iahweh consolida-se na teocracia de Judá e a idolatria deve ser combatida e punida. O castigo atinge a todos, e a execução chega até os familiares infieis a Iahweh. A lei religiosa está acima dos vínculos de família.

Como podemos perceber, a presença de um deus único, poderoso, ciumento e vingativo é força que mantém a teocracia. Não deve existir outro Deus que se oponha ao Deus oficial. A idolatria é considerada como rebeldia contra Iahweh oficial e ameaça que pode desestruturar a sociedade baseada na

aliança entre o povo eleito e Deus. A ordem do dia é manter-se fiel e puro diante de Deus. Ele abençoa a pessoa fiel com riqueza, vida longa e descendência. Mas não seguir as leis de Deus provoca castigo, desgraça, sofrimento e morte.

Sem dúvida, o massacre dos idólatras em guerra santa é assustador: “Iahweh teu Deus a entregará em tua mão e passará todos os seus homens ao fio da espada. Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu o tomarás como presa” (Dt 20,13-14). Deus está com o povo eleito, combate ao seu lado e lhe garante a vitória. Para a teologia pós-exílica dos teocratas, o aniquilamento dos povos estrangeiros serve, por certo, como apelo para uma purificação sociocultural e religiosa.

4. UMA PALAVRA FINAL³

Tal como no caso da teocracia judaica do pós-exílio, ainda hoje se recorre às teologias oficiais – também presentes em textos sagrados e doutrinas de outros povos – para esconder interesses econômicos e políticos ou apresentá-los como vontade de Deus. O nome de Deus continua sendo usado para justificar e legitimar atos de violência e até mesmo guerras contra povos e culturas que adoram divindades diferentes ou cultuam as divindades de modo distinto.

Exemplos disso são o apoio cristão e judaico às intervenções e ao bombardeio de diversos países muçulmanos por parte dos Estados Unidos, o apoio religioso e espiritual à violência, à discriminação e ao desejo de extermínio existentes nas relações entre Israel e os palestinos, nos conflitos intertribais na África, entre hindus e cristãos na Índia e em tantos outros pelo mundo afora.

Essa mesma espiritualidade está presente nos grupos que, em nome de Jesus, demonizam divindades africanas e indígenas e atacam centros de umbanda, candomblé e espiritismo. Ou

ainda financiam e promovem a conversão dos povos indígenas e povos de outras culturas, desejando que estes abandonem seus milenares modos de vida e assumam a cultura ocidental, branca e cristã.

No entanto, a comunidade joanina, por meio de Jesus, em Jo 8,39-44, adverte-nos de que o diabo, o demônio, não está na pessoa ou no povo que vive, exprime e cultua a Deus de forma diferente. O demônio está, sim, naquela pessoa ou grupo que quer destruir a cultura de outra pessoa ou de um povo e matá-los só porque são diferentes, pois o diabo “foi homicida desde o princípio”.

Hoje, como ontem, acontecem as guerras santas, que continuam provocando a morte de *kamikazes* e de suas vítimas. O jornal de hoje traz duas notícias: “Um homem-bomba se explodiu ontem em funeral em Peshawar, no noroeste do Paquistão; pelo menos 36 pessoas morreram e outras 100 ficaram feridas”; “Choques entre muçulmanos e a minoria cristã do Egito anteontem à noite, no Cairo, deixaram pelo menos 13 mortos e 140 feridos, segundo informações do Ministério da Saúde” (*Folha de S. Paulo*, 10 de março de 2011). Observar e seguir a lei do puro e do impuro? Esforçar-se para aniquilar os impuros? A vida e morte em nome de deuses? É preciso entender que o Deus de Jesus não faz distinção entre as pessoas, “ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Ele ensina o povo a viver um relacionamento na igualdade, amor e gratuidade.

Notas:

1. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/kamikase>>. Acesso em: 24 mar. 2011.
2. LIVERANI, Mario. Para além da Bíblia: história antiga de Israel. São Paulo: Paulus: Loyola, 2008, p. 394.
3. Esta parte é contribuição de Luiz José Dietrich, assessor do Centro Bíblico Verbo, e seu artigo “Em espírito e verdade: descolonizar a Bíblia e o cristianismos”, Estudos bíblicos, Petrópolis: Vozes, v. 106, p. 11-21, 2010.

MULHER, HOMEM E FAMÍLIA

Uma leitura de Êxodo 18,1-12

Maria Antônia Marques*

Shigeyuki Nakanose, svd**

Eta, chuvinha boa! Para nós do Nordeste a chuva é sempre sinal de esperança, de bênção. Estamos como a terra do sertão, pedindo chuva! Na seca, a vida fica ainda mais dura. É dureza nesta sociedade ser mulher, pobre, negra, com mais de quarenta anos! São quatro motivos para ser amaldiçoada e excluída nesta sociedade! Mas minha primeira experiência de me sentir amaldiçoada pela sociedade vem de longe. Sou nordestina. Casei-me com 19 anos. Só depois de quatro anos de casada consegui engravidar. Imagine o que isso significa! Todo o mundo me dizia: “Mulher que não gera filho é amaldiçoada”. Como eu não tinha filho, naquela vida pacata do interior, eu não tinha nada para fazer. Então li a Bíblia de ponta a ponta. O que me chamava a atenção era a questão da mulher estéril. Li a história de Sara, Ana, não sei mais de quem... Eu lia, mas não conseguia entender. E aí continuava com minha amargura, com minha tristeza em não poder ser mãe. Eu achava que nunca poderia gerar um filho. Sonhava com um filho homem. Cheguei a sonhar mesmo com meu filho. Principalmente porque minha irmã sofria repressão por parte do marido por não ter gerado um filho homem. Ela tem três meninas. Cada criança que nascia, o marido xingava, nem ia buscá-la na maternidade. E ela não conseguiu gerar um filho homem. Aquilo se tornou uma tortura para mim, que via minhas amigas, vizinhas, colegas do tempo com dois filhos e até mais! (Tereza, São Paulo).¹

A família é uma das unidades básicas da sociedade, que mantém a sobrevivência das pessoas. No seio da família, as pessoas cultivam cooperação, solidariedade e união. Porém, na realidade cotidiana da família, muitas mulheres sofrem incompreensão, submissão e violência verbal e física. Na maioria das vezes, as mulheres são sobrecarregadas de obrigações e sofrem de preconceitos, principalmente no domicílio familiar.

Ontem, como hoje, a Bíblia registra a importância da família como a unidade básica da sociedade: “Do trabalho de tuas mãos comerás, tranquilo e feliz: uma esposa será vinha frutuosa, no coração de tua casa; teus filhos, rebentos de oliveira, ao redor de tua mesa” (Sl 128,2-3). Mas na Bíblia também transparece restrição e preconceito contra as mulheres: “Foi pela mulher que começou o pecado, por sua culpa todos morremos” (Eccl 25,24). As condições sociais de inferioridade e subordinação estão presentes no cotidiano das mulheres de ontem e de hoje. Vamos re-

*Assessora do Centro Bíblico Verbo, ministra cursos de Bíblia em diversas comunidades; professora de Bíblia nas seguintes faculdades: Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, e na Faculdade Católica de São José dos Campos.
E-mail: ma-antonia@uol.com.br

**Religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no Itesp, na Faculdade Católica de São José dos Campos e na Faculdade Dehoniana, em Taubaté.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

fletir sobre a família à luz da vida do povo de Israel, aproximando-nos dela para conhecer a realidade do povo e, especialmente, das mulheres.

1. FAMÍLIA NA VIDA COTIDIANA

Historiadores e arqueólogos bíblicos afirmam que, no período dos juízes (1250-1030 a.C.), os israelitas enfrentavam desafios para sobreviver nas regiões montanhosas de Canaã. Do ponto de vista ecológico, eram regiões pobres, com topografia, clima, solo e recursos naturais desfavoráveis à atividade produtiva. As terras eram constituídas de áreas semidesérticas ou cobertas de mata cerrada, dificultando a produção agrícola e pastoril. Aos poucos, novas tecnologias agrárias, como a difusão do ferro e da cal, foram introduzidas, possibilitando aos israelitas a ampliação da área de plantio por meio de rápido desmatamento da terra e da retirada de pedras para construir terraços, solucionando dificuldades associadas à erosão e ao solo irregular. A água, armazenada nas cisternas revestidas de cal, permitia aos camponeses manter rebanhos de gado miúdo, ovelhas e cabritos nas montanhas.

A desafiante situação de sobrevivência também exigia dos israelitas um aproveitamento melhor da mão de obra. Na sociedade agrária do Antigo Israel, a unidade básica é a família ampliada (clã), constituída de duas ou mais famílias com várias gerações: avós, pais, filhos, netos, servos e até estrangeiros, chegando a ter cinquenta pessoas. Essa família habita em casas construídas num pátio comum e cultiva cereais, verduras e frutas, cria animais e produz o necessário para a subsistência de seus membros. Ninguém fica de fora na luta pela sobrevivência; todos os membros assumem os diferentes trabalhos, sejam anciãos, homens, mulheres ou crianças.

Por certo, na sociedade dos primeiros israelitas, os princípios de família, parentesco, solidariedade e responsabilidade coletiva deviam ser fundamentais para a sobrevivência. A Bí-

blia conserva várias normas que organizavam a vida cotidiana desses agrupamentos:

1. Terra: “A estas a terra será distribuída em herança, segundo o número dos inscritos. Àquele que tem um número maior tu darás uma propriedade maior e àquele que tem um número menor tu darás uma propriedade menor; a cada uma a sua herança, em proporção ao número dos seus recenseados. Todavia, a divisão da terra se fará por meio de sortes” (Nm 26,53-55). A terra deve ser repartida e usada segundo a necessidade de cada família.
2. Partilha: “Quando entrares na vinha do teu próximo, poderás comer à vontade, até ficar saciado, mas nada carregues em teu cesto. Quando entrares na plantação do teu próximo, poderás colher as espigas com a mão, mas não passes a foice na plantação do teu próximo” (Dt 23,25-26). Os bens necessários à vida são partilhados na sociedade fraterna.
3. A lei do levirato: “Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre, sem deixar filhos, a mulher do morto não sairá para casar-se com um estranho à família; seu cunhado virá até ela e a tomará, cumprindo seu dever de cunhado” (Dt 25,5; cf. Gn 38; Rt 4). Em geral, a terra é passada para o primogênito. Se acontecer de um homem morrer sem deixar herdeiro, as filhas têm o direito de herança (Nm 27,7-8), mas elas devem se casar dentro do próprio grupo familiar para que a terra não vá para outra tribo.
4. Tradição: “O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos a seus filhos; nós o contamos à geração seguinte” (Sl 78,3-4). As tradições são transmitidas oralmente de pais para filhos (cf. Dt 6,20-25).

5. Celebração: “Em todo lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei. Se me edificares um altar de pedra, não o farás de pedras lavradas” (Ex 20,24-25). O culto é celebrado em todo lugar e pelos representantes da família e do clã (Gn 28,18.22; 31,13; 35,14). Cada família possuía as suas divindades (Gn 31,19.34; Jz 17,4).
6. Enterro: “Depois Abraão expiou; morreu numa velhice feliz, idoso e saciado de dias, e foi reunido à sua parentela. Isaac e Ismael, seus filhos, enterraram-no na gruta de Macpela, no campo de Efron, filho de Seor, o heteu, que está defronte de Mambré. É o campo que Abraão comprara dos filhos de Het; nele foram enterrados Abraão e sua mulher Sara” (Gn 25,8-10). Os mortos são enterrados na propriedade familiar e cultuados conforme o costume religioso. Os rituais de sacrifícios aos mortos servem para assegurar o direito perpétuo sobre a terra como herança da família e fortalecer os vínculos de solidariedade entre os membros da mesma casa.

Nas aldeias comunitárias, a organização familiar e tribal é fundamental para a sobrevivência do povo. Mas, no seio dessas aldeias, é inegável a existência de desigualdade, injustiça e opressão contra as mulheres. A sociedade é baseada, por certo, no sistema patriarcal. A autoridade está com os pais, os maridos, ou seja, com os homens. Há uma divisão entre papéis masculinos e femininos na sociedade israelita. Costumes, tabus e regras justificam a submissão das mulheres aos homens.

No casamento, por exemplo, a jovem deixa a sua casa de origem e entra para a família do marido, ambiente muitas vezes hostil e desconhecido. Ela tem de se adaptar. O casamento é meio para fazer ou estreitar alianças com outras casas ou outros clãs. No sistema patriarcal é aceitável ter mais de uma esposa, pois isso

aumenta o número de descendentes e também a produção da casa. A esposa principal tem uma posição superior em relação às demais esposas e concubinas – ou seja, mulheres que mantêm relações sexuais com o homem, mas não são casadas.

A jovem esposa que passa a fazer parte da casa do marido enfrenta várias dificuldades. Ela se torna membro integral da nova família somente quando nasce o primeiro filho. Mas, se o marido tem outras esposas, o nascimento do filho ainda gera ciúmes e brigas (Gn 16,1-5; 21,8-21). Se ela deixa a casa de seu marido, o que é uma desonra, deve retornar para a casa de seu pai (Jz 19,2-3).

O poder e o privilégio das mulheres dependem de seus tutores. A filha solteira está na dependência do pai e, depois de casada, passa a depender do marido. A mulher aparece na lista de propriedades do marido, junto com o escravo, a escrava, o boi e o asno (Ex 20,17). O marido é chamado de *ba'al*, palavra hebraica que significa dono, marido ou senhor.

As mulheres exercem certa autonomia em assuntos domésticos. Porém, no espaço público, é bem limitada a sua participação, com algumas exceções que a Bíblia registra, por exemplo: a juíza Débora (Jz 4-5); Ana, mãe de Samuel (1Sm 1); a feiticeira de Endor (1Sm 28,3-25); as mães dos reis (1Rs 1); a profetisa Hulda (2Rs 22,11-20), entre outras. Aos poucos, as mulheres são excluídas, e definitivamente, do cenário sociopolítico e religioso do tempo pós-exílico. Elas estão ausentes da esfera pública. É a sociedade dos teocratas, organizada ao redor do Templo e da lei do puro e do impuro, que põe as mulheres à margem como impuras.

A última redação do Pentateuco foi feita na sociedade teocrática, por volta do ano 400 a.C. Os textos foram carregados com a visão da época. Por isso é muito importante ler o texto bíblico com certas perguntas em mente: como se dão, no texto, as relações entre homens e mulheres? Como as pessoas,

presentes e ausentes no texto, viviam o seu dia a dia? É nessa perspectiva que queremos ler Ex 18,1-12, que expressa a importância da família e, ao mesmo tempo, é sinal da sociedade patriarcal.

2. A AUSÊNCIA DA MULHER NO ATO LITÚRGICO

A narrativa de Ex 18,1-12, muitas vezes apresentada com o título de “encontro de Jetro com Moisés”, pode ser dividida em três cenas:

- a) a viagem de Jetro até a montanha de Deus para encontrar Moisés (vv. 1-5);
- b) Moisés acolhe Jetro e descreve como aconteceu a libertação (vv. 6-8);
- c) Jetro, Moisés, Aarão e os anciãos fazem sacrifícios e refeição (vv. 9-12).

Na estrutura da narrativa, os vv. 6-8 constituem o eixo central da mensagem, expresso na fala de Moisés: “Moisés contou ao sogro tudo o que Iahweh havia feito ao faraó e aos egípcios por causa de Israel, assim como todas as tribulações que encontraram pelo caminho, das quais Iahweh os livrara” (Ex 18,8). O redator assim resume os capítulos precedentes – a memória da saída do Egito e da caminhada pelo deserto – e faz uma preparação e ligação com a próxima seção da aliança no Sinai (Ex 19-24).

A narrativa inicia-se com o encontro de Jetro com Moisés, que está acampado na montanha de Deus. Mas, em 17,8-16, o povo de Israel está em Rafidim; em 19,2, Israel está no mesmo local de onde parte para o deserto do Sinai. Como entender o capítulo 18, no qual Moisés já se encontra na montanha de Deus? Ainda mais: de acordo com Ex 4,19-20.24-26, a mulher de Moisés e seu filho voltaram com ele para o Egito, e nessa narrativa eles estão em Madiã. Tudo isso indica que a narrativa de Ex 18,1-12 seja um acréscimo posterior, com o objetivo de salientar a grandeza do Deus do Êxodo e idealizar os madianitas como aliados do povo de Israel.

Os madianitas mostram hospitalidade a Moisés (Ex 2,15b-22). O primeiro encontro de Moisés com Iahweh na montanha de Deus acontece durante sua permanência em Madiã (Ex 3,1-6). Segundo a tradição bíblica, esse povo é apresentado como descendente de Abraão com Cetura (Gn 25,1-5) e conquistado por Edom (Gn 36,35; 1Cr 1,46). Há várias tradições divergentes que situam Madiã tanto no caminho para o Egito e na vizinhança de Edom (1Rs 11,18) como na região de Moab (Js 13,21).

Nos vv. 2-4, aparece a descrição da família de Moisés: Jetro leva Séfora até Moisés. O texto apresenta o filho de Moisés, já introduzido em Ex 2,22: “E ela deu à luz um filho, a quem ele chamou Gersam, pois disse: ‘Sou um imigrante em terra estrangeira’”. A novidade é que agora o narrador apresenta o nome de um segundo filho: Eliezer – “Deus é meu auxílio”. Os nomes dos dois filhos testemunham a vida dos israelitas no Egito e o poder de Deus na libertação do seu povo eleito. É a teologia consolidada pelos teocratas do tempo pós-exílico.

O encontro de Moisés com o seu sogro é semelhante ao encontro com Aarão (Ex 4,27-31). Ambos ocorrem no deserto, na montanha de Deus (Ex 4,27; 18,5). O encontro, conforme o costume do Antigo Oriente, inclui o beijo da saudação (Ex 4,27; 18,7). Nos dois textos, Moisés relata a sua experiência de Deus. Mas as semelhanças terminam quando Moisés leva Jetro para a tenda, o que pode ser uma referência à moradia (cf. Gn 18; Ex 33,7-11; Nm 11,24.26). O encontro se dá entre os homens, não há lugar para a presença da mulher no espaço público. A partir do v. 7, a mulher e os filhos desaparecem da cena.

No v. 8, Moisés relata a ação de Iahweh contra o faraó e os egípcios. E ainda reforça que Iahweh livrou o povo de todos os perigos. Esse mesmo motivo é repetido no v. 9: “Jetro alegrou-se por todo o bem que Iahweh tinha feito a Israel, livrando-o da mão dos egípcios”. Diante da libertação, Jetro exclama:

“Agora sei que Iahweh é maior que todos os deuses”. Expressão semelhante é encontrada na oração do salmista: “Agora eu sei que Iahweh dá a salvação a seu messias; ele responde do santuário celeste com as proezas de sua direita salvadora” (Sl 20,7). O sogro de Moisés reconhece a superioridade do Deus de Israel, fazendo eco ao cântico do mar: “Quem é igual a ti, ó Iahweh, entre os deuses? Quem é igual a ti, ilustre em santidade? Terrível nas façanhas, hábil em maravilhas” (Ex 15,11; cf. Sl 135,5).

No tempo pós-exílico, Iahweh se consolidou como o Deus único e poderoso: “Iahweh, Deus de nossos pais, não és tu o Deus que está nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos das nações? Em tua mão estão a força e o poder, e ninguém pode resistir a ti” (2Cr 20,6). Nem o grande império do Egito e seus deuses conseguem vencer Iahweh. É importante perceber que o redator coloca essa profissão de fé em Iahweh na boca de Jetro, um madianita. Os estrangeiros, como o faraó (Ex 9,27) e Raab (Js 2,9-10), devem reconhecer a superioridade de Iahweh, o Deus de Israel, que já teria aniquilado outros deuses, como Asherá, a Deusa da fertilidade, na sociedade israelita (cf. 2Rs 23,4).

O v. 12 descreve o sacrifício: “ofereceu a Deus um holocausto e sacrifícios”. No holocausto, *‘olah*, a oferenda é totalmente consumida sobre o altar (Lv 1; 6,1-6). Sacrifício, *zebah* em hebraico, significa cortar. Em hebraico, essa palavra é usada no plural, o que pode indicar uma variedade de sacrifícios. Recordemos que, segundo a história, no encontro inicial com o faraó, Moisés afirmou ser o sacrifício no deserto uma exigência de Deus aos israelitas (5,3), sacrifício lembrado no relato das pragas (8,25-27) e, agora, realizado sobre a montanha de Deus. A cena conclui com Aarão, os anciãos e Moisés comendo o sacrifício com Jetro na presença de Deus, assumindo um caráter formal.

Analisando o conjunto, o vocabulário e o pensamento de Ex 18,1-12, percebe-se que se

trata de texto que exprime um ato litúrgico da comunidade judaica, por volta do ano 400 a.C., durante o período em que o livro do Êxodo foi redigido, o que pode ser confirmado pelos seguintes elementos:

- 1) O local da celebração: “a montanha de Deus” (v. 5). No período pós-exílico, Sião (o templo de Jerusalém) era a única montanha sagrada onde Deus residia, e aí o homem “acampava” para adorar a Deus (Dt 12,2-3; Sl 2,6).
- 2) A profissão de fé e a ação de graças: “Bendito seja Iahweh” (v. 10); “Iahweh é maior que todos os deuses” (v. 11). Na liturgia, é proclamado e cantado o ato salvífico de Iahweh, que liberta e protege Israel (cf. Sl 31; 78; 95).
- 3) O sacrifício e o banquete sagrado: “comer diante de Deus” (v. 12). O banquete sagrado exprime a relação de aliança entre o fiel e o seu Deus. Não há nenhum texto bíblico que ateste a presença de sacerdotisa e de participação feminina no sacrifício oficial do segundo templo. Por causa da consolidação da lei do puro e do impuro, as mulheres são excluídas do ato litúrgico oficial do Templo.

Portanto, não há surpresa alguma com a ausência de Séfora, a mulher de Moisés, no ato litúrgico. Nele, Moisés, Jetro e os anciãos estão presentes (Ex 18,12). No tempo pré-exílico, as mulheres participavam de celebrações festivas: “Maria, a profetisa, irmã de Aarão, tomou na mão um tamborim, e todas as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança” (Ex 15,20). Tomavam parte também no ato litúrgico: “Séfora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio do seu filho” (Ex 4,25).

O texto de Ex 18,1-12 é relato de um encontro familiar, mas mesmo assim é possível perceber, nas entrelinhas, a condição inferior da mulher na sociedade israelita do segundo Templo. Analisando o texto na perspectiva da vida cotidiana, pode-se observar a posi-

ção social da mulher e sua subordinação ao homem.

3. A MULHER NA SOCIEDADE ISRAELITICA²

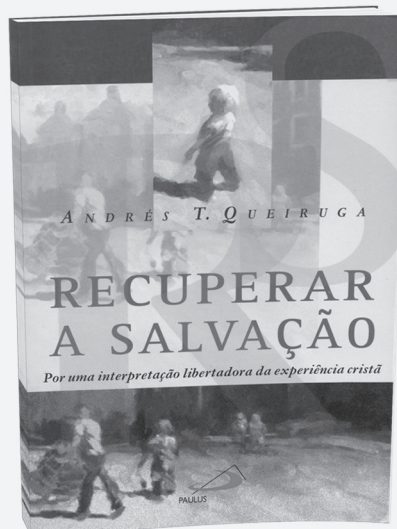
Na antiga sociedade israelita, a vida cotidiana da mulher, em geral, estava restrita ao espaço doméstico. A Bíblia atesta vários trabalhos assumidos por mulheres:

- *Cuidar de rebanhos*. “Jacó ainda estava conversando com eles, quando Raquel chegou com o rebanho do seu pai, pois era pastora” (Gn 29,9; cf. Ex 2,16).
- *Buscar água no poço*. “A jovem era muito bela; era virgem, nenhum homem dela se aproximara. Ela desceu à fonte, encheu seu cântaro e subiu” (Gn 24,16).
- *Fazer pão e cozinhar*. “Abraão apressou-se para a tenda, junto a Sara, e disse: ‘Toma depressa três medidas de farinha, de flor de farinha, amassa-as e fazê pães cozidos’” (Gn 18,6); “Rebeca disse a seu filho Jacó: ‘Vai ao rebanho e traze-me de lá dois belos cabritos, e prepararei para o teu pai um bom prato, como ele gosta’” (Gn 27,6.9).
- *Tecer*. “Ele (Sansão) lhe respondeu (a Dalila): ‘Se teceres as sete tranças da minha cabeleira com a urdidura de um tecido e as apertares com um pino, perderei a minha força e me tornarei como qualquer homem’. Ela o fez dormir, depois teceu as sete tranças da sua cabeleira com a urdidura, apertou-as com o pino...” (Jz 16,13-14).
- *Ajudar e animar as mulheres nos partos*. “Faltava uma pequena distância para chegar a Éfrata, quando Raquel deu à luz. Seu parto foi doloroso e, como desse à luz com dificuldade, disse-lhe a parteira: ‘Não temas, é ainda um filho que terás!’” (Gn 35,16-17).

Os trabalhos das mulheres, na maioria das vezes, estão ligados à casa, aos seus membros e

Recuperar a salvação

Por uma interpretação libertadora da experiência cristã
Andrés Torres Queiruga



A religião vê-se muitas vezes carregada com um peso que não é dela: experimentada como imposição mais ou menos repressiva. Aparece como religião do dever, da limitação da existência, da exigência, que não permite descansar... Falso.

O peso da vida não é o peso da religião, senão o da existência como tal. É o fato de se ser humano, de se realizar como pessoa aquilo que acaba sendo difícil (mas também tem seus gozos...). Ser pessoa: eis aí a exigência, o chamado que leva para a frente, a tarefa e a dureza da liberdade.

Formato: 13 cm x 20 cm

Páginas: 232

Cód.: 9788534913935

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



aos movimentos de vida e morte: nascimento, alimentação, vestimenta, prazeres, mortos, cultos domésticos etc. O papel das mulheres na administração da casa pode ser comprovado nos ditos populares. Elas são elogiadas como pérolas ao assumirem seus deveres de manutenção da casa e sua responsabilidade no destino das famílias:

Adquire a lã e o linho e trabalha com mãos hábeis.

É como a nave mercante, que importa de longe o grão.

Noite ainda, se levanta, para alimentar os criados. E dá ordens às criadas.

Examina um terreno e o compra, com o que ganha com as mãos planta uma vinha.

Cinge a cintura com firmeza, e emprega a força dos braços.

Sabe que os negócios vão bem, e de noite sua lâmpada não se apaga.

Lança a mão ao fuso, e os dedos pegam a roca.

Estende a mão ao pobre e ajuda o indigente (Pr 31,13-20).

As mulheres eram verdadeiras administradoras da casa. Trabalhavam até a madrugada, alimentando e vestindo os membros da casa, fabricando e negociando tecidos e outros objetos. Ainda no âmbito da casa, um dos papéis sociais era que fossem boas mães: “Seus filhos levantam-se para saudá-la” (Pr 31,28); “Ana ficou e criou o menino até que o desmamou” (1Sm 1,23).

Na sociedade patriarcal israelita, o ato de parir e criar os filhos pertence ao dever natural e importante das mulheres. Cada filho deve ser parido e criado com intensidade e cuidado, pois doenças, guerras e outras calamidades reduzem o número de membros, dificultando a sobrevivência e a manutenção da família ampliada. A arqueologia, por meio das escavações nos cemitérios, registra alto índice de mortalidade no período dos juízes:

O índice de mortalidade foi, evidentemente, muito alto entre a população pré-adulta. Num dos cemitérios, 35 por cento dos indivíduos morreu antes de completar cinco anos, e quase metade dos indivíduos não ultrapassou a idade de dezoito anos. Para aqueles que conseguiram sobreviver até a idade adulta, há um dado evidente: o índice de mortalidade de mulheres com idade para procriação foi excessivamente maior do que o dos homens. Numa população na qual a expectativa de vida para os homens poderia ser de quarenta, as mulheres poderiam ter a expectativa de vida perto de trinta.³

O alto índice de mortalidade infantil faz a sociedade exigir das mulheres maior número de filhos em vista da sobrevivência. Além do trabalho pesado que exercem na lavoura e na casa, elas são obrigadas a assumir o “trabalho penoso, sofrido e perigoso” de parir e criar os filhos (cf. Gn 35,16-20; Nm 12,12; 1Sm 4,19-20; Is 26,17). É situação que explica o alto índice de mortalidade das mulheres em relação aos homens. O ato da gravidez é uma ordem de sobrevivência. Um dos grupos de Israel preservava a memória da importância da reprodução como meio de sobrevivência e de resistência: “Mas, quanto mais os oprimiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam; e os egípcios se inquietavam por causa dos filhos de Israel” (Ex 1,12). Na mesma perspectiva, os benjaminitas raptam desesperadamente as filhas de Silo para suprimir sua necessidade de procriação (Jz 21). No período posterior, o papel das mulheres se intensifica por causa da exploração e da violência praticadas pelo Estado.

Ao longo da história do Estado, o rei fortalece e aumenta seus direitos sobre parte da produção e sobre o trabalho de seus súditos, tanto para o serviço das obras públicas como para o exército. O trabalho forçado é realizado por camponeses(as) livres, ou mesmo por seus filhos(as), a serviço do Estado, por tempo determinado: “Ele (rei) convocará os vossos filhos e os encarregará dos seus carros de guerra e de sua cavalaria e os fará lavrar a terra dele

e ceifar a sua seara, fabricar as suas armas de guerra e as peças de seus carros. Ele tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras” (1Sm 8,11-13).

O Estado explora ao máximo os homens do campo e sua produção. As constantes guerras exigem o recrutamento de homens para o exército. A ausência dos homens obriga as mulheres a dobrar seus trabalhos na casa e nas lavouras. Além do mais, são forçadas a assumir trabalhos domésticos na corte e nos santuários. Aos poucos, a desapropriação de terras pelo Estado destrói a Casa (Os 4,1-3). A violência institucionalizada, as guerras e suas brutalidades fazem parte da vida do povo, atingindo o cotidiano, especialmente o das mulheres – o útero e a gravidez – e das crianças:

- “Porque sei o mal que farás aos israelitas: incendiarás suas fortalezas, passarás ao fio da espada seus jovens, esmagarás suas crianças, rasgarás o ventre das mulheres grávidas” (2Rs 8,12; cf. 15,16; Os 14,1).
- “Efraim é como um pássaro, a sua glória voará: não há mais nascimento, não há mais gravidez, não há mais concepção. Ainda que eles criem seus filhos, eu os privarei deles antes que se tornem adultos. Sim, ai deles, quando eu me afastar deles!” (Os 9,11-12).
- “Efraim está ferido: suas raízes estão secas, não poderão mais produzir fruto. Ainda que eles gerem filhos, farei morrer o fruto querido do seu seio” (Os 9,16).

Para piorar a vida do povo, Nabucodonosor, rei da Babilônia, invade e destrói Judá e a sua capital, Jerusalém, vitimando milhares de pessoas em 587 a.C. Uma catástrofe nacional: fuga, saques, fome, deportação e matanças (cf. o livro de Lamentações). “Foram submetidos ao saque, e não há quem os liberte; foram levados como despojo, e não há quem reclame a sua devolução”, diz o Segundo Isaías a respeito da deportação para a Babilônia (Is 42,22). Nes-

se período, a mulher torna-se, mais uma vez, a maior vítima: “Há muito que me calei, guardei silêncio e me contive. Como mulher que está de parto, eu gemia, suspirava, respirando ofegante” (Is 42,14). O texto insinua haver violência sexual contra a mulher no contexto da guerra e do exílio na Babilônia.

O ano de 538 a.C. marca o fim do exílio na Babilônia. O decreto de Ciro, imperador da Pérsia, possibilita a reconstrução do povo judeu. Parece ser o fim do sofrimento. Porém, o pior ainda está por vir. Os persas, para melhor dominar, favorecem o projeto da elite: teocratas, templo, lei do puro e do impuro, teologia da retribuição, sacrifícios de reparação, tributos religiosos... A história se repete. Novamente, os descendentes da antiga elite de Judá, aliados à Pérsia, introduzem o velho sistema de exploração e exclusão. O Templo e a Lei se tornam instrumentos eficazes na coleta dos tributos, atingindo todas as dimensões da vida humana, principalmente a procriação:

Se der à luz uma menina, ficará impura durante duas semanas, como durante suas regras, e ficará mais sessenta e seis dias purificando-se do seu sangue. Quando tiver cumprido o período da sua purificação, quer seja por um menino, quer seja por uma menina, levará ao sacerdote, à entrada da Tenda da Reunião, um cordeiro de um ano para holocausto e um pombinho ou uma rola em sacrifício pelo pecado (Lv 12,5-6).

A maioria da população, especialmente a camponesa sem terra, experimenta exploração, desemprego, fome, miséria, escravidão e morte prematura: “Os ímpios mudam as fronteiras, roubam rebanho e pastor. O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos” (Jó 24,2.9.12). O corpo é transformado em principal fonte de impurezas, especialmente o das mulheres, que é ainda mais rentável, pois mensalmente se oferecem ofertas ao Templo para a purificação do sangue menstrual. O controle sobre

o corpo das mulheres aumenta ainda mais numa sociedade patriarcal, uma vez que, além da questão da produção, está em jogo a afirmação do masculino. E, nesse contexto, a masculinidade é medida por dois critérios: a força na guerra e na gravidez. Aquele que detém o poder deve ditar interesses e normas a serem respeitados e cumpridos. A mulher é propriedade do homem. É uma lei:

“Um homem não tomará a mulher do seu pai, para não retirar dela o pano do manto do seu pai” (Dt 23,1).

“Quem desposou uma mulher e ainda não a tomou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e um outro a tome” (Dt 20,7).

“Se um homem for pego em flagrante deitado com uma mulher casada, ambos serão mortos, o homem que se deitou com a mulher e a mulher. Deste modo extirparás o mal de Israel” (Dt 22,22).

São leis que nascem das necessidades e dos interesses concretos das famílias, das aldeias e do Estado. Os direitos dos homens não devem ser violados, pois a segurança e os procedimentos da vida social e comunitária estariam assim comprometidos. A mulher pertence ao homem no mundo patriarcal.

4. UMA PALAVRA FINAL

Hoje continuamos vivendo numa sociedade patriarcal e androcêntrica. As mulheres ainda são obrigadas a adequar-se a papéis que lhes são impostos, sem, muitas vezes, conseguir manifestar a sua vontade e sem conseguir realização pessoal. “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”, declara o artigo 1º da *Declaração universal dos direitos humanos*, de dezembro de 1948.

A violação desse artigo é muito frequente; a lista de violações é imensa. Dia a dia, os jornais anunciam casos de violência contra

a mulher. Cada vez mais, torna-se comum o fato de namorados ou amantes matarem suas parceiras por não concordarem com o fim da relação ou mesmo para se livrarem do compromisso. Um folheto apresenta o depoimento de uma mulher:

Me chamo R..., tenho 39 anos, sou separada, mãe de dois filhos, uma de 21 anos e o outro de 9 anos, que mora comigo. Moro numa casa de dois cômodos, alugada... Quando engravidei, descobri a minha gravidez próximo dos cinco meses; quando contei para o meu companheiro que estava grávida e com cinco meses, ele me disse: ‘Ou você tira essa criança, ou eu mato você e ela quando ela nascer’. Sem muita escolha, tomei um remédio abortivo e abortei o bebê... Nessa eu quase morri também...⁴

Quantas mulheres hoje são silenciadas? Outras gritam, mas nem sempre seu grito encontra ressonância. Deixemos ressoar em nossos ouvidos os gritos das mulheres de hoje e de ontem. Na Bíblia, podemos ouvir muitos gritos quando cada texto é lido levando em conta o contexto onde ele foi escrito e transmitido. A responsabilidade com a convivência fraterna das pessoas, baseada em direitos iguais, torna-se uma responsabilidade da humanidade. É minha responsabilidade! É sua! É de todos nós! Assim seremos dignos e dignas de exclamar: “Um viva a crianças, mulheres, homens e famílias!”

Notas:

1. Entrevista citada na dissertação de mestrado de Enilda de Paula Pedro, *YHWH lhe fechou o útero: uma leitura de 1Sm 1,1-28*, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2000, p. 9.
2. Sobre a vida cotidiana das mulheres no Primeiro Testamento, cf. Shigeyuki Nakanose, “Livra-nos da nossa humilhação (Isaías 4,1) – mulheres e reprodução no Primeiro Testamento”, *Ribla-Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis: Vozes, v. 57, p. 45-58, 2007.
3. MEYERS, Carol L. The roots of restriction: women in Early Israel. In: GOTTWALD, Norman K. (Org.). *The Bible and liberation: political and social hermeneutics*. Maryknoll: Orbis Books, 1984. p. 295.
4. Diga não à violência contra a mulher (folheto publicado pelo Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor).

ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

23º DOMINGO COMUM
(4 de setembro)

NÃO FECHEIS O CORAÇÃO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos o mês da Bíblia com o tema da correção fraterna. Em todas as leituras de hoje, a palavra de Deus vem insistir que somos responsáveis uns pelos outros e devemos ser um suporte para os fracos, indecisos, tíbios, apáticos na fé e no seguimento de Jesus.

Pouquíssimas pessoas têm coragem de advertir alguém que está errado. É mais fácil condenar, humilhar, fofocar ou ser indiferente. Mas a Bíblia afirma e reafirma a responsabilidade de uns para com os outros. Deus nos pedirá contas da vida de nossos irmãos e irmãs. Por isso, hoje, quando ouvirmos a sua voz, não endureçamos nosso coração.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 18,15-20): Se ele te ouvir, terás ganho teu irmão

O texto do evangelho de hoje situa-se no contexto do “sermão sobre a comunidade”, cujos textos são direcionados especificamente para orientar a vida na Igreja. E um tema muito precioso para o Evangelho de Mateus é a correção fraterna, essencial para o crescimento pessoal do cristão na comunidade.

O evangelho nos orienta no delicado passo da correção fraterna. Primeiramente devemos tomar consciência de que o ato de corrigir o irmão é nossa responsabilidade. O texto é claro: “Vai!” É um imperativo que nos interpela. A não realização desse mandato significa erro grave, pois nos omitimos diante do erro do outro, deixando que um membro do corpo de Cristo permaneça no engano.

O texto nos apresenta a preocupação com o retorno à comunidade de quem se desligou pelo pecado. Por isso são empregados todos os recursos para a volta do irmão. É uma correção feita com respeito e amor. São oferecidas várias oportunidades para a conscientização sobre o erro. Primeiramente a exortação pessoal, para preservá-lo de constrangimento diante da comunidade. Depois, a exortação diante de algumas testemunhas; por fim, diante da comunidade, para que o irmão obstinado em sua má conduta reconheça, perante a autoridade da Igreja, a situação em que ele mesmo se colocou.

Todo esse procedimento nos ajuda a perceber o papel mediador da Igreja para ajudar um membro a sair do erro. Isso porque não caminhamos sozinhos, mas fazemos parte de

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente leciona na Faculdade Católica de Fortaleza e em diversas outras faculdades de Teologia e centros de formação pastoral.

um corpo, necessitamos uns dos outros para viver nossa fé.

Se levarmos a sério nossa responsabilidade para com nosso irmão, nossa ação de exortá-lo, de encaminhá-lo para o rumo certo, proporcionar-nos-á ganhar um irmão na caminhada de fé. Nossa maior preocupação deverá ser não apontar os erros dos nossos irmãos na comunidade, mas reconduzi-los de volta à comunhão com Deus expressa na comunidade crente. Se fizermos isso, certamente a Igreja desempenhará bem seu papel de mediação da boa-nova de Jesus Cristo.

2. I leitura (Ez 33,7-9): Perdoa ao teu irmão

O profeta é não apenas o porta-voz de Deus, mas também uma sentinela para o povo. A sentinela era alguém que estava de prontidão, que permanecia acordado enquanto todos dormiam. Era alguém que percebia a aproximação de um inimigo ou de um viajante noturno aos portões da aldeia. Esse simbolismo nos ajuda a ver nossa responsabilidade perante as pessoas com as quais convivemos em casa, no trabalho, na vizinhança, nos círculos de amizade, na Igreja. Devemos estar atentos aos outros: perceber se estão em perigo, se correm algum risco de pôr a si mesmo ou outras pessoas em perigo.

A expressão bíblica “exigir o preço do sangue” significa ser responsável pelo outro. Deus exige que não sejamos omissos, que não deixemos as pessoas seguir para um precipício sem alertá-las – com bondade e compaixão, sem condenar nem humilhar – sobre a necessidade de mudança de atitude.

Em todo caso, deve-se respeitar o livre-arbítrio de quem é adulto e responsável pelos próprios atos, mas somente depois de ter sido tentado tudo o que é humanamente possível para o bem do próximo.

3. II leitura (Rm 13,8-10): Quem ama o próximo cumpriu toda a Lei

Os preceitos da Lei de Deus sobre as relações humanas culminam no amor mútuo. O “amor

não pratica o mal contra o próximo” e também não quer o mal para os outros. O fato de alguém não fazer nenhum ato de maldade não significa que possa ficar confortável, dizendo a si mesmo: “Não roubei, não matei, logo sou bom para meu próximo”. Quem não pratica o mal, mas se omite ou negligencia a responsabilidade pelo outro, não ama verdadeiramente o seu próximo. Responsáveis que somos por nossos semelhantes, não devemos ficar no comodismo, mas ajudá-los a ser alguém melhor.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É oportuno lembrar serem vários os motivos da omissão, os quais geralmente envolvem medo ou frieza de coração. Temos receio de advertir alguém e ser repelidos, perder a popularidade ou ser tachados de intransigentes. Por isso é mais fácil “lavar as mãos”, como fez Pilatos, e dizer: “Eu não tenho nada a ver com isso”. Não deixemos que nosso coração fique endurecido diante do clamor silencioso de quem está envolvido numa teia de erros e não consegue sair sozinho dessa armadilha. É mais fácil julgar-se superior, murmurar, fofocar, condenar quem caiu ou está em perigo de queda.

Comecemos este mês da Bíblia formando uma consciência de “povo de Deus”, todos unidos como irmãos e irmãs da mesma família, responsáveis uns pelos outros. Se alguém se desviou do caminho, vamos ao seu encontro e insistamos para que retorne. E, caso não queira nos ouvir, não desistamos: oremos para que Deus mesmo o reconduza. Somente não endureçamos nosso coração.

24º DOMINGO COMUM (11 de setembro)

PERDOAI-NOS, SENHOR, COMO NÓS
PERDOAMOS A QUEM NOS OFENDE

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da liturgia de hoje é o perdão. A oração que Jesus ensinou a seus discípulos

los traz o imperativo do perdão mútuo ao mesmo tempo que nos assegura o perdão divino. O pedido “perdoai-nos como nós perdoamos” não limita a ação de Deus em relação às nossas faltas, mas nos introduz na dinâmica divina de perdoar sempre. É porque Deus tem misericórdia de nós que devemos ter misericórdia de nossos semelhantes. Deus nos perdoou primeiro, e nós correspondemos a tão grande dom perdoando nosso próximo da maneira que nosso Pai nos perdoa. O mal deve ser vencido com a bondade ilimitada, que se manifesta incansavelmente no perdão. As leituras de hoje mostram que, se o mal é intensamente prolífero, deve o bem ser muito mais.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 18,21-35): Perdoai sempre

Pedro estava convicto de que tinha feito boa proposta a Jesus sobre o exercício do perdão. No entanto, Jesus eleva esse valor ao máximo possível. Se observarmos o texto de Gn 4,24, veremos que estão em jogo também esses números, só que no contexto da vingança.

No Antigo Testamento, a atitude de um descendente de Caim, Lamec, que se propõe vingar até setenta vezes sete, dá margem a uma corrente sem freios de violência. A atitude de Lamec é tão contrária ao ensinamento de Jesus quanto a atitude do servo é contrária à do patrão. A parábola quer ensinar que a morte de Jesus, segundo os critérios de Lamec, careceria de vingança infinita por parte de Deus. No entanto, o Pai, representado pelo patrão, não vingou seu Filho, mas perdoou infinitamente (setenta vezes sete). E com isso pôs fim à corrente de violência por meio do perdão.

Com isso se quer ensinar que somente o perdão, ato divino que somos chamados a praticar, pode pôr fim à violência. Como membros do corpo de Cristo, nossa atitude diante

das ofensas sofridas é perdoar sempre, pois não há ofensa maior do que aquela realizada por nós a Deus: a morte do Herdeiro amado. Mas o Pai transformou essa ofensa em perdão e salvação.

Perdoar sempre não quer dizer passividade ou omissão diante do erro e da injustiça, mas sim não guardar mágoa ou rancor, tampouco sentimentos de vingança. Somente pelo perdão, fruto do amor, podemos construir um mundo mais pacífico, fraterno e amoroso.

2. I leitura (Eccl 27,33–28,9): Perdoa a ofensa de teu próximo

Esse texto bíblico do Antigo Testamento representa um avanço na maneira pela qual as pessoas lidavam antigamente com as ofensas. O autor pede que se renuncie à vingança, afirmando que somente as pessoas afastadas de Deus é que nutrem a ira, o desejo de vingança no coração.

Quem tem um relacionamento mais íntimo com o Senhor deveria cultivar um espírito de misericórdia, já que a proximidade com Deus revela tanto as faltas do ser humano quanto o perdão divino.

A consciência de que todos têm necessidade da misericórdia de Deus deveria tornar as pessoas mais religiosas e mais dispostas a perdoar. Infelizmente nem sempre é isso que se vê.

O texto bíblico pede que a pessoa rancorosa pense na morte e perdoe as ofensas recebidas. “Pensar na morte” não significa “pensar num castigo eterno”, mas conscientizar-se de que a morte iguala a todos nós. Todos morreremos, e isso significa que ninguém é melhor que o outro e todos nós somos muito mais devedores de Deus do que de uns para com os outros.

3. II leitura (Rm 14,7-9): Pertencemos ao Senhor

Frequentemente as mágoas e os rancores surgem da intolerância com o diferente. Algumas pessoas não suportam que outras

pensem e vivam a religião, a missão, a profissão ou outras situações humanas de modo distinto. Há uma tentativa de uniformizar as opiniões. Geralmente se confunde unidade com uniformidade. Estar no mesmo grupo ou equipe e pensar ou agir de modo diferente é motivo para ser tachado de rebelde, de falta de espírito comunitário etc. Nessas situações é necessário discernimento, e o apóstolo Paulo nos dá uma pista para não criarmos ressentimentos por causa da pluralidade: “Ninguém vive para si mesmo... é para o Senhor que vivemos”. Aqueles que pensam e agem diferentemente de mim fazem-no por causa do Senhor ou para exaltar a si mesmos? E eu, quando penso que determinados pensamentos e atitudes das outras pessoas estão errados, é por causa do Senhor que penso assim ou é para exaltar a mim mesmo?

Cristo é o Senhor, nós pertencemos a ele; portanto, não devemos criar guerra em vez de bons relacionamentos somente porque alguém que caminha conosco dá passos diferentes e observa outras coisas no caminho.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a uma reflexão sobre o perdão e a tolerância. Estamos seguindo Lamec ou Jesus? Estamos empenhados em construir pontes ou em edificar muros entre as pessoas? É necessário sondar o próprio coração, perceber se ali estão aninhadas intolerâncias, ressentimentos, aversão ao “diferente”. Maturidade afetiva exige autocohecimento bem como um coração livre daquela mesquinha estreiteza do ser humano, o qual, embora constantemente necessitado de misericórdia, por vezes se mostra incapaz de perdoar ofensas insignificantes.

Neste mês dedicado à Bíblia, deixemos que a palavra de Deus penetre até nos recônditos mais profundos de nosso ser e nos transforme em verdadeiros irmãos de Jesus e filhos de Deus.

25º DOMINGO COMUM
(18 de setembro)

MEUS CAMINHOS NÃO SÃO
OS VOSSOS (Is 55,8)

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras de hoje exortam-nos a tomar cuidado para não reduzir Deus aos critérios humanos, por melhor que eles sejam. Deus ultrapassa tudo o que se pode pensar ou dizer sobre ele. Muitas vezes seus planos se tornam incompreensíveis ao ser humano. Quando isso acontece, resta-nos perseverar na fidelidade sem mudar de caminho, a exemplo de Jesus, que disse: “Pai, afasta de mim este cálice, contudo não se faça a minha vontade, mas, sim, a tua” (cf. Mt 26,39).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 20,1-16a): “Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”.

O texto situa-se no “sermão sobre a comunidade”. Jesus continua instruindo seus seguidores sobre como se comportar no mundo.

O reino dos céus é aqui comparado ao proprietário que contratou vários trabalhadores para sua vinha, em horários diferentes. No final, paga a todos igualmente, começando pelos últimos, contratados à tardinha, até os primeiros, contratados de manhã.

A maneira como o patrão trata seus operários nos chama a atenção para a gratuidade com que Deus nos acolhe em seu reino. Não é segundo os critérios humanos que Deus age em favor da humanidade. A estranheza das palavras de Jesus nessa parábola deve nos chamar a atenção para nossa maneira de julgar a Deus ou de atribuir-lhe atitudes especificamente humanas.

Geralmente o ser humano quer recompensa por suas boas ações. E, quando não se sente recompensado, acha que Deus é injusto, ou não o ama, ou esqueceu-se dele. Costuma-se

até dizer: “Por que Deus não atende às minhas preces? Sou tão dedicado, tenho tanta fé!”.

Mas a maneira de Deus agir não se iguala à nossa. Ele é absolutamente livre para agir como quiser. E essa liberdade é pontuada por seu amor incondicional e sua generosidade inestimável. Deus nos ama e deu-nos mais do que ousamos pedir. Deus nos deu a vida. Deus nos deu a si mesmo no seu Filho. Deus nos deu a eternidade ao seu lado.

Por isso, o reino dos céus não se apresenta como recompensa por nossos méritos pessoais. É puro dom de Deus, que nos chama gratuitamente a participar da vida plena. Cabe a nós acolhê-lo como dom ou ficar numa atitude mesquinha de sempre esperar recompensas por méritos prévios. Isso não é cristianismo, não é gratuidade. Isso não é resposta amorosa a Deus.

2. I leitura (Is 55,6-9): Que o perverso deixe o seu caminho

O texto da primeira leitura é uma oferta de perdão, de paz e de felicidade para os pecadores. Em primeiro lugar, assegura que as orações e o arrependimento serão acolhidos por Deus: “buscai o Senhor... invocai-o... deixe o mau caminho... converta-se... que o Senhor se compadecerá” (v. 6-7).

Deus não é como o ser humano, seus pensamentos são totalmente diferentes. Deus é infinitamente fiel: não desiste de seus filhos, não cessa de ofertar-lhes sua misericórdia sem limites. Ao contrário, o ser humano desiste de Deus, trilha outros caminhos bem diferentes daqueles que são propostos pelo Senhor.

“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor... volte-se para o nosso Deus” (v. 7).

Em primeiro lugar, arrepender-se é mudar de caminho, de atitudes, é tomar outros tipos de decisões, fazer outras escolhas. Mas não é só isso: há que mudar também os pensamentos, ou seja, transformar-se internamente, mudando de mentalidade em relação ao mundo, às pessoas e às situações; mudar de ideia

a respeito de si mesmo, mudar até mesmo as concepções sobre Deus e sobre seus caminhos, porque o Senhor sempre estará muito além do que se pode dizer e pensar a respeito dele.

Converter-se é mudar de mente e voltar aos caminhos do Senhor. Mas voltar a ele não porque houve total compreensão do seu projeto, e sim porque ele é soberano e misericordioso. A vida humana só tem sentido no relacionamento com Deus, e, quando seus caminhos são difíceis de entender e de trilhar, resta, acima de tudo, perseverar na fidelidade.

3. II leitura (Fl 1,20c-24.27a): Meu viver é Cristo

Grande exemplo de perseverança, mesmo que os planos de Deus se tornem incompreensíveis, é-nos dado na leitura da epístola aos Filipenses. O cristão vive unicamente para Deus, não em função de recompensas por méritos pessoais. Qualquer que seja a situação, boa ou ruim, deve perseverar no bem e na busca de agradar unicamente a Deus, seguindo em frente sem hesitar.

O cristão não deve desanimar nunca, mesmo se, depois de repetidos esforços, sentir-se fracassado ou mesmo perseguido, como o apóstolo Paulo. É necessário confiar somente em Deus, pois só ele pode dar eficácia à atividade humana. Mesmo sem entender o que acontece consigo, o cristão deve viver de modo digno do evangelho (v. 27).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Não considerar a parábola no plano da justiça social, mas respeitar a estranheza das palavras de Jesus, que tem por objetivo nos conscientizar de que o reino de Deus não se baseia em mérito-recompensa, mas é puro dom. O próximo domingo será o dia da Bíblia; é bom destacar a importância do itinerário do povo de Deus, comparando-o ao daqueles trabalhadores das primeiras horas. Os hebreus foram os primeiros a responder “sim” ao apelo do dono da vinha. As demais nações herdaram desse povo as alianças, as promessas, a história

e principalmente o Messias. Sejam gratos a Deus e a Israel, nosso irmão mais velho, fadado pelo dia inteiro de trabalho.

26º DOMINGO COMUM
(25 de setembro)

ENSINA-ME, SENHOR,
OS TEUS CAMINHOS (SI 25,4)

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os textos de hoje nos mostram que o reino de Deus entra em diálogo com o ser humano para que este possa distinguir entre o modo como se dá a ação divina e a maneira humana de proceder. O ser humano é uma tarefa, ele nunca vai estar terminado; sua existência no mundo é um constante fazer-se e refazer-se baseado nas decisões tomadas com livre-arbítrio.

Quem é bom pode deixar o caminho do bem, e quem é perverso pode abandonar a vereda do mal. Por isso, Deus está constantemente chamando o ser humano para que deixe os caminhos tortuosos e diga um “sim” consciente e maduro que seja realmente “sim”. Para isso, Deus envia mediadores, na tentativa de chegar ao coração humano.

Contudo, as pessoas podem recusar o chamado de Deus, fazer pouco caso de sua proposta ou até mesmo ser hostis com os mediadores que ele envia. É sobretudo por orgulho que opõem obstáculos à própria salvação. Por isso, exorta-nos o apóstolo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 21,28-32): João ensinou o caminho da justiça e não acreditaram nele

Jesus, para nos instruir sobre nossas próprias escolhas, conta-nos a parábola dos dois filhos que mudaram de atitude. Deus nos fez livres. A salvação que ele nos oferece é puro dom. Cabe a nós responder “sim” ou “não”

a esse convite. O livre-arbítrio possibilita ao ser humano acolher em sua vida o bom ou o mau caminho. Há sempre a possibilidade de mudar de rumo. É isso o que nos mostra o texto. Ambos os irmãos mudaram de rumo. Um fez a vontade do pai e o outro não.

Estar no rumo certo não é sinônimo de segurança, pois podemos ser facilmente levados para outro caminho se não nos mantivermos atentos ao chamado constante de Deus. Por isso a necessidade constante de conversão, porque não estamos prontos. E os que se acham “santos” são muito facilmente propensos ao erro, mais do que os que têm firme consciência das próprias limitações. Os “santos” acabam afogando-se na sua soberba e se fecham à graça divina. Ao contrário, os pecadores são mais abertos para acolher a graça, pois confiam apenas na misericórdia de Deus.

Fazer a vontade de Deus é muito mais acolhê-lo na vida diária do que proclamar discursos vazios, destituídos de testemunho de vida. Deus nos chama constantemente a viver seu amor na doação total de nossa vida ao irmão. Deve-se viver esse chamado nos atos cotidianos, nas relações interpessoais, nas próprias escolhas. Fazendo assim, caminha-se na justiça e no testemunho fidedigno do reino de Deus.

2. I leitura (Ez 18,25-28): Deus ensina o caminho aos pecadores

O texto começa com uma estranheza: “o caminho do Senhor não é direito” (v. 25). Pensava-se dessa forma porque Deus não fazia o que se esperava, a saber: recompensar o “justo” e castigar os “injustos”. Esse modo diferente de Deus proceder irritava as pessoas tidas como santas naquela época.

Por meio do profeta, Deus toma a palavra e põe as intenções humanas às claras: os caminhos humanos é que são tortuosos, mas, apesar disso, Deus continua chamando, respeitando o livre-arbítrio e perdoadando a cada um de seus filhos.

Em primeiro lugar, Deus se dirige aos tidos por justos. O que se pode dizer de uma pessoa

realmente justa? Como pode ser qualificada uma pessoa convertida? Aquele que aparentemente é santo e irrepreensível e comete atos que fazem transparecer grande maldade no coração pode ser considerado justo ou convertido? Segundo o texto que foi proclamado, a pessoa que se qualifica assim não é verdadeiramente justa, e Deus, que tudo vê, considera os atos de iniquidade dela, e não sua suposta justiça externa.

Outros são tidos por pecadores, hereges, infiéis, gentinha de má conduta. A estes Deus convida à conversão e, caso tenham abertura para acolher o perdão divino, é-lhes assegurado que não serão considerados os atos praticados numa vida desregrada, muitas vezes afetada por condicionamentos sociais, religiosos e psicológicos.

Enfim, o texto bíblico exorta todos à conversão, e a todos está destinado o perdão de Deus.

3. II leitura (Fl 2,1-11): O esvaziamento de Cristo nos ensina o caminho para Deus

O apóstolo Paulo pede aos filipenses que tenham os mesmos sentimentos de Cristo (v. 5). Com isso, ele espera resolver o problema daquela comunidade: egoísmo e arrogância (v. 3) e dissensões internas que ameaçavam o amor, a unidade e o companheirismo. Mas quais seriam os sentimentos de Cristo que o apóstolo deseja inculcar nos filipenses?

Para definir bem de que se trata, Paulo usa o termo “esvaziamento” ou “abaixamento”, que significa privar-se de poder ou abdicar de um direito que se possui. Cristo não se apegou à sua condição divina nem usou dos privilégios dela em favor de si mesmo, mas assumiu a existência humana como servo. O abaixamento de Cristo não é apenas tornar-se humano, mas, além disso, tornar-se servo.

Isso caracteriza a totalidade da vida de Jesus, que assumiu as limitações humanas e esteve à mercê de nosso egoísmo e violência, responsáveis pela sua morte terrível na cruz. Porque, acima de tudo, ele quis atender ao

bem-estar e aos interesses dos outros em vez de ter interesses egocêntricos.

Esse modo de viver de Jesus nos ensina o caminho para Deus. É descendo a escada da humildade que ascendemos ao reino definitivo. Esses critérios são diferentes dos critérios humanos, mas são o único e legítimo caminho para a verdadeira humanização e para Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O momento atual é marcado por uma religiosidade intimista e subjetiva de relacionamento vertical: o indivíduo e Deus. Isso traz como consequência a ideologia da prosperidade: “Eu não cometo pecados escandalosos e, em troca, Deus me abençoa com o que quero”. Esse tipo de religiosidade suscita a ideia de um Deus castigador que está contra os “maus” e recompensa os “bons”. As leituras de hoje mostram que tal pensamento é tortuoso e não representa os critérios de Deus. Por isso é bom destacar na homilia a gratuidade, o cuidado com os mais fracos, a tolerância e o diálogo que constroem comunidade.

Hoje é o dia da Bíblia, palavra de Deus, “luz para os passos, lâmpada para o caminho” (Sl 119,105). Esta data não deve passar sem algum destaque na comunidade. Há um clamor uníssono para que a palavra de Deus seja o centro da vida e da missão da Igreja. Este dia é ótima oportunidade para que sejam iniciados (ou melhorados) eventos que destaquem a centralidade da palavra de Deus em toda a Igreja, começando pelas comunidades mais simples e pequenas até atingir o mundo inteiro.

27º DOMINGO COMUM (2 de outubro)

TRABALHAR NA VINHA DO SENHOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da vinha é predominante na liturgia de hoje. Trata-se de parábola comum ao Antigo e ao Novo Testamentos da qual primeiro

os profetas e, depois, Jesus se serviram para falar do amor de Deus e da ingratidão do ser humano. Na primeira leitura, Isaías descreve a história de Israel como a história da vinha que o Senhor plantou e à qual deu condições para que produzisse bons frutos. O evangelho resume a metáfora de Isaías e a desenvolve, falando de outros imensos benefícios feitos por Deus, primeiramente o envio dos profetas e, enfim, o envio do Filho como prova suprema de amor. A segunda leitura pode ser tomada como um convite à gratidão para com Deus e como compromisso de nossa parte para darmos abundantes frutos de boas obras.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 21,33-43): Entregarão os frutos no tempo certo

Numa releitura do texto de Isaías, o evangelho de hoje vem acentuar a importância dos líderes religiosos no exercício de sua missão na comunidade: cuidar da vinha.

O cultivo da vinha exige muita dedicação, porque ela representa frequentemente os escolhidos de Deus, que são muito valiosos para ele. O dono da vinha esteve distante até o tempo em que ela deveria dar frutos e a confiou a “empregados”. Jesus está dizendo a seus interlocutores que eles são apenas servos de Deus, que a função deles é entregar os frutos para o verdadeiro dono, mas eles quiseram fazer as coisas do jeito deles.

Os servos quiseram a parte que pertencia a Deus. Mas somente o Senhor tem a última palavra na condução do povo. E somente a Deus pertence o louvor, não aos líderes religiosos. Então a liderança religiosa já não estará com aquele grupo; caberá a quem fizer a vinha produzir frutos para Deus.

Essa realidade criticada pelo evangelho está presente na Igreja em todos os tempos, porque o ser humano é sempre tentado a usurpar o lugar de Deus. Para aprendermos a assumir nosso papel na liderança da comunidade, basta olhar para Jesus, que não se apegou a seu ser igual a Deus, mas assumiu a condição de ser-

vo (cf. Fl 2,6-7). E ele é o herdeiro da vinha. Por isso, Jesus é o caminho a ser seguido não somente pelos líderes religiosos, mas por todos os cristãos que queiram realizar na sua vida a vocação humana e cristã: ser para Deus. Se realizarmos essa vocação, certamente a vinha do Senhor dará muitos frutos no seu tempo.

2. I leitura (Is 5,1-7): Esperava que produzisse uvas boas

O poeta canta em versos a história de amor entre seu Amigo e a vinha. Primeiramente destaca o cuidado que seu Amigo teve para com ela: preparou a terra, plantou mudas selecionadas; deu-lhe proteção permanente com vigias, construindo uma torre; evitou que as uvas se estragassem, fazendo um tanque de amassar uvas. Esses cuidados fizeram dela uma “vinha preciosa” (Jr 2,21). Contudo a vinha não correspondeu às expectativas de seu proprietário. Para Isaías, a vinha é Israel e Judá, a totalidade do povo de Deus. Que expectativas não foram correspondidas? O exercício da justiça e do direito.

O poeta afirma que seu Amigo, o proprietário da vinha, identificado com o Senhor dos exércitos, convoca os moradores de Jerusalém para julgar a vinha. O proprietário faz duas perguntas: a primeira sobre as próprias atividades, e a segunda sobre a produção da vinha. No final, o proprietário dá uma sentença, anunciando o que fará. E suas atividades para com a vinha serão o oposto dos cuidados iniciais. O ápice é o v. 7, no qual estão em contraste as expectativas de Deus e a resposta negativa do povo.

A vinha não produz os frutos esperados, o povo não realiza obras que agradam a Deus, especificamente a justiça e o direito. Essas palavras da primeira leitura são bem atuais; hoje elas se dirigem a nós que somos povo de Deus em Jesus Cristo.

3. II leitura (Fl 4,6-9): Ocupai-vos com tudo o que é bom

O texto da segunda leitura traça um itinerário para que o cristão possa ter uma

práxis que seja fruto de seu relacionamento com Deus.

Primeiramente diz: “Não vos preocupeis com coisa alguma”. Isso não significa ser irresponsáveis nas tarefas, nas atribuições, nas profissões, nos relacionamentos familiares etc., e sim que as preocupações com o cotidiano não devem tomar demasiado espaço em nossa vida. Quanto mais se confia em Deus, tanto mais os pensamentos ficam livres de aflições e ansiedades (cf. Mt 6,25 e 1Tm 5,8).

Se alguma situação se torna muito difícil para nós, então devemos nos reportar a Deus com orações e súplicas. A palavra “súplica”, no idioma em que o texto foi escrito, denota o sentido de algo do qual necessitamos muito, de alguma coisa vital para nós. Mas as orações e súplicas devem estar unidas à ação de graças, porque devemos agradecer a Deus antes mesmo de receber a resposta dos nossos pedidos. Talvez Deus não realize exatamente o que esperamos, mas sabemos que ele sempre responde às nossas orações e por isso devemos agradecer imediatamente.

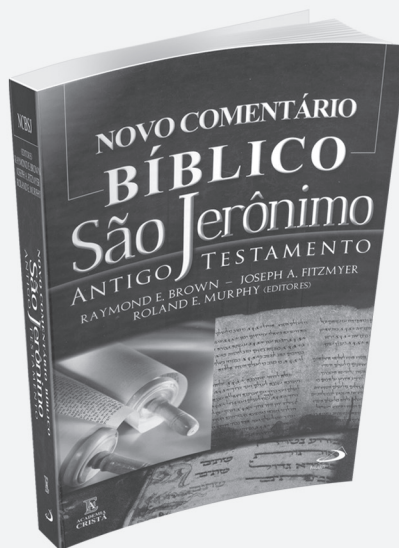
Em seguida, após depositarmos nossas dificuldades nas mãos de Deus, então já não estaremos tão estressados como antes e poderemos saborear “a paz que supera todo entendimento” (v. 7). Sentimos paz não porque a situação foi resolvida, mas porque ela já não nos sufoca – afinal, somos a vinha bem cuidada de Deus.

E como nossa mente já não está sobrecarregada com preocupações e ansiedades, então podemos nos ocupar com o que é essencial (v. 8): levar uma vida exemplar no mundo (dar testemunho), sendo verdadeiros, sabendo respeitar a dignidade do outro, sendo amáveis, sendo puros, enfim, praticando as virtudes.

Paulo termina dizendo que esse comportamento os filipenses aprenderam observando o modo como ele, Paulo, se comportava. Quem dera as pessoas pudessem também aprender essas coisas pelo testemunho dos cristãos. Então o mundo inteiro seria uma vinha que produz frutos agradáveis para Deus.

Novo comentário bíblico São Jerônimo

Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (orgs.)



Novo comentário bíblico São Jerônimo é uma verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, encontram-se também artigos mais amplos concernentes à História de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica.

Concisão, objetividade e clareza são apenas algumas das características dos artigos deste comentário, destinado não só a exegetas e teólogos, mas também a pregadores, missionários, catequistas, cientistas de outras áreas do conhecimento.

Formato: 18 cm x 25,5 cm

Páginas: 1.268

Cód.: 9788598481197

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Também para os membros da Igreja valem as palavras de Isaías e de Jesus; por isso a homilia deve evitar estabelecer contraposição entre Israel e Igreja, para não deixar os cristãos numa posição muito confortável. Se a vinha, que é a vida de cada fiel na Igreja, não der frutos, Jesus dirá hoje as mesmas palavras que dirigiu aos líderes religiosos da sua época. Estamos iniciando o mês missionário, e todo batizado deve ser “vinha do Senhor”, dar frutos e evitar o comodismo que freia a missão. Esta não deve ser entendida como atividade individual e fruto de recursos e capacidades humanas, mas sempre como colaboração com a obra missionária de Cristo, pois ele é a origem e fonte de toda atividade missionária na Igreja.

28º DOMINGO COMUM (9 de outubro)

IDE POR TODOS OS CAMINHOS E
CONVIDAI PARA O MEU BANQUETE

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje apresenta a salvação sob a metáfora de um banquete preparado por Deus para todos os povos. No idioma em que o texto foi escrito, há certa dificuldade para falar sobre os sentimentos, sobre o humor ou sobre os estados de espírito. Por isso se tomam emprestadas da linguagem cotidiana as metáforas que servem para expressá-los. A dor é representada pelo fogo (ou pelo gelo) que queima, pelas lágrimas ou pelo ranger de dentes. A alegria é simbolizada pelo banquete. Quando a Bíblia fala sobre o fogo eterno ou o banquete eterno, está apenas simbolizando os sentimentos de tristeza ou alegria infinita.

A refeição era o maior gesto de comunhão, e a liturgia judaica sempre usa o comer e o beber para falar do encontro de irmãos entre si e com Deus. Estar à mesa com alguém é fazer aliança com ele. Nos textos da liturgia de hoje,

o banquete de Deus é para todas as pessoas, não apenas para Israel. Somos convocados para o banquete de Deus e somos enviados por ele para convidar a todos para a mesa da nova aliança.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 22,1-14): Vinde ao banquete

O evangelho acrescenta um aspecto novo ao texto de Isaías: trata-se de um banquete nupcial. “Núpcias” ou “casamento”, no idioma de Jesus, significam o mesmo que “aliança”. Assim, o texto quer dizer que todos são chamados a ingressar na nova aliança realizada em Jesus. Mas a resposta a esse convite nem sempre é positiva ou adequada, como se percebe nas atitudes dos candidatos.

Há quem recuse o convite apesar de nada ter-lhe sido exigido, mas, ao contrário, tudo ter-lhe sido oferecido. Essa atitude significa a rejeição ao amor e à gratuidade de Deus, muito comum na sociedade atual. Muitas pessoas não querem nem ouvir falar de Deus. Aham que tudo o que possuem é fruto do esforço pessoal. Deus nada tem a ver com isso. São incapazes de perceber o amor de Deus presente nelas próprias e naquilo que as rodeia.

Há quem aceite, mas não use a veste adequada, ou seja, não tenha disposição interna para o seguimento de Cristo. Sua fé é desvinculada da práxis. Muitos cristãos querem viver a fé superficialmente, buscando apenas usufruir do que a religião possa lhes oferecer por aquele momento. Uma vez satisfeita sua “necessidade”, esquecem-se de Deus. São pessoas que não têm vínculo real com a fé e suas exigências.

O convite a participar do banquete da nova aliança é feito a todos, sem distinções. Mas a adesão a Cristo requer uma resposta radical, que envolva a totalidade da vida. E nem todos estão dispostos a mudar sua “veste”. É por isso que “muitos são chamados, e poucos são escolhidos”: isso significa que o número dos que entraram na aliança é inferior ao dos

chamados, por causa da superficialidade da resposta ao convite de Deus.

2. I leitura (Is 25,6-10a): Diante de mim preparas uma mesa

O texto menciona um banquete suntuoso que revela a grandiosidade e a generosidade de quem o oferece. Numa terra cercada por desertos, é de admirar um banquete de carnes gordas regado com vinhos finos. Trata-se não somente de uma ocasião de grande alegria, mas também de uma manifestação de abundância.

O banquete será oferecido no monte Sião, ou seja, em Jerusalém, capital da terra de onde mana leite e mel, quer dizer, da terra fértil numa região desértica. A menção do vinho merece mais atenção: “vinho fino” tem o mesmo sentido de “preservar”, significa que o vinho retém cor, cheiro e sabor apesar do tempo. Nesse banquete, será servido um vinho que ganhou qualidade ao longo do tempo. Significa uma nova aliança que plenifica a primeira.

No mesmo versículo é mencionado o “vinho depurado” ou refinado. Geralmente, esse termo é usado para os metais preciosos purificados no fogo. Aqui significa que os resíduos do processo de fermentação foram retirados. Esses elementos também evocam a qualidade da nova aliança.

Nesse banquete oferecido a todos os povos, Deus se revelará de modo definitivo, pois o véu dos povos será retirado. Cobrir a face era uma maneira usual para expressar pesar (2Sm 15,30) ou a forma de uma moça se apresentar diante do noivo para indicar que não se “conheciam”, ou seja, que ela era virgem. Esses dois sentidos estão no v. 7, referindo-se ao relacionamento entre Deus e as nações. Sem a revelação, os povos não conhecem a Deus e por isso estão mortos. É necessário retirar o véu e a mortalha para poder ter a comunhão proposta pelo banquete.

A destruição da morte e da dor faz pensar no futuro do reino definitivo. Trata-se de bem-aventurança anunciada também no Apo-

calipse: “Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais a morte” (Ap 21,4).

3. II leitura (Fl 4,12-14.19-20): Deus tudo proverá em vossas necessidades

Enquanto não se dá a plenitude do reino, quando já não haverá lágrimas, mas somente o banquete nupcial do Messias, a situação atual dos seguidores de Jesus é cheia de altos e baixos.

Paulo nos ensina a viver bem em qualquer situação, seja de penúria, seja de abundância. O apóstolo aprendeu, ou melhor, recebeu a instrução dessas situações de penúria e de fartura. Ele adquiriu sabedoria tirada dessas experiências que ele vivenciou.

Paulo sabe que a Deus tudo pertence e que Deus é rico em misericórdia. Por isso o apóstolo se mostra inteiramente confiante toda vez que passa por dificuldade. Ele confia na graça de Deus e, portanto, está preparado para passar por qualquer situação.

Contrária a isso é a atitude de muitos cristãos de hoje, que mantêm um relacionamento comercial com Deus. Se alguma coisa não vai bem, então Deus tem de lhes solucionar o problema. Essa atitude corresponde à veste inadequada mencionada no evangelho.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Estamos no segundo domingo do mês de outubro, mês dedicado às missões. O ano litúrgico corre para o seu final. As leituras estão exigindo cada vez mais o compromisso dos cristãos. Eis que o Rei se aproxima. É necessário convidar a todos para o banquete, é preciso que cada um verifique se está com a veste adequada. É bom incentivar a assembleia para um compromisso maior. Todos somos convidados para o banquete, mas também somos enviados a convidar. Nossa práxis cotidiana, fruto de verdadeiro compromisso com Deus, é nossa melhor forma de evangelizar, mas não a única; é necessário ir “às encruzilhadas dos caminhos

e convidar para a festa” (Mt 22,9) todos os que encontrarmos. Não podemos deixar de evangelizar porque temos muitos afazeres (v. 5).

NOSSA SENHORA APARECIDA (12 de outubro)

A VIDA DO MEU POVO, EIS O QUE
VOS PEÇO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje enfatiza a luta travada entre o bem e o mal. Do lado do bem está a mulher, que tanto na época de Ester quanto na de Maria tinha pouco espaço de ação na sociedade. Parece uma luta perdida, as forças das trevas e da morte estão em proporções gigantescas. Mas a mulher sai vencedora porque luta pela vida, e o Deus da vida está com ela.

Outro aspecto considerado pela liturgia é a intercessão. A mulher recorre Àquele que pode socorrer o povo em momentos de aflição. No Antigo Testamento, é a vida do povo de Israel que está ameaçada. No evangelho, Maria pede o vinho da nova aliança que dá a vida em plenitude. No Apocalipse, a humanidade ou nova Eva finalmente é libertada por Deus das insídias do antigo inimigo.

Esses aspectos estão presentes na devoção a Nossa Senhora Aparecida como intercessora dos pequeninos que têm a vida e a dignidade ameaçadas. Maria é o grande sinal de que a vida sairá vitoriosa sobre qualquer tentativa de impedir seu avanço à plenitude de Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 2,1-11): Eles não têm vinho

O texto de hoje começa com a expressão “no terceiro dia”, cujo significado nos remete ao dia da intervenção divina a favor do justo. Nesse caso, o acontecimento divino é o “início dos sinais” – ou seja, a manifestação da salva-

ção de Deus já começou. E Maria é aquela que intercede a Cristo. Ela pede o vinho da nova aliança, que significa ter vida em plenitude. E, para experimentarmos o vinho novo, é preciso fazer tudo o que Cristo nos disser (cf. v. 5). Maria é aquela que nos aponta o Filho. Seu desejo maternal para conosco é que sejamos verdadeiros seguidores de Jesus.

A certeza com que Maria se dirige a Jesus, apesar de não ser ainda a hora, reflete seu verdadeiro discipulado, porque ela acreditou muito antes de ver o sinal. Por isso, Maria é verdadeira intercessora da Igreja. Ela acredita e confia na ação de Deus em favor de seu povo. Ela pede o que é mais importante para nós, cristãos: a plenitude da vida. E, se seguirmos realmente sua indicação e fizermos tudo o que Cristo nos disser, jamais nos faltará o “vinho bom”, pois o teremos em abundância. Se aprendermos isso, certamente viveremos com maior profundidade nossa devoção a Nossa Senhora Aparecida.

2. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3): Tudo o que pedires eu te darei

O v. 1 do capítulo 5 do livro de Ester começa com a expressão “no terceiro dia” (o texto da liturgia suprimiu essa referência). Trata-se do terceiro dia do jejum, mas a expressão significa muito mais que isso. Os sábios judeus, ao interpretarem Oseias 6,2, afirmam que a expressão “terceiro dia” ou “três dias” significa o tempo da salvação. Até dois dias o Senhor poderá deixar o justo sofrer, mas no terceiro o salvará.

Ester corria o risco de ser executada mesmo sendo rainha, pois a lei daquele país (a Pérsia) proibia a qualquer um apresentar-se perante o rei sem que por ele tivesse sido chamado. Mas Ester arriscou a própria vida para interceder pela vida do povo. Sua vida foi preservada porque o rei estendeu o cetro para que Ester o tocasse e, segundo a lei, fosse poupada da morte.

Percebendo ter ganho o favor do rei, Ester faz o pedido: “concede-me a vida, pela qual suplico, e a vida do meu povo, pelo qual te

peço” (7,3). O rei havia oferecido a Ester até metade do reino, mas ela pediu um bem mais precioso, a vida para si mesma e para seu povo.

3. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a):

Um grande sinal no céu

No texto do Apocalipse aparece a mulher que luta com o dragão, representante das forças das trevas e da morte. É uma mulher coroada, mas sua realeza provém exclusivamente da realeza do Filho, que “governa todas as nações com cetro de ferro” (v. 5a).

O Filho é “levado para junto de Deus e do seu trono” (v. 5b), alusão à ascensão de Cristo ao céu. Isso significa que o Filho é vencedor contra as forças representadas pelo dragão. E, para usufruir dessa vitória, é necessário que cada cristão sustente a luta. No combate contra as forças do mal, o ser humano é sustentado pela fé e pela graça. Sustenta-o também a materna proteção de Maria, que não cessa de interceder a seu Filho para que a humanidade alcance a vida em plenitude.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia de hoje invoca Maria sob o título de Aparecida. Virgem negra, retirada das águas pelas redes de pescadores humildes. A homilia, mais que exaltar a realeza de Maria, deve enfatizar sua missão entre nós: estar no meio do povo, das pessoas simples, dos que não têm a vida e a dignidade defendidas. Semelhante à nossa gente pobre, Maria é mulher do povo. É bom convidar a assembleia para refletir sobre essa mulher cuja abertura para Deus e para o outro se nos apresenta como modelo dinâmico de quem quer amar, servir e encarnar Cristo Palavra.

A imagem aparecida nas águas diz muita coisa. Em Maria, todo sofredor se sente acolhido e restaurado, apesar da dor, e reanimado na esperança. Maria é sinal de que Deus é fiel e jamais abandona seus filhos. Maria é sinal de que o amor de Deus é muito maior que o amor de mãe (Is 48,15).

29º DOMINGO COMUM (16 de outubro)

ANUNCIAI ENTRE OS POVOS
QUE O SENHOR REINA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje ressalta que a história da humanidade está nas mãos de Deus. Interpretada à luz da fé, a história ganha seu verdadeiro significado: a salvação do ser humano.

Até mesmo as ações das pessoas que não têm fé podem ser vistas como colaborações inconscientes ao projeto de Deus. É isso que nos mostra a primeira leitura: o imperador Ciro, mesmo sem o saber, fez a vontade de Deus. Situações políticas totalmente seculares podem ser usadas pelo SENHOR como instrumentos para a salvação do ser humano.

Na segunda leitura, vemos que Paulo e os tessalonicenses são fiéis na difusão do evangelho. Tal fato deveria nos animar bastante, porque sabemos que, no início da Igreja, os cristãos sofriam várias perseguições. Isso significa que Deus pode servir-se até mesmo de situações adversas para realizar a salvação, porque ele é o Senhor da história.

No evangelho, Jesus traça uma linha divisória: a autoridade política tem seu campo próprio, a ordem e o bem público. Dentro desse campo, a autoridade política deve ser respeitada. Mas a autoridade política não tem o poder de exigir o que somente a Deus é devido.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 22,15-21): Dai a Deus o que é de Deus

O evangelho de hoje nos põe diante de um dilema no qual muitas vezes travamos: como conciliar em nosso cotidiano duas realidades por vezes antagônicas, a autoridade política e a religiosa? Nesse caso, Jesus nos aponta o caminho a seguir.

A pergunta feita a Jesus certamente é bem maliciosa. Os judeus estavam sob o domínio

romano, e o pagamento do tributo era prova de sujeição ao imperador. Se Jesus respondesse que o povo deveria pagar o imposto, perderia sua popularidade, seria acusado de trair sua nação e perderia qualquer pretensão messiânica. Caso respondesse que não deveria pagar o imposto, seria acusado de rebelião contra o império e seria preso. Fosse qual fosse a resposta, Jesus estaria em perigo. Mas ele ultrapassa a questão do lícito ou ilícito e conduz seus interlocutores a uma reflexão mais profunda: a autoridade política não pode tomar o lugar de Deus.

Para Israel, só Deus podia reinar sobre o povo, mediante um representante tirado de uma das tribos. Por isso, a sujeição ao imperador romano era sinal de idolatria. Além disso, essa situação se agravou quando o imperador se autoproclamou divino.

Quando Jesus pergunta de quem é a figura e a inscrição na moeda, entra no âmago da questão. Os judeus usavam a moeda romana e, por isso, não tinham por que se opor ao pagamento do imposto. Mas ele acrescenta que se deve dar a Deus o que é de Deus, reafirmando a soberania do SENHOR sobre Israel e as nações. No grego, a palavra “dar” também significa “devolver”. E, já que a imagem de Deus está gravada em nós, devemos “devolver” nossa vida em adoração a ele, cumprindo a sua soberana vontade. Assim, a prática de devolver a Deus o que é de Deus destrói toda idolatria.

A autoridade política deve ser respeitada, porque está a serviço do bem comum, mas nunca terá o poder de exigir o que é devido somente a Deus, cuja imagem está impressa em nós.

2. I leitura (Is 45,1.4-6): Eu sou o Senhor e não há outro

O texto bíblico começa com a afirmação de que Ciro, o rei persa que dominava sobre os judeus, tinha sido escolhido por Deus para executar a tarefa de fazer o povo exilado voltar à terra de Israel. É uma afirmação muito

estranha na Bíblia, porque o termo “ungido” (messias ou cristo) era reservado apenas para três categorias em Israel: reis, sacerdotes e profetas. Afirmar isso de um rei estrangeiro, que servia a outros deuses, é algo único na Bíblia.

Para entender esse versículo, é necessário imaginar o que as pessoas da época poderiam estar pensando. Quando souberam do decreto do imperador que os liberava para voltar a Israel, os judeus poderiam pensar: “Que feliz coincidência e que sorte nós tivemos, a política do imperador vai nos favorecer”. O profeta entrou em ação para dizer que as coisas não eram bem assim como estariam pensando, deixando claro que não se tratava de sorte ou coincidência. Deus é sumamente fiel e ama os filhos de Israel; ele os tirou da escravidão do Egito, levou-os para a terra prometida e para lá os faz retornar. Ciro não passa de um instrumento de Deus para executar uma tarefa. O imperador não é uma divindade, ao contrário, é como uma criança conduzida por um adulto para fazer algo que ela nem tem consciência do que seja. Ciro é tomado pela mão e levado pelo SENHOR para libertar os judeus.

Assim, o texto bíblico orientou as pessoas antigamente e nos orienta hoje para a consciência de que nenhuma autoridade é eterna ou absoluta: há um único Deus e tudo está submetido a ele e ao seu plano. Nada nem ninguém podem impedir a realização do projeto divino. O livre-arbítrio humano pode apenas escolher entre colaborar ou não com Deus. A história da humanidade está imersa no projeto de Deus como peixes num aquário, que podem nadar de um lado a outro, mas sempre estão dentro do mesmo recipiente. Mesmo quando se tenta impedir que o projeto divino se realize, Deus é suficientemente criativo para do mal fazer um bem. Prova disso é que a morte de Jesus na cruz se tornou vida plena para quem o segue.

3. II leitura (1Ts 1,1-5b): O evangelho foi anunciado entre vós

Paulo escreve uma carta à Igreja que se encontrava em Tessalônica, cidade pagã cujos

habitantes estavam a serviço de vários ídolos. Os cristãos dessa cidade, ao contrário, são assembleia santa, são eleitos de Deus e congregados em Jesus Cristo.

O apóstolo sempre se lembra da “ação da fé” dos tessalonicenses. Essa expressão pode parecer estranha aos ouvidos atuais, porque hoje comumente se compreende fé como se se tratasse de um sentimento. Mas, nos idiomas antigos, fé é um modo de viver, é a vida em ação colaborando com Deus. Colaborar significa “trabalhar com”. Assim a fé é mais que um sentimento: é uma tarefa, um ofício, um trabalho, uma missão. O plano de Deus se realiza independentemente da fé do ser humano; mas os que vivem a fé assumem consciente e livremente esse plano como um objetivo de vida a ser realizado e trabalham com Deus na efetivação desse projeto, até que chegue à plenitude.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

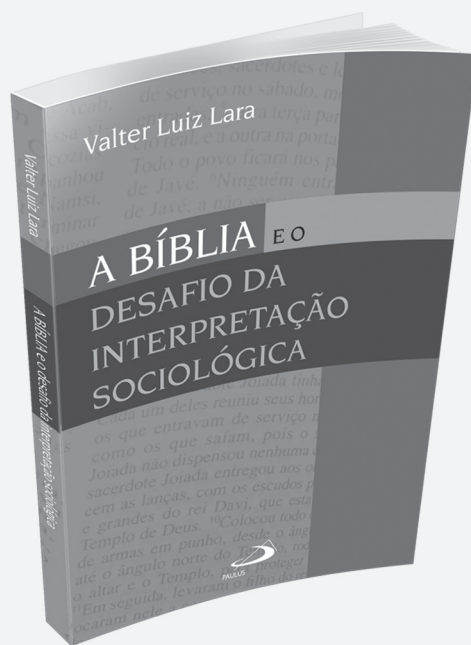
Chegamos à segunda metade do mês missionário, e alguns eventos já devem ter sido realizados na comunidade. Mas alguns cristãos ainda não se envolveram na proclamação do reino de Deus. Alguns estão em situação semelhante à de Ciro: embora suas ações sejam boas, eles não as realizam como fruto de uma opção consciente e comprometida com o reino de Deus. Outras pessoas são como os judeus exilados: não conseguem ver a mão de Deus por trás dos acontecimentos históricos. Quando muito, pensam que os desastres são castigos, e esta é a leitura mais errada que se pode fazer dos eventos históricos.

Ainda podemos considerar algumas pessoas semelhantes aos fariseus do evangelho: confundem autoridade humana com autoridade divina, pensam que o fato de não cometer escândalos é suficiente para alguém ser considerado amigo de Deus.

Contudo, a Igreja necessita de pessoas como os tessalonicenses, cuja fé é mais que um sentimento ou religiosidade desencarnada. A Igreja necessita de cristãos de quem se possa dizer: “Lembro-me sempre da ação de vossa fé” (cf. 1Ts 1,3).

A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica

Valter Luiz Lara



A obra pretende ajudar o leitor a perceber a relevância dos contextos histórico e sociológico no trabalho de interpretação bíblica, condição para atualização e contextualização críticas da Sagrada Escritura.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 16 cm x 23 cm

Páginas: 160

Cód.: 9788534930741

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje destaca o maior mandamento: amar a Deus e amar o próximo. No livro do Êxodo, encontramos uma série de leis sobre os deveres para com as categorias sociais mais necessitadas naquela época: estrangeiros, viúvas, órfãos e endividados. No Novo Testamento, essas exigências são plenificadas pelas palavras de Jesus, ao pôr em paralelo o amor a Deus e o amor ao próximo. Mais que palavras, a obra redentora de Cristo é a expressão de seu amor ao Pai e ao ser humano. O Filho de Deus é verdadeiramente aquele que se fez próximo de quem mais necessitava da plenitude da vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 22,34-40): Amor a Deus, amor ao próximo

O evangelho de hoje nos situa diante de uma pergunta muito importante não apenas para os judeus, como também para nós, cristãos: o maior mandamento. É importante para nós, seguidores de Jesus, porque o mandamento nos reporta à prática evangélica.

A resposta de Jesus, fundamentada na Escritura, une dois mandamentos já conhecidos e praticados pelos judeus. O primeiro é *amar a Deus* (Dt 6,5), que resume a vocação própria de Israel, a razão de sua existência. Em Cristo, essa vocação estendeu-se a todos nós, chamados a amar a Deus no Filho amado. Ele nos ensinou o caminho de acesso a Deus Pai, no amor e na doação de sua vida integralmente.

O segundo é *amar o próximo como a si mesmo* (Lv 19,18), cujo fundamento é Deus, que ama o ser humano. A realização desse mandamento faz parte da vocação de Israel e, em Jesus, chegou à plenitude, porque Cristo amou o próximo não como a si mesmo, mas como o Pai o ama. Deu-se totalmente ao outro

como se dava totalmente ao Pai e como o Pai se dava a ele. Sem reservas. Por isso, ao unir os dois mandamentos e defini-los como vontade de Deus expressa na totalidade da Escritura (Lei e Profetas), Jesus apresenta uma novidade à sua época e a nós.

Jesus quer ressaltar que o mais importante para cumprir a vontade de Deus não é o muito fazer, seja por Deus, seja pelos irmãos. O importante é ser para o outro, como ele próprio foi para Deus e para o próximo. Toda a sua vida e missão traduziram quem ele é: o Filho amado. Toda a sua ação em prol do outro foi baseada no amor filial, fonte de sua existência. Toda a Escritura (Lei e Profetas) testemunha que a realização da vontade de Deus está no cumprimento do duplo mandamento de amar a Deus e o próximo. Tudo o mais, nossos afazeres, nossas devoções etc. só têm sentido se nascem desse mandamento.

2. I leitura (Ex 22,20-26): "Quem ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4,21)

A série de leis que aparecem nesse texto bíblico baseia-se em dois fundamentos:

- não se deve fazer a outrem o que não é desejado para si mesmo (Ex 22,20);
- Deus é o libertador e tem particular cuidado com os atribulados, escuta seus clamores e é misericordioso para com eles (Ex 22,26).

São estas as categorias sociais mencionadas nas proibições:

- *o estrangeiro*. Na Antiguidade, cada indivíduo tinha a identidade vinculada a uma tribo ou clã de origem que o protegia. Em viagem ou quando havia migração de uma pequena família para outra região, então facilmente essas pessoas ficavam sem proteção e à mercê da violência, por causa da distância da tribo à qual pertenciam.
- *a viúva e o órfão*. A mulher era protegida pelo pai e, na falta deste, pelos irmãos adultos; se casada, pelo marido e, na

ausência deste, pelos filhos adultos. A viúva propriamente dita era uma mulher cujo pai ou irmãos estavam ausentes e que, com a morte do esposo, tinha ficado sozinha com filhos ainda crianças. Nessa condição, a mulher estava totalmente desprotegida, podendo sofrer violência e escravidão. Ela está na mesma situação da criança órfã.

3. II leitura (1Ts 1,5c-10): Sois um exemplo para todos

A segunda leitura é um exemplo prático de amor a Deus e ao próximo, concretizado no perdão e na perseverança.

Paulo elogia os tessalonicenses por perseverarem na fé, apesar das tribulações pelas quais passaram. Os tessalonicenses imitavam o modo de viver de Paulo e, em última instância, o modo de viver de Cristo. Quando abraçaram a fé cristã, os tessalonicenses sofreram calúnias e outras perseguições dos moradores da cidade. Mesmo assim, nada os impediu de perseverar no amor a Deus e na divulgação do evangelho entre os que os perseguiam. Isso mostra que o amor ao próximo não é sinônimo de ajudar os aflitos. O próximo é aquele de quem me aproximo, seja para ajudar, seja para perdoar. Não podemos confundir “próximo” apenas com “necessitado”.

Os cristãos de Tessalônica eram alegres, apesar das perseguições. Não sentiam uma alegria superficial, como a que brota de um coração vazio de sentido e sedento por diversões. Tratava-se, antes, da alegria profunda de quem não guarda rancor, de quem sabe perdoar e amar. Os tessalonicenses perseveravam no amor a Deus e ao próximo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Destacar na homilia a dicotomia presente na vida de alguns cristãos e chamar a atenção para a unidade entre fé e vida.

Muitos cristãos ainda não assimilaram o mandamento de Jesus sobre o amor a Deus

A imaginação apocalíptica

Uma introdução à literatura apocalíptica judaica

John J. Collins



O livro é um dos mais amplamente elogiados estudos de literatura apocalíptica judaica jamais escrito. E esta segunda edição do estudo de Collins representa uma atualização e uma reescrita completas da obra original. Especial destaque para o capítulo sobre os Manuscritos do Mar Morto.

Outros capítulos discutem apocalipse como um gênero literário, exploram o fenômeno e a função do apocalipticismo no mundo antigo e estudam uma ampla gama de textos apocalípticos individuais, entre outros temas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 480

Cód.: 9788534932448

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



e ao próximo. Muitos lutam por justiça, têm uma prática social e estão engajados na luta por um mundo melhor, mas não têm um momento para estar com Deus em oração, não têm tempo para o Senhor, e, em consequência, suas ações não são fruto de escuta ou de discipulado. Outros cristãos vivem para louvar, para práticas devocionais de novenas e rosários; passam tanto tempo na igreja, que não têm um momento para a família, para os amigos, para os vizinhos ou colegas de trabalho.

Discípulos e missionários, orantes e atuantes, dedicados a amar a Deus e amar o próximo, é isso que constitui verdadeiros seguidores de Jesus.

31º DOMINGO COMUM (30 de outubro)

ELES NÃO PRATICAM O QUE ENSINAM

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje enfoca o papel de quem tem a responsabilidade do ensino e da liderança na Igreja, sejam bispos, presbíteros ou leigos. O tema é, na verdade, uma exortação e um convite à fidelidade. Na primeira leitura, o profeta Malaquias faz severa crítica aos sacerdotes antigos que, longe de levar o povo a encontrar-se com Deus e de pôr em prática a Escritura, afastavam as pessoas com falsas doutrinas: “Vós vos afastastes do caminho e fizestes tropeçar a muitos por vosso ensinamento” (Ml 2,8). Também Jesus, no evangelho, critica a postura dos líderes religiosos da época, reconhecendo que eles se assentam na “cátedra de Moisés”, mas agem com hipocrisia, pois não vivem o que exigem das pessoas comuns. “Sentar-se na cátedra” é expressão que ainda hoje significa “ter autoridade para ensinar”. A essa conduta Jesus contrapõe a docilidade e a simplicidade dos discípulos seus. Trata-se de qualidades vividas por Paulo, conforme o texto da segunda leitura: “nos tornamos pequenos no meio de vós” (1Ts 2,7).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 23,1-12): Um só é vosso mestre

O evangelho de hoje vem nos exortar acerca da responsabilidade que assumem os que se dedicam ao ensino e à liderança da comunidade.

Jesus afirma a autoridade dos que assumiram a tarefa do ensino. Exorta a todos os seus ouvintes a fazer e observar o que lhes é ensinado. Mas chama a atenção para a conduta desses líderes, pois o comportamento deles está em contraste com o que ensinam. E isso é sinal de infidelidade à missão assumida.

O primeiro contraste apontado por Jesus é o acúmulo de observâncias exigidas do povo que não fazem parte do cerne da fé. E tais práticas não são de todo desconhecidas para nós. Vemos muitas vezes fiéis que se impõem “pesados fardos” como necessários para chegar a Deus. Esse tipo de conduta retrata uma visão deturpada de Deus. Ele não quer de nós observâncias externas, mas apenas o nosso coração. E é dever nosso, sejamos líderes ou não, ajudar essas pessoas a encontrar o núcleo na fé cristã: seguir Jesus.

Outro contraste diz respeito à hipocrisia e ostentação das pessoas que, por estarem à frente da comunidade, querem ser tratadas com honra e gostam de ser reconhecidas como “mestres”. Mas Jesus afirma: “um só é vosso mestre”. Dessa forma, destrói toda pretensão de usurpamos o lugar que não é nosso. Podemos nos sentar na “cátedra” para ensinar, mas ela não nos pertence.

Jesus nos ensina como deve ser o comportamento do verdadeiro discípulo: deixar que Cristo seja o único mestre. E a prova da grandeza do discípulo não está no uso de títulos, mas no serviço humilde ao irmão, pois o mais importante é a fraternidade. Foi isso o que Jesus, o mestre, nos ensinou com sua vida. Se nos dedicarmos ao serviço fraterno, com certeza mereceremos nos sentar para ensinar, pois o mais eloquente discurso que

proferimos é nossa própria vida configurada a Cristo.

2. I leitura (Mt 1,14b-2,1-2b.8-10): Um só é vosso guia

Os sacerdotes levitas tinham como missão ensinar a vontade de Deus ao povo. Essa vontade, expressa na Escritura, nem sempre é realizada pelo ser humano, porque este é limitado e pecador. Em decorrência disso, os sacerdotes deveriam realizar os ritos de reconciliação entre o pecador e Deus. Os ritos eram, portanto, secundários; vinham em auxílio ao pecador para que este não permanecesse afastado de Deus. O profeta Malaquias faz dura crítica aos sacerdotes, porque não realizam de forma correta estes dois aspectos da missão deles: não ensinam ao povo a vontade de Deus nem realizam corretamente os ritos de reconciliação e comunhão. Portanto, o povo fica duplamente afastado de Deus por culpa dos sacerdotes levitas. Os que tinham a missão de guiar o povo como representantes de Deus não o faziam adequadamente, e por isso Deus os rejeitou para essa função. Para que o povo não se perdesse, Deus mesmo prometeu ser seu guia.

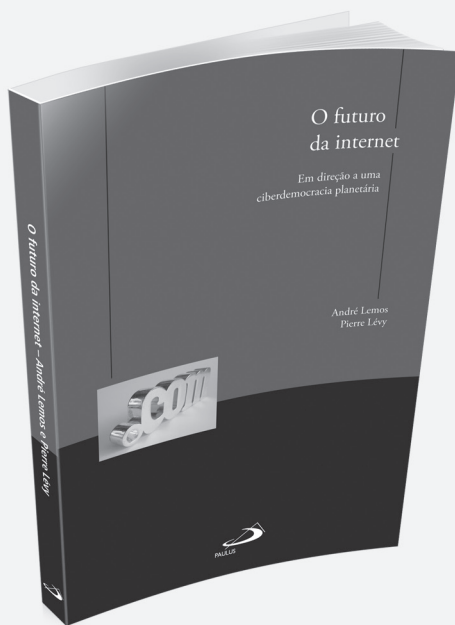
3. II leitura (1Ts 2,7b-9.13): Um só é vosso Pai

O apóstolo Paulo é exemplo concreto de como deve ser o seguidor de Jesus. Ele se apresentou perante os tessalonicenses sem ostentação e sem orgulho. Não se sentia melhor que os outros apenas porque tinha recebido de Deus a missão de ensinar as verdades do cristianismo. Paulo esteve entre os tessalonicenses cheio de doçura e mansidão. Estava convicto de sua autoridade para ensinar, no entanto o fazia como uma mãe a seus filhinhos. A responsabilidade que sentia era tão grande, que estava disposto a dar a própria vida em favor deles. O apóstolo trabalhava dia e noite, por generosidade, para que os tessalonicenses não tivessem gastos com ele. E porque não buscava os próprios interesses, a sua pregação

O futuro da Internet

Em direção a uma ciberdemocracia planetária

André Lemos e Pierre Lévy



Este livro apresenta uma síntese das transformações que o crescimento da Internet provoca na vida democrática. Propõe também uma filosofia política original que explora, de maneira audaciosa, o possível aprofundamento da democracia na era da cibercultura.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 264

Cód.: 9788534931816

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



foi eficaz. Paulo deixava toda a honra para Deus Pai, a quem servia por meio de Jesus e do Espírito Santo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A homilia é uma exortação à fidelidade, e não um momento para que o presidente da celebração explique e justifique qualquer falha ou omissão. As leituras são claras: criticam todas as pessoas constituídas em autoridade para ensinar e guiar o povo. Em primeiro lugar atinge os ministros ordenados e depois os leigos que exercem algum mandato para essas funções. Tanto os sacerdotes levitas quanto os escribas e fariseus estavam nas funções de condução e ensino do povo. Hoje essas funções são exercidas na Igreja também por clérigos e leigos. É bom destacar um momento penitencial no qual se reconheçam as limitações em vez de “dar desculpas” pelos comodismos ou culpar a alta hierarquia. A Igreja santa e pecadora somos todos nós. É bom aproveitar a exortação que a liturgia nos faz para avaliarmos a quantas anda a missão, que é um mandato para todos nós. Ensinamos o que é vontade de Deus ou aproveitamos o momento para nos sentirmos maiores e melhores que os outros? Servimos ou somos servidos?

INSTITUTO JESUS SACERDOTE

Testemunho

Pe. João de Deus de Souza – Salvador/BA

O Instituto Jesus Sacerdote, fundado em 1958 e aprovado pela Santa Sé em 18 de abril de 1960, faz parte da Família Paulina fundada pelo bem-aventurado padre Tiago Alberione e visa congregar bispos e padres seculares que almejam a perfeição evangélica na vivência dos votos religiosos e continuam a missão evangelizadora no meio do mundo sem serem do mundo. Está unido à obra evangelizadora da Pia Sociedade de São Paulo, que está aberta a todos os instrumentos mais modernos, rápidos e eficazes em prol do anúncio do evangelho.

A vivência dos três conselhos evangélicos leva o membro a uma doação total a Deus pela prática do amor, o cume da perfeição. Exige-se de cada membro a entrega total a Jesus Cristo, a qual leva à prática radical de suas lições ao cumprir a vontade do Pai: a salvação e libertação do homem todo e de todos os homens.

Sou padre diocesano e em 2011 completo 25 anos de sacerdócio. Entrei em contato com os padres paulinos por meio da revista Vida Pastoral. Estou terminando o segundo ano de noviciado. A experiência de Deus é maravilhosa, e tudo vale a pena por causa de Jesus Cristo. Escuto o chamado de Deus para, além de responder aos compromissos assumidos no sagrado ministério diocesano, praticar os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência e o que o estatuto do Instituto Jesus Sacerdote orienta: que eu viva a radicalidade do evangelho no meio do mundo, buscando dar testemunho em primeiro lugar, isto é, viver até as últimas consequências as exigências da missão evangelizadora.

No centro de minha motivação está Jesus Cristo, Divino Mestre, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6); o apóstolo Paulo é exemplo de vocação, testemunha fiel, grande discípulo e missionário que nos deixou um tesouro espiritual de imensurável valor, assim como o bem-aventurado padre Tiago Alberione, apóstolo de nosso tempo, que brilha por seu testemunho de zelo apostólico, na escuta atenta aos sinais dos tempos, e Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos, “Caminho para Cristo”, porque é modelo de fé e seguidora fiel na obediência à palavra de Deus.

Dou graças a Deus por meu crescimento no conhecimento de Jesus Cristo adquirido neste tempo de formação, para poder amá-lo acima de todas as coisas e segui-lo com disposição, coragem e abnegação.

Peço as orações de todos os irmãos para que eu possa continuar dizendo SIM, como Maria Santíssima, em todos os momentos e por toda a vida.

Para informações, dirigir-se a: Institutos Paulinos - Via Raposo Tavares, km 18,5 - 05576-200 - São Paulo - SP institutospaulinos@paulinos.org.br

Visite o nosso site: <http://www.paulinos.org.br/novo/institutos.php>

FOLHETO O DOMINGO CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS



Trata-se de um excelente subsídio para as celebrações litúrgicas nas comunidades sem padres. O folheto auxilia na preparação e na animação das celebrações da Palavra, trazendo as leituras, orações, comentários e dicas para a reflexão sobre as leituras, além de artigos para o enriquecimento catequético-pastoral e espiritual.

Assinaturas: (11) 3789-4000
ou pelo e-mail: assinaturas@paulus.com.br

Criação PAULUS / Imagem meramente ilustrativa.